

EDUCAR E EVOLUIR

ISSN 2596-2116

VOLUME 1 NUMERO 5 SETEMBRO DE 2021

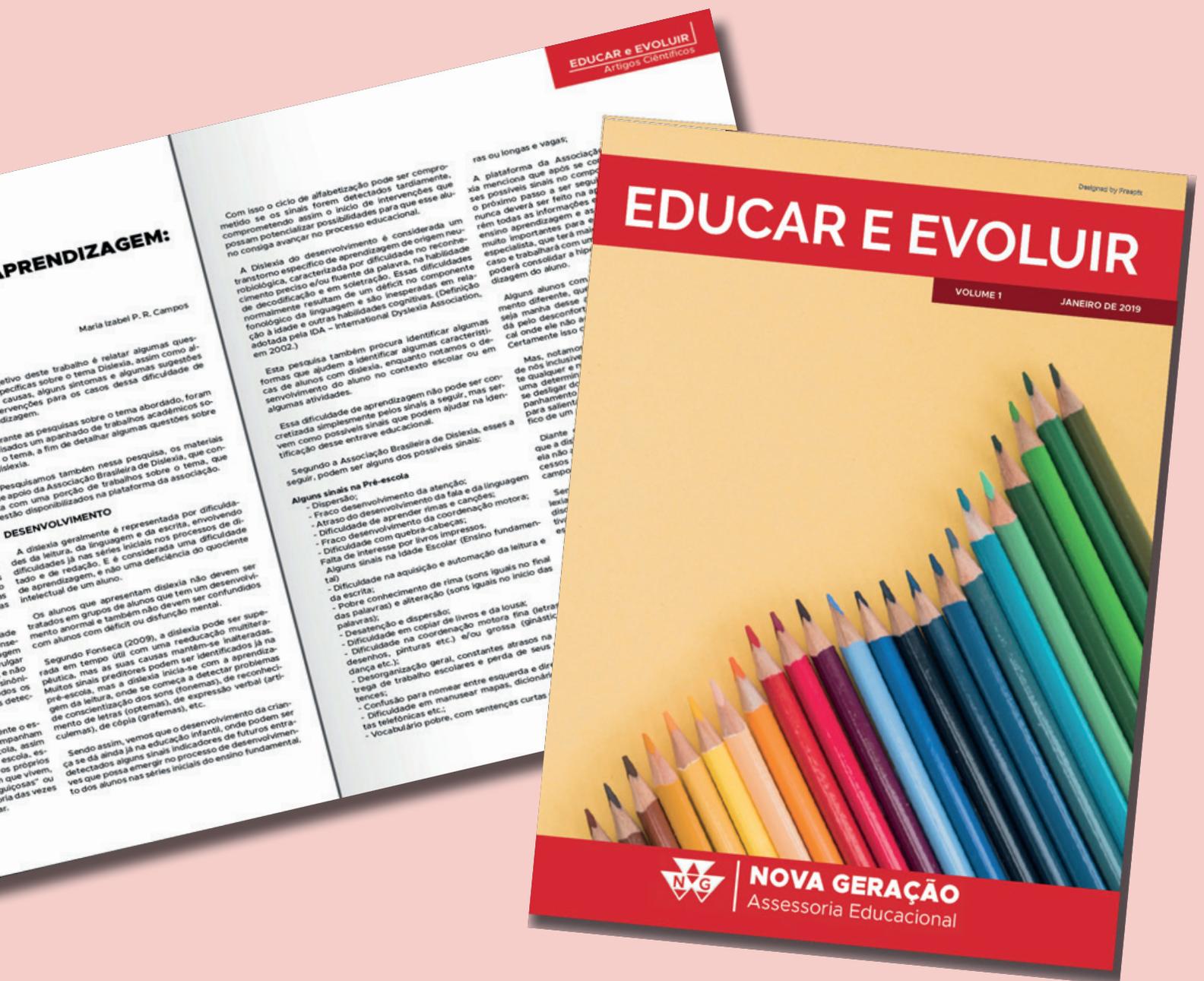


NOVA GERAÇÃO
Assessoria Educacional



NOVA GERAÇÃO
Assessoria Educacional

**PUBLIQUE SEU ARTIGO NA REVISTA DA
NOVA GERAÇÃO E GANHE PONTOS PARA
EVOLUÇÃO FUNCIONAL**



 (11) 2025-8405  (11) 99179-7848

www.novageracaoeducacional.com.br

Revista Educar e Evoluir - Nova Geração Assessoria Educacional

Quinta Edição - Volume 1 – N 5, (Setembro de 2021)

Trimestral

ISSN 2596-2116

E-mail: educareevoluir@novageracaoeducacional.com.br

Endereço Eletrônico: <http://www.novageracaoeducacional.com.br/wp/revista/>

Bibliotecária Responsável: Cláudia Luísa Siqueira

Número de Credenciamento: CRB 10260 / 8 Região

CARTA AO LEITOR

Estamos em uma sociedade transformadora e a educação deve atender aos anseios da comunidade. As novas perspectivas de um futuro é tudo aquilo que todos nós educadores, tentamos há décadas, direcionando nossos docentes à uma especialidade de ser auto suficiente.

Para uma educação voltada para a reflexão, a crítica, a ação e a inovação estamos criando a revista Educadores do Futuro, com intuito de auxiliar nossos educadores a direcionar melhor a educação num todo, com novas habilidades e mudanças no cotidiano educacional.

Ao direcionar a criação desta, levamos em conta as mudanças econômicas e tecnológicas, que propiciaram uma abundância de informações e a aceleração na circulação dos conhecimentos.

Quando as mudanças são apresentadas, há relutância, mas com uma forma diferente para enxergarmos a educação como prioridade máxima e suas razões futuristas.

Garantimos à todos um propósito de alcançar seus objetivos e se aliar aos grandes pensadores, profissionais da educação num modo geral, que relutem contra tudo e contra todos por um futuro melhor na cumplicidade dos projetos intra e extra curriculares, estratégicos, na revolução do mundo criativo e de fontes na interdisciplinaridade mundial transformadora para um futuro brilhante de toda nação.

Destacamos que a educação hoje se fundamenta no desenvolvimento de competências fundamentais para a educação do futuro e apresenta princípios legais que regem os processos educacionais neste início do século XXI. O entendimento de que precisamos aprender a aprender, nos remete à revisão habitual das praticas que envolvem a educação.

Assim, adaptar-se aos saberes necessários a uma prática pedagógica contextualizada com realidades atuais é essencial para construir um modelo educacional de qualidade.



Severino José Gonçalves
Diretor da Nova Geração Assessoria Educacional

EDITORIAL

É muito claro que o processo educacional está sempre em constante transformação, permeado pelo contexto da nova realidade de mundo e cotidiano que vivemos atualmente.

Aos longos anos que participamos do processo de formação de educadores, nós da Nova Geração Assessoria Educacional percebemos a grande necessidade de trocas de experiências entre os profissionais da educação.

Sabendo que além da prática docente, a troca de experiências e vivências no contexto educacional com uma linguagem produzida com a experiência dos professores e educadores é uma forma de transmissão e compartilhamento de conhecimentos e consequentemente da evolução e aprimoramento na formação dos agentes transformadores.

Com a experiência que temos e a pedido de muitos dos nossos queridos alunos educadores, é que nós da Nova Geração Assessoria Educacional propomos esse projeto de compartilhamento de práticas, vivências e materiais de pesquisa entre educadores, através dessa

ferramenta, pois sabemos o quão útil esse canal se tornará para o futuro da educação.

Acreditamos no diálogo entre os educadores, das suas práticas, das suas vivências e das suas pesquisas na área da educação, tanto bibliográficas quanto in loco, confiamos assim que essa é uma forma objetiva e efetiva de troca de saberes e conhecimentos, com teores educacionais essenciais para a prática, reflexão e auto-reflexão docente.

Dessa forma, apresentamos a revista “Educar e evoluir”, material que será publicado em edições on-line e Trimestrais que sempre terá como conteúdo artigos científicos, projetos educacionais, práticas docentes e pedagógicas, materiais de pesquisas acadêmicas que sempre serão publicados com o intuito de formação dos professores e educadores em geral.

A Nova Geração Assessoria Educacional tem a participação de seus alunos, formadores e seus conhecimentos como o maior patrimônio de conhecimento e a ampliação está no compartilhamento que será possível com esse projeto.

EXPEDIENTE

EQUIPE EDITORIAL

Leandro Riverti de Souza
Severino José Gonçalves

EDITOR CHEFE

Severino José Gonçalves

REVISÃO E NORMATIZAÇÃO DE TEXTO

Thainara Riverti Gonçalves
Luciene Martins Riverti

CAPA E PROJETO GRÁFICO

Larissa Riverti do Nascimento

Revista Educar e Evoluir
Quinta Edição - Volume 1 – N 5
(Setembro de 2021)

PERIODICIDADE: Trimestral

Os conceitos emitidos nesta revista são de inteira responsabilidade dos autores.

É proibida a reprodução total ou parcial desta obra sem prévia autorização dos autores.

COPYRIGHT: Nova Geração Assessoria Educacional
Rua Professor Antônio Gama de Cerqueira, 325 – Vila Americana – São Paulo/SP
CEP 08010-130 – Telefone: 2025-8405
E-mail: educareevoluir@novageracaoeducacional.com.br

BIBLIOTECÁRIA RESPONSÁVEL: Cláudia Luísa Siqueira
Número de Credenciamento: CRB 10260 / 8 Região

ÍNDICE

- 07** | **A APRENDIZAGEM LÚDICA NA EDUCAÇÃO INFANTIL**
- Daniele Oliveira Sales
- 15** | **A DIVERSIDADE DE MATERIAS NAS PRODUÇÕES ARTÍSTICAS**
- Rebeca Lopes da Silva
- 20** | **A IMPORTÂNCIA DO ENSINO DE ARTE NOS ANOS INICIAIS DO ENSINO FUNDAMENTAL**
- Rebeca Lopes da Silva
- 27** | **A MATEMÁTICA NO ENSINO INTEGRAL**
- Wânia Balabenute de Oliveira
- 34** | **ARTES NO ENSINO FUNDAMENTAL**
- Edna dos Santos Silva Benatti
- 40** | **AS POSSIBILIDADES DO ENSINO DE ARTES NA EDUCACAO INFANTIL**
- Rebeca Lopes da Silva
- 45** | **CRIANDO UM PLANO DE GESTÃO E ORGANIZAÇÃO DA SALA DE AULA**
- Wânia Balabenute de Oliveira
- 50** | **IMPORTANCIA DAS ARTES VISUAIS NO ENSINO**
- Edna dos Santos Silva Benatti
- 56** | **MATEMÁTICA NO ENSINO FUNDAMENTAL**
- Edna dos Santos Silva Benatti



A APRENDIZAGEM LÚDICA NA EDUCAÇÃO INFANTIL

Daniele Oliveira Sales

Graduação em Pedagogia pela faculdade Universidade Nove de Julho- UNINOVE (2011)
Professor de Educação Infantil- Prefeitura Municipal de São Paulo- CEU CEI Ana Lúcia de Holanda Gamboa- Prof^a.



RESUMO

O objetivo que se pretendeu alcançar por meio desta pesquisa foi compreender como os jogos e brincadeiras se relacionam com a aprendizagem e o desenvolvimento da criança. Eles são de extrema importância para o seu desenvolvimento integral, pois vai muito além do entretenimento, antes movimenta todo o corpo, dá noção de espaço, força, lateralidade, trabalha o raciocínio lógico entre tantos outros campos. Para isso, foi adotada como metodologia a pesquisa bibliográfica, na qual foram consultados inúmeros teóricos que se debruçaram sobre o tema. Através dos resultados obtidos, foi possível refletir sobre as práticas pedagógicas mais adequadas e necessárias para o desenvolvimento do trabalho com as crianças da Educação Infantil.

Palavras-chave: Lúdico; Educação Infantil; Jogos e Brincadeiras.

ABSTRACT

The aim of this research was to understand how games and games relate to children's learning and development. For this, the bibliographical research was adopted as a methodology, in which numerous theorists who studied the theme, such as Piaget, Winnicott and Vygotski, were consulted. Through the results obtained, it was possible to reflect on the most appropriate and necessary pedagogical practices for the development of work with children in Early Childhood Education regarding symbolic notions, through the use of games, toys and games, concluding that games and games have fundamental role in child learning and development as a whole.

Keywords: Keywords: Playful; Child education; Games and Pranks

INTRODUÇÃO

Esta pesquisa se propõe a buscar compreender a como os jogos simbólicos na Educação Infantil contribuem para a aprendizagem e para o desenvolvimento integral da criança. Parte-se do pressuposto de que os jogos simbólicos desempenham significativo papel no processo de aprendizagem da criança, auxiliando-a de maneira total em seu desenvolvimento.

O tema demonstra-se relevante por ser na brincadeira que a criança se depara com desafios de pequenas e grandes proporções e inicia então a busca de soluções para tais situações. No ato de brincar a criança também representa a si mesma, o outro e o mundo, brincando ela diverte-se, exercita-se mental e fisicamente.

Este trabalho será resultante de pesquisa de revisão bibliográfica e abordará autores que apresentam contribuições relevantes para o tema.

Para dar início à reflexão sobre as questões expostas, será apresentado um histórico da Educação Infantil, bem como uma perspectiva sobre as características das crianças na fase de 0 a 3 anos. Em seguida, será realizada uma análise sobre o papel do dos jogos, brinquedos e brincadeiras na Educação Infantil. Por fim, buscar-se-á compreender as concepções de diferentes autores a respeito dos jogos simbólicos, findando em uma reflexão sobre sua relevância no processo de construção de sua identidade.

1. O SURGIMENTO DA EDUCAÇÃO INFANTIL

No Brasil, a infância recebeu pouca atenção e atendimento até 1874, de acordo com Kramer (2003, p. 43), que aponta o período de 1874 a 1889 como um momen-

to em que alguns grupos, principalmente compostos por médicos, elaboraram projetos de atendimento a crianças que não chegaram a se efetivar.

Até 1974, a justiça se concentrava em questões relacionadas a bens, por meio do Código de Leis e Regulamentos Orfanológicos, dedicando-se a regulamentar o que dizia respeito a heranças, doações, criação de órfãos e tutoria.

Kramer (2003, p. 43) sinaliza que o motivo que deu origem às primeiras ações dirigidas às crianças foi o alto índice de mortalidade infantil que, de acordo com os higienistas, ocorria por conta do nascimento de crianças que eram fruto do envolvimento entre escravos, ou até mesmo entre senhores e escravos.

A segunda justificativa para a questão da mortalidade infantil era a educação das próprias mães, que apresentava falhas no que concernia a conhecimentos sobre o corpo. Também se considerava que muitas mães tinham problemas morais e intelectuais que as impediam de desempenhar corretamente seu papel, de forma que isto afetava os cuidados para com seus filhos, especialmente ao permitirem o aleitamento por escravas, expondo os bebês aos riscos que elevaram a mortalidade infantil a níveis alarmantes.

Segundo Kramer (2003, p. 44), somente a partir do início do século XIX os cuidados com questões de ordem médica e escolar tiveram algum avanço, com o surgimento de instituições e leis que tinham como foco o atendimento às crianças. Em 1899, surgiu o Instituto de Proteção e Assistência à Infância do Brasil, com o intuito de prestar atendimento a crianças de até oito anos de idade, bem como trabalhar na elaboração de leis que regulamentassem o atendimento dos recém-nascidos, o trabalho das amas de leite, a proteção de crianças trabalhadoras e aquelas que cometiam delitos. Também se destinava a oferecer auxílio aos menores pobres, abandonados e doentes. Todas estas iniciativas estavam em torno da ideia da criação de maternidades e creches, por meio das quais os atendimentos que faziam parte dos objetivos do Instituto poderiam ser realizados.

Aranha (1989, p. 127) destaca a contribuição de Friedrich Froebel, que nasceu na Turíngia e viveu entre 1782 e 1852, ao princípio das iniciativas em relação à educação voltada à primeira infância, de maneira que os chamados Kindergarten, que eram os jardins de in-

fância, surgiram sob a ideia de que os anos iniciais da vida de uma pessoa são essenciais e decisivos para o seu desenvolvimento até a vida adulta. A autora explica que a expressão “jardim de infância” não era por acaso, pois remete ao cuidado de um jardineiro para com a sua planta desde a fase de semente, e o zelo que ele dispensa para que cresça forte e bela.

Muitos aspectos relacionados à fundamentação teórica da psicologia de Froebel receberam grandes críticas e foram amplamente questionados, lembra Aranha (1989, p. 127), entretanto, é preciso reconhecer sua contribuição e influência no desenvolvimento da ideia de uma vertente da Educação que estivesse voltada às especificidades da criança. Após este período, começou a tomar forma uma nova maneira de ver e interagir com as crianças, com base no comportamento compreendido como “civilizado”, por meio do qual os ricos queriam distinguir-se dos pobres, de modo que:

a condição de ser adulto civilizado, distinto das camadas pobres e rudes, foi sendo elaborada não somente a partir das necessidades sociais de distinção de classes, mas também a partir da elaboração das prescrições de educação civilizada das crianças. Conter emoções em relação a ela, aplicar-lhe castigos e ensinamentos morais, acompanhar o seu desenvolvimento, além das fortes críticas ao seu abandono e as orientações para que as famílias assumissem a responsabilidade pelos seu cuidado, foram ações e ideias que consolidaram a produção de um novo lugar do adulto. Destaca-se, por exemplo. A organização da família nuclear e produção do padrão de comportamento da mulher adulta civilizada, ou seja, aquela que deve saber e assumir de modo esclarecido e consciente sua nova condição de mulher: ser mãe de família e esposa dedicada (SOUZA, 2010, p. 25).

Segundo Kramer (2003, p. 46), o Instituto de Proteção e Assistência à Infância do Brasil também atuou na realização de campanhas de vacinação e, em 1919, surgiu o Departamento da Criança no Brasil, a partir de ações da equipe que fundou o Instituto. O Estado ficaria responsável por este novo Departamento, entretanto, não foi o que aconteceu de fato.

O trabalho feminino foi regulamentado em 1923, conforme Cartaxo (2011, p. 37), trazendo a garantia ao di-

reito ao atendimento feito pelas creches e às saldas de amamentação. Entretanto,

Ao serem constituídas para atender às pessoas de baixa renda, as instituições de educação infantil começaram a ser vistas de forma estigmatizada: as creches passaram a ser consideradas depósitos de crianças. Essas instituições assumiram, naquele momento, um caráter compensatório para sanar as possíveis faltas e carências das famílias. A rotina de trabalho dessas instituições ficou centrada na guarda e nos cuidados físicos da criança. Assim, a situação econômica precária e o ato de delegar a outrem a educação das crianças propiciou o surgimento da conotação negativa do atendimento à criança fora da família (CARTAXO, 2011, p. 37).

Os preconceitos que envolvem este estigma, de acordo com a autora, têm relação direta com o status socioeconômico da família, sugerindo que os pais da criança precisam de assistência para cuidar dos filhos porque são pobres e precisam trabalhar, ou que as mães não têm condições financeiras para pagar uma empregada que ajude a cuidar das crianças, de modo que possa aproveitar seu tempo livre.

Kramer (2003, p. 46) considera a década de 1930 como um marco político com repercussões econômicas e sociais no Brasil, cujas transformações afetaram os âmbitos da educação e da saúde. O Estado Novo, que então se instaurava, traria novas configurações para o cenário brasileiro como um todo.

O Decreto nº 10.402, de 19 de novembro de 1930, instituiu o Ministério da Educação e Saúde Pública, segundo a autora, que era constituído pelos seguintes departamentos: Departamento Nacional de Ensino, Departamento Nacional de Saúde Pública, Departamento Nacional de Assistência Pública e Departamento Nacional de Medicina Experimental, entre outros órgãos. Este Ministério “criou, mais tarde, o Departamento Nacional da Criança, órgão que centralizou o atendimento à infância brasileira durante quase 30 anos” (KRAMER, 2003, p. 59).

Kramer (2003, p. 60) sinaliza que o Departamento Nacional da Criança realizou campanhas na década de 1950 com foco médico-higienista. Estas campanhas tinham a finalidade de combater a desnutrição, ofere-

cer vacinas e realizar estudos e pesquisas no Instituto Fernandes Figueira. Obras que visavam à proteção de mães e crianças no país, principalmente hospitais e maternidades, recebiam auxílio técnico para reformas ou ampliações. Estas campanhas atingiram efetivamente somente parte da população. Uma vez que seu benefício não estava acessível a todos, passou-se a questionar o Estado de bem-estar social que era proposto e buscava-se alcançar. Havia ainda programas que visavam ao fortalecimento da família e a educação sanitária. Para a autora, as mudanças ocorridas no período compreendido entre 1960 e 1970 causaram grandes problemas em diversas áreas, chegando a afetar o Departamento Nacional da Criança, ocasião em que outros órgãos e setores tiveram que assumir a responsabilidade por algumas de duas atividades. Foi a lei 5.692/71 que trouxe uma significativa mudança na educação, tornando o ensino básico obrigatório e gratuito, sendo realizado em oito anos, sob a responsabilidade do município.

Tendo em vista esta enorme conquista, passou-se a considerar os problemas de evasão escolar como urgentes, assim como a repetência dos alunos mais pobres. Surge então a educação compensatória, que atualmente chamamos de educação pré-escolar, destinada a crianças entre quatro e seis anos de idade, em uma tentativa de preencher lacunas educacionais existentes especialmente nas classes de menor renda.

Na década de 1980, Kramer (2003, p. 60) observa que grandes problemas na Educação surgem a partir da falta de políticas públicas para a integração de programas educacionais e programas de saúde, de um corpo docente com falhas em sua formação e qualificação, além da ineficiência no relacionamento entre família e escola.

A Educação Infantil passa por sua principal transformação quando recebe seu reconhecimento por meio da Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional, Lei 9.394/96, e da elaboração dos Referenciais Curriculares para a Educação Infantil de 1998. Estes são momentos decisivos na História da Educação Infantil, uma vez que no artigo 21º da LDB, a Educação Infantil passa a integrar a educação básica e se torna um direito de todos os cidadãos. Fica estabelecido que a educação escolar seria composta por: “I - educação básica, formada pela educação infantil, ensino fundamental e ensino médio; II - educação superior” (BRASIL, 1996).

O período que precede o ensino fundamental passou a integrar a Educação Básica, mostrando-se importante no desenvolvimento educacional da criança. A LDB traz em seu artigo 11º as responsabilidades destinadas ao municípios no que tange à Educação Infantil:

V - oferecer a educação infantil em creches e pré-escolas, e, com prioridade, o ensino fundamental, permitida a atuação em outros níveis de ensino somente quando estiverem atendidas plenamente as necessidades de sua área de competência e com recursos acima dos percentuais mínimos vinculados pela Constituição Federal à manutenção e desenvolvimento do ensino (BRASIL, 1996).

Ficam também caracterizadas as etapas, os objetivos e as avaliações em relação ao atendimento da Educação Infantil no Brasil:

Art. 29º. A educação infantil, primeira etapa da educação básica, tem como finalidade o desenvolvimento integral da criança até seis anos de idade, em seus aspectos físico, psicológico, intelectual e social, complementando a ação da família e da comunidade.

Art. 30º. A educação infantil será oferecida em:
I - creches, ou entidades equivalentes, para crianças de até três anos de idade;

II - pré-escolas, para as crianças de quatro a seis anos de idade.

Art. 31º. Na educação infantil a avaliação far-se-á mediante acompanhamento e registro do seu desenvolvimento, sem o objetivo de promoção, mesmo para o acesso ao ensino fundamental (BRASIL, 1996).

Dessa maneira, um caminho extenso foi trilhado na busca de constantes melhorias e de atendimento pleno à infância. Desde os passos iniciais até a oficialização dos direitos educacionais da criança presentes na LDB, muito trabalho foi feito, por vezes de maneira inábil ou com foco distorcido, contudo, cada iniciativa e cada nova tentativa de reconhecimento da infância foram primordiais para as conquistas alcançadas.

Ainda há muito a ser aprimorado, portanto é imprescindível que o movimento de reflexão e reformulação da Educação Infantil continue sempre. O ingresso da criança na Educação infantil é um momento delicado e

importante, que pode gerar ansiedade em todos os envolvidos. De acordo com o Referencial Curricular Nacional da Educação Infantil, algumas crianças podem se comportar de forma diferente da maneira como agem em casa, podem perder o apetite, ficar isoladas, retornar às fases de desenvolvimento já superadas, e até adoecer. Por isso, é indispensável que a instituição seja flexível e compreensiva, respeitando as singularidades e necessidades de cada criança (BRASIL, 1998, p. 26).

Nos primeiros dias, ainda segundo o referencial, é recomendável que a criança não permaneça na instituição durante todo o período. O ideal seria que, ao menos no primeiro dia, a criança pudesse estar acompanhada dos pais ou de alguém de sua confiança, para que se sentisse mais segura ao conhecer o novo ambiente e as novas pessoas que farão parte do seu dia a dia. É importante que o professor seja paciente, pois o choro da criança pode fazer com que os pais fiquem inseguros e ansiosos, e será preciso orientá-los para que se tranquilizem e compreendam que este momento faz parte do processo de adaptação. As crianças de zero a três anos devem encontrar na instituição de ensino um ambiente acolhedor para que os seguintes objetivos possam ser alcançados:

Experimental e utilizar os recursos de que dispõem para a satisfação de suas necessidades essenciais, expressando seus desejos, sentimentos, vontades e desagrados, e agindo com progressiva autonomia; familiarizar-se com a imagem do próprio corpo, conhecendo progressivamente seus limites, sua unidade e as sensações que ele produz; interessar-se progressivamente pelo cuidado com o próprio corpo, executando ações simples relacionadas à saúde e higiene; brincar; relacionar-se progressivamente com mais crianças, com seus professores e com demais profissionais da instituição, demonstrando suas necessidades e interesses (BRASIL, 1998, p. 27).

Por volta dos três anos de idade, de acordo com o Referencial, a criança já pode alimentar-se sozinha, determinando seu ritmo e a quantidade de alimentos, uma vez que tenha tido a essa experiência. Pode ser necessário que um adulto a auxilie em alguns momentos e com determinados tipos de alimentos, e também é nesta fase que pode ocorrer por parte da criança a rejeição em relação a alguns alimentos e também em relação à ajuda oferecida pelo adulto.

Algumas crianças nesta etapa já podem fazer uso do garfo e da faca na hora das refeições. Para isso é necessário que recebam orientação em relação ao cuidado que precisa ter com objetos pontiagudos e cortantes. É sempre indispensável a supervisão de um adulto. O cuidado com os dentes também deve ser estimulado constantemente (BRASIL, 1998, p. 66).

Além dos aspectos já apontados, o RCNEI também apresenta considerações em relação à formação da identidade ao definir que a criança deve ser estimulada a “reconhecer o próprio nome, nome de algumas crianças de seu grupo e dos adultos responsáveis por ela” (p. 66). Assim, a criança pode adquirir maior percepção e entendimento de si, e pode também se apropriar cada vez mais do que está ao seu entorno (BRASIL, 1988, p. 66).

2 O PAPEL DOS JOGOS, BRINQUEDOS E BRINCADEIRAS

De acordo com o RCNEI (BRASIL, 1998, p. 70), a Educação Infantil deve proporcionar à criança aprendizagens variadas a partir dos jogos e brincadeiras, como, por exemplo, o reconhecimento do próprio corpo, o do outro, para a construção da percepção e identificação das partes do corpo e dos movimentos, assim como o reconhecimento de sinais vitais e a verificação de suas alterações.

Para que essas atividades sejam desenvolvidas, torna-se fundamental a necessidade de o professor estar atento, realizando intervenções pertinentes para o melhor desenvolvimento das atividades, por meio de conversas sobre as brincadeiras, nas quais os alunos podem expor suas preferências, assim como suas dificuldades em relação ao brincar. Tais conversas podem ser muito proveitosas e significativas para compreender a relação das crianças com as atividades propostas, com os materiais e brinquedos utilizados, e sobre suas emoções e seus pensamentos sobre os jogos e as brincadeiras. Esse diálogo pode enriquecer o ato de brincar, favorecendo o desenvolvimento das crianças.

Rau (2011) considera a utilização de jogos e brincadeiras na educação infantil como uma rica possibilidade de trabalho e desenvolvimento, ao destacar que seu uso “como recurso pedagógico possibilita a significação de conceitos para as crianças, por ser um dos únicos recursos que trabalha com diferentes tipos de linguagem

ao mesmo tempo” (p. 149). Mas essa aplicação precisa ser realizada de maneira adequada:

o jogo utilizado em sala de aula é um meio para a realização dos objetivos educacionais. Assim, a atuação do professor interfere na valorização das características e potencialidades dos brinquedos e de suas estratégias de exploração. Ao utilizar o jogo como recurso pedagógico, ele pode oferecer informações sobre sua utilização, estimulando e desenvolvendo as potencialidades da criança em situações de aprendizagem (RAU, 2011, p. 151).

O brinquedo educativo pode ser uma forma de aprendizagem prazerosa das cores, formas, números, entre outros conteúdos. Possibilita o desenvolvimento infantil em seus aspectos: afetivo, cognitivo, físico e social, preenchendo, portanto, uma função lúdica e educativa. Entretanto, Kishimoto aponta que:

Para se compreender a relevância das construções é necessário considerar tanto a fala como a ação da criança que revelam complicadas relações. É importante, também, considerar as ideias presentes em tais representações, como elas adquirem tais temas e como o mundo real contribui para sua construção (KISHIMOTO, 2008, p. 40).

O conceito de regras necessárias para o funcionamento da brincadeira favorece a socialização da criança, de modo que ela aprende a lidar e interagir com diferentes emoções, significados e variados contextos, segundo o Referencial Curricular Nacional para a Educação Infantil (BRASIL, 1998), que também frisa a importância do faz de conta para o desenvolvimento da criança em vários aspectos.

O jogo simbólico, ressalta Friedmann (1996, p. 96), é uma maneira que a criança encontra de se comunicar com o mundo e de se expressar, na qual desenvolve habilidades, estrutura sua moral, interage com outros indivíduos e manifesta suas emoções.

3 O JOGO SIMBÓLICO E SUA CONTRIBUIÇÃO PARA O DESENVOLVIMENTO INFANTIL

É necessário frisar que, segundo Piaget (1978), o que caracteriza o jogo simbólico é a imitação. O autor

aponta que a partir dos dois anos a criança começa a utilizar símbolos na representação daquilo que a cerca.

Este processo se deve ao momento do desenvolvimento em que a criança está adquirindo a interiorização da ação.

Ao cabo do período sensório-motor, entre 1 ano e meio e 2 anos, surge uma função fundamental para a evolução das condutas ulteriores, que consiste em poder representar alguma coisa (um 'significado' qualquer: objeto, acontecimento, esquema conceptual etc.) por meio de um 'significante' diferenciado e que só serve para essa representação: linguagem, imagem mental, gesto simbólico etc (PIAGET e INHELDER, 2009, p. 51).

Para que a criança se aproprie do símbolo, ela precisa ter adquirido a capacidade de evocar um objeto ausente.

Piaget e Inhelder (2009) esclarecem que antes de chegar à complexidade do jogo simbólico, a criança passa pelo que ele chama de "imitação diferida" por volta dos 16 meses, na qual ela já começa a fazer imitações na ausência do modelo. Para os autores, na imitação,

(...) a representação em ato libera-se, então, das exigências sensório-motoras de cópia perceptiva direta para atingir um nível intermediário em que o ato, desligado do contexto, se torna significante diferenciado e, conseguinte, já em parte, representação em pensamento (PIAGET e INHELDER, 2009, p. 55).

O jogo simbólico ajuda a criança a se adaptar ao mundo social dos mais velhos, com suas regras que são exteriores à criança.

A assimilação do real por meio do jogo, de acordo com Piaget e Inhelder (2009), possibilita a acomodação dos modelos exteriores. Além disso, o autor sinaliza que "(...) o instrumento essencial da adaptação social é a linguagem, que não é inventada pela criança, mas lhe é transmitida em formas já prontas, obrigadas e de natureza coletiva" (p. 57). O jogo simbólico tem a característica de proporcionar a assimilação e também viabilizar as mudanças necessárias ao eu. Entre as funções de altíssima relevância atribuídas aos jogos, às brincadeiras e ao brincar, em geral, pode-se destacar que

a brincadeira desenvolve capacidades sensoriais, rítmicas, perceptivas e espaciais. Brincar também favorece o desenvolvimento do raciocínio lógico, da atenção, da concentração e da memória, aspectos que contribuem para todo tipo de aprendizagem. Porém, há dois aspectos desenvolvidos pelas brincadeiras que são essenciais para o desenvolvimento e a aprendizagem infantil: a imitação e a imaginação (RAU, 2011, p. 157).

Kishimoto (1994) aponta que Wallon vê:

(...) na imitação, uma participação motora do que é imitado e um certo prolongamento da imitação do real. Entre dois autores, a imagem é considerada como um prolongamento do que é, na origem, a imitação do real. Ou seja, que a origem da representação está na imitação (KISHIMOTO, 1994, p. 41).

A autora lembra ainda que Wallon classifica os jogos de quatro maneiras: funcionais, de ficção, de aquisição e de construção, de forma que os funcionais correspondem a atividades lúdicas que representam movimentos considerados mais simples, tais como balançar objetos, chacoalhar dedos e encolher e esticar braços e pernas. Enquanto que as brincadeiras de faz de conta, por exemplo, com bonecas, são as atividades lúdicas de ficção.

Já as atividades de aquisição são aquelas que proporcionam aprendizado por meio do ver o do ouvir. Por fim, nos jogos de construção as crianças combinam, criam e modificam objetos na tentativa de interpretar e compreender melhor o todo. Além disso, a autora nota que "(...) esse autor se aproxima de Vygotski quando analisa o psiquismo infantil como resultado de processos sociais. Na origem da conduta infantil o social está presente no processo interativo da criança com o adulto que desencadeia a emoção responsável pelo aparecimento do ato de exploração do mundo" (1994, p. 41). A autora destaca também que no pensamento vygotkiano:

(...) antes da interiorização, não existe atividade simbólica. É esta definição do simbolismo que cria a diferença da interpretação entre autores vygotkianos, piagetianos e wallonianos. O que os russos chamam jogos imitativos, os autores de língua francesa chamam jogos simbólicos. Para

os vigotskianos, os jogos são condutas que imitam ações reais não apenas ações sobre objetos ou uso de objetos substitutos. Não há atividade propriamente simbólica se os objetos não ficam no plano imaginário e são evocados mais por palavras que por gestos. (...) Para os seguidores de Vygotski, o ato lúdico propriamente dito começa aos 3 anos com o de papéis, diferindo de Piaget que propõe o de exercício no nível sensório-motor. (KISHIMOTO, 1994, p. 42)

Para Winnicott (1975), "(...) é no brincar, e talvez apenas no brincar, que a criança ou o adulto fruem sua liberdade de criação" (p. 79). Dessa forma, o autor acredita que o brincar seja essencial por permitir essa manifestação da criatividade.

Kishimoto (1994, p. 43) lembra que o jogo simbólico está relacionado à ideia de simbolização, isto é, possibilita à criança desfrutar de uma presença ou permanência de alguma coisa. O brincar é o que torna isso possível, pois é pelo faz de conta que a criança imagina coisas irreais, abstratas e externas para a sua realidade.

Assim, o jogo simbólico consiste em a criança poder representar alguma coisa a um significado qualquer: objeto, acontecimento por meio de um significante que só serve para essa representação: linguagem, imagem mental e gesto simbólico (PIAGET, 2010, p.106).

Na perspectiva de Piaget (1964, p. 81), os jogos simbólicos configuram, nos primeiros anos da infância, uma atividade solitária que está fortemente ligada ao surgimento da linguagem, que também se coloca como uma forma de representação para a criança. Mais adiante em seu desenvolvimento, ela passa a realizar brincadeiras em que reproduz situações da vida cotidiana e papéis sociais, demonstrando a internalização de determinados símbolos coletivos. A função simbólica é manifestada por meio do faz de conta, fazendo parte do período pré-operatório.

Para o autor, a aquisição desta habilidade de lidar com o símbolo permite à criança possibilidades de assimilação e adaptação.

Se Piaget compreende o brincar de faz de conta como algo que auxilia a criança a assimilar melhor suas próprias necessidades, bem como a realidade que está ao seu redor, Vygotsky (1991, p. 118) aprofunda ainda

mais esta ideia ao apontar que o brincar cumpre um também um papel que diz respeito à construção de um mundo imaginário no qual a criança pode não somente identificar e compreender seus desejos não satisfeitos, como também realizá-los de alguma forma.

Assim, a criança não somente pode compreender melhor a realidade externa, mas também tem a possibilidade de criar sua própria realidade, a qual atende a seus anseios, preferências e desejos, com sua lógica e regras, mas que, na verdade, possui claros pontos de intersecção com o real impresso em sua vida familiar e cotidiana.

O jogo simbólico cumpre uma função muito importante em relação à representação de fantasias ligadas à ira e à hostilidade, o que demonstra a que esta atividade é essencial para que a criança possa elaborar internamente suas frustrações e as sensações que podem causar desconfortos e significa obstáculos e até motivos de sofrimento. Dessa forma, o faz de conta se mostra como um recurso que a criança pode utilizar para lidar com dificuldades psicológicas.

Com base no que foi apresentado, pode-se considerar o jogo simbólico como uma linguagem de suma importância para a construção e o desenvolvimento do pensamento da criança.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Os autores utilizados neste trabalho deixam claro que o brincar viabiliza a construção do conhecimento por parte da criança, potencializando fortemente a internalização dos conteúdos e das regras sociais necessárias. É no jogo que a criança utiliza sua fantasia, sua imaginação e aprende a respeitar o espaço coletivo, a se organizar, a perceber o mundo ao seu redor e se relacionar com ele de maneira positiva.

De maneira geral, os autores consultados na presente pesquisa compreendem o jogo simbólico como elemento fundamental para o desenvolvimento do ser humano, seja no âmbito individual ou social.

Desde que apropriadamente mediados pelo professor, os jogos e as brincadeiras podem servir a finalidades diversas no processo de aprendizagem, otimizando significativamente a apreensão de conteúdos. Para isso, o professor precisa ser um constante estimulador

da curiosidade e da criatividade das crianças, de maneira que consiga despertar e manter nelas um interesse verdadeiro pelo conhecimento de maneira natural, espontânea e agradável.

A brincadeira oferece à criança a oportunidade de explorar e manifestar sua criatividade, experimentar novas possibilidades de contato com a realidade, com o meio e com as pessoas em volta, além de contribuir imensamente para a sua socialização, para a estruturação de sua personalidade e autonomia, assim como seu bom desenvolvimento e ação no ambiente em que está inserida.

REFERÊNCIAS

ARANHA, Maria Lúcia de Arruda. História da educação. 1. ed. São Paulo: Moderna, 1989.

BRASIL. Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional. LEI 5.692/71. Agosto de 1971. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/L5692impressao.htm>. Acesso em: 17 jun. 2021.

_____. Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional. LEI 9.394/96. Dezembro de 1996. Disponível em: <<http://portal.mec.gov.br/arquivos/pdf/ldb.pdf>>. Acesso em: 18 jun. 2021.

_____. Ministério da Educação e do Desporto, Secretaria da Educação Fundamental. Características do Referencial Nacional para a Educação Infantil. Brasília: MEC/SEF, 1998.

CARTAXO, Simone Regina Manosso. Pressupostos da educação infantil. 1. ed. Curitiba: Ibpex, 2011.

FRIEDMANN, Adriana. Brincar, crescer e aprender – O resgate do jogo infantil. São Paulo: Moderna, 1996.

KISHIMOTO, Tizuko Morchida. O Jogo e a Educação Infantil. In: KISHIMOTO, Tizuko Morchida. Jogo, Brinquedo, Brincadeira e a Educação. 7. ed. São Paulo: Cortez, 2008.

_____. O Jogo e a Educação Infantil. São Paulo: Pioneira, 1994.

KRAMER, Sônia. A política do pré-escolar no Brasil: a arte do disfarce. 7. ed. São Paulo, Cortez, 2003.

PIAGET, Jean. A formação do símbolo na criança. 3. ed. Rio de Janeiro: Zahar, 1978.

_____.; INHELDER, Bärbel. A Psicologia da Criança. Trad. Octavio Mendes Cajado. 4. ed. Rio de Janeiro: Difel, 2009.

_____. A formação do Símbolo da Criança: Imitação, Jogo e sonho, Imagem e Representação. 2. ed. Rio de Janeiro: Zahar, 2010.

RAU, Maria Cristina Trois Dorneles. A ludicidade na educação: uma atitude pedagógica. 2. ed. rev., atual. e ampl. – Curitiba: Ibpex, 2011.

SOUZA, Gizele de. Educar na Infância: perspectivas histórico-sociais. São Paulo: Contexto, 2010.

VYGOTSKY, Lev Semyonovich. A Formação Social da Mente. 1991. Disponível em: <<http://www.egov.ufsc.br/portal/sites/default/files/vygotsky-a-formac3a7c3a3o-social-da-mente.pdf>>. Acesso em: 18 jun. 2021.

WINNICOTT, Donald Woods. O brincar e a realidade. Rio de Janeiro: Imago, 1975.



A DIVERSIDADE DE MATERIAS NAS PRODUÇÕES ARTÍSTICAS

Rebeca Lopes da Silva



Licenciatura Plena em Educação Artística com ênfase em Artes Plásticas, pela Faculdade Paulista de Artes, concluída em dezembro de 2010, Pós Graduada em Gestão Educacional pela Universidade Cruzeiro do Sul (Unicsul), concluída em dezembro de 2015. Professora de Artes na Prefeitura de São Paulo desde março de 2013, lecionando desde essa data na EMEF Dona Jenny Gomes como professora de Artes na EJA (Educação de Jovens e Adultos), no Ensino Fundamental I e Ensino fundamental II.

RESUMO

Este artigo tem como objetivo principal demonstrar as inúmeras possibilidades que o trabalho com Artes nos dá, proporcionando a criação de um novo mundo sob o olhar das crianças quanto a variedade de materiais que temos e as inúmeras possibilidades do fazer criativo nas produções artísticas, pois é através das artes que elas se comunicam e se expressam, demonstrando suas experiências de criatividade e sensibilidade atrelados ao seu desenvolvimento.

Palavras-chave: arte; arte-educação e materiais diversificados.

ABSTRACT

This article has as its main objective to demonstrate the countless possibilities that working with the Arts gives us, providing the creation of a new world under the eyes of children regarding the variety of materials we have and the countless possibilities for creative making in artistic productions, as it is. through the arts they communicate and express themselves, demonstrating their experiences of creativity and sensitivity linked to their development.

Keywords: art; art education and diversified materials.

INTRODUÇÃO

Este artigo tem a finalidade de demonstrar as inúmeras possibilidades na utilização de materiais diversificados nas artes, situações que podem facilitar a interação dos conceitos artísticos com o meio, com o intuito de promover

o desenvolvimento da capacidade de reflexão crítica e autocrítica, inserção social, cidadania, sensibilidade, senso estético, criatividade, ludicidade e artístico.

Esse trabalho revela o quanto a produção artística é importante, pois nos dá possibilidade de ver o mundo sob diferentes perspectivas, nos permitindo um melhor desenvolvimento do trabalho em sala de aula.

A arte sempre foi reproduzida, mais em cada época e em cada tempo ela foi feita de uma maneira e com um propósito. Surge através de um pensamento e se tem a necessidade de expressar estes pensamentos e outros sentimentos que possam estar relacionados a este pensar. Ela é produzida pelos seres humanos a partir de suas percepções, a princípio para comunicação, para a criatividade, para os pensamentos e sentimentos sobre algum fato, sobre si mesmo, sobre algo ou sobre alguém.

A utilização de materiais diversificados para uma produção artística permite ao artista perceber que é possível fazer arte com tudo o que existe, sendo assim, ele pode construir sua identificação enquanto artista e mostrar seus pensamentos em uma obra que possa ser admirada ou reproduzida.

Todos que trabalham com materiais diversificados gostam muito de trabalhar com identificação dos materiais e dar vários outros sentidos à eles. Isso facilita com que as crianças e até mesmo os adultos se identifiquem e gostem das obras, pois eles quase sempre, buscam recriar e inovar.

A utilização da arte para o desenvolvimento da criança adquire sua importância no momento em ela passa a esti-

mular a criatividade, a aprendizagem, levando-a a pensar e a aprender novas maneiras de se expressar e tornar-se protagonista.

A criatividade na criança deve ser explorada da maneira mais apropriada possível e o arte-educador, ou seja, o professor, deve ajudá-la a se desenvolver e mostrar que ela também pode criar arte. Para ajudar as crianças nas aulas o professor deverá criar um ambiente em que a criança se sinta bem. O contato com a arte acontece através da mediação de um educador sensível, com capacidade de proporcionar ambientes e situações que possam ampliar a leitura e compreensão do mundo e de sua cultura por parte da criança sob um olhar sensível.

1. A ARTE PODE SER PRODUZIDA POR TODOS

A Arte contribui para a formação sentimental do indivíduo e essa aprendizagem acontece no fazer artístico, onde a criança poderá expressar toda sua criatividade, sensibilidade e o fazer estético.

Entretanto, uma das principais preocupações da educação para a compreensão da arte é a de partir dos conhecimentos prévios do educando, ou seja, da realidade individual, social e cultural de quem aprende. Quando se fala em valorizar o mundo particular do estudante ou do aprendiz, estaremos levando em conta suas pré-concepções relativas ao tema ou problema sobre o qual pretendemos que aprenda melhor, com mais complexidade, com mais profundidade e, conseqüentemente, aprenda a usar os novos conhecimentos para melhorar seu mundo individual e social (FRANZ, 2003).

O trabalho de arte na sala de aula está muito além da “vaga” sensação de proporcionar apenas sensibilidade nos alunos por meio da arte, mas também de influenciar positivamente no desenvolvimento cognitivo dos estudantes por meio da produção artística. A arte como uma linguagem aguçadora dos sentidos revela, segundo Barbosa (2002), significados que por intermédio de outro tipo de linguagem, como a discursiva e a científica, não seria possível. A Arte na Educação é um importante instrumento para a identificação cultural e o desenvolvimento individual, bem como coletivo.

A arte é um pensamento, é uma cultura e tudo que nos faz seres humanos. E para se produzir arte é preciso conhecimento, aprendizagem, percepção, motivação, pen-

samento, criatividade e comunicação, onde ela tem que ser entendida em função de seus produtos. Quando se faz arte, o criador tem que dirigir sua atenção aos seus próprios sentimentos, para depois poder expressá-los com símbolos, onde ele terá que pensar em seus signos e significados.

“Através da imaginação o homem constrói o seu mundo: sua filosofia, sua ciência, sua arte, sua religião. [...]” (DUARTE, João Francisco, Arte- Educação: Perspectivas, p. 47).

[..] A arte é, primordialmente, a concretização dos sentimentos (não acessíveis à linguagem) em formas expressivas. Pela arte o homem explora aquela região anterior ao pensamento, onde se dá seu encontro primeiro com o mundo. [...] (DUARTE, João Francisco, Arte- Educação: Perspectivas, p. 48).

Entretanto, a partir dessas afirmações, podemos ver que a arte é algo puramente humano, e todos nós podemos produzi-la a partir do momento em que nos sensibilizamos e percebemos que ela é algo para ser pensando e admirado.

Todavia, as artes podem ser produzidas de várias maneiras e com os materiais mais inusitados e diversificados possíveis, nos dando a oportunidade de sermos nós mesmos e experimentar o que quisermos para assim produzir um pensamento. É com a arte que podemos criar e reinventar. A criação e a criatividade são fundamentais, pois a criatividade faz com que a Arte seja complexa e exerça várias funções em um todo.

2. A ESTILOS DA ARTE E SEUS MATERIAIS DIVERSIFICADOS

Para falar das artes e de seus materiais diversificados, vamos voltar um pouco e falar dos estilos artísticos como Arte Povera, Pop Art, Arte Contemporânea e dos artistas que trabalharam e ainda trabalham com materiais diversificados. Com isso poderemos perceber a criatividade, a ideologia desses estilos de artes, o que elas fizeram em cada época e o que cada artista quis nos propor em seus trabalhos ou obras.

Começaremos pela Arte Povera. Esse estilo foi um movimento que surgiu na Itália no ano de 1960. “Povera” em português significa pobre, e esse movimento era chamado assim porque os artistas da época utilizavam materiais muito simples e inusitados para compor seus trabalhos.

Na Arte Povera artistas como Jannis Kounellis, Giovanni Anselmo e Pistoletto, faziam seus trabalhos ou obras com o intuito de se aproximar do público, utilizando materiais que as pessoas podiam reconhecer e conhecer, levando o seu espectador a ter uma outra ideia do que a obra poderia significar, enfatizando ainda que esses materiais não eram simplesmente o que eles eram, mas que era possível adquirir vários outros significados diante da proposta de cada artista, do espaço e do lugar onde eram confeccionados. Esses materiais utilizados já possuíam seus significados, e os artistas utilizando-se deles, faziam com que os espectadores se identificassem e gostassem daquelas ideias propostas.

Todavia, também podemos ver materiais diversificados na Pop Art, que foi outro movimento artístico conhecido, este que surgiu no final dos anos 50 e início dos anos 60. O estilo dos artistas dessa época tinha como principal objetivo buscar inspiração na cultura de grandes massas para criar suas próprias obras de arte, para que assim pudessem criticá-la de maneira irônica a vida cotidiana extremamente materialista e consumista das pessoas da época. Os artistas desse movimento faziam seus trabalhos também voltados para o público. Eles reproduziam várias vezes o mesmo objeto ou imagem e variavam suas cores; utilizavam também em seus trabalhos colagens, apropriação de imagem e do próprio objeto. Essas produções artísticas tinham por objetivo, assim como na Arte Povera, de mudar o sentido dos objetos trabalhados em suas obras ou trabalhos e dar outro sentido a eles, e também fazer com que os espectadores refletissem sobre os objetos ou trabalhos expostos.

A Arte Contemporânea e os seus artistas também se encaixam muito bem nesse contexto, até porque esses artistas que se utilizam deste conceito construíam as suas obras a partir de materiais diversificados, a exemplo Vik Muniz que produzia as suas obras gigantes com os materiais mais inusitados, como por exemplo sucatas, terra, pedra, entre outros, e depois tirava fotos de uma distância que elas ficavam com o tamanho que ele desejava expor.

Entretanto podemos dizer que a Arte Contemporânea é mais complexa do que as outras duas anteriores que foram comentadas aqui. Na moderna, para se entender as obras têm que se entender a poética e a proposta de cada artista. Os artistas contemporâneos sempre utilizam materiais diversificados e muitas vezes acabam mudando o sentido dos objetos (assim como na Arte Povera e da Pop Art). Isso faz com que a produção artística seja muito

rica, tanto pelos materiais utilizados quanto pela possibilidade de se dar diferentes sentidos ou significados aos trabalhos.

Ao consultar livros ou propostas pedagógicas, reconhece o destaque atribuído aos recursos materiais, em Freire (1997), por exemplo, ele descreve atividades nas quais a utilização de bolas, arcos, bastões, cordas e até mesmo materiais feitos com garrafas e copos descartáveis, salientando que são indispensáveis para proporcionar ao aluno a troca com o meio e atribuição de novos significados ao brincar. É importante que esses materiais sejam diversificados quanto ao peso, tipo, cor e tamanho, exigindo do aluno constantes adaptações e ajustamentos de conhecimentos previamente adquiridos. Dessa forma, podemos afirmar que o professor terá mais condições para realizar um trabalho de melhor qualidade, se a escola em que atua lhe oferecer espaços e recursos materiais adequados, claro além da diversidade dos mesmos.

Diante disso, podemos compreender melhor os objetivos que queremos alcançar, onde a produção artística é muito importante, pois os artistas podem sim mudar o sentido das coisas e fazer algo novo e inusitado, e os espectadores podem apreciá-la, entendê-la e ainda fazê-la de maneira criativa e diferenciada, e dentro da escola, com os educandos, é possível instigá-los a serem criativos, terem sensibilidade e senso estético nas suas produções artísticas, e tornando-os protagonistas em suas produções.

3. A PROPOSTA DE ARTES NAS ESCOLAS

A arte nas escolas deve servir para formar cidadãos mais sensíveis, criativos, pensantes e autônomos. Por isso é muito importante que os professores e arte-educadores saibam estimular em seus alunos a criatividade em sua singularidade, para fazer com que eles se desenvolvam e vejam que através da arte seja possível fazer, ver e pensar várias coisas e mostrar seus pensamentos.

“O papel do professor deixará de ser o de total entregador da informação para ser o de facilitador, supervisor, consultor do aluno no processo de resolver o seu problema. Eventualmente, essa “consultoria” pode ter momentos de transmissão de informação ao aluno. (VALENTE, José Armando, O Computador na Sociedade Do Conhecimento, p.35).

Diante disso, é de responsabilidade do professor procurar formas e intervenções para que suas aulas sejam atrativas e criativas, pois quando as aulas fazem sentido para os alunos, elas se tornam atrativas e são melhor compreendidas, indo muito além do entendimento, mas de participação ativa das aulas. Sempre existe a participação e o envolvimento dos alunos, quando eles são instigados a serem curiosos e participativos, isso pela intervenção do professor, assim sendo, esses alunos conseguem se expressar melhorando seus pensamentos e sentimentos em relação as aprendizagens e a si mesmos.

Sendo o arte-educador o principal mediador dos conhecimentos, esse profissional precisa apresentar às crianças diversas situações que lhe possibilitem ampliar e enriquecer suas experiências, de modo prazeroso e lúdico.

De acordo com os PCN – Artes (1997, pp.47 e 48) “aprender com sentido e prazer está associado à compreensão mais clara daquilo que é ensinado”, dessa forma é função do professor escolher quais os recursos didáticos mais eficientes para expor os conteúdos, “observando sempre a necessidade de introduzir formas artísticas, porque ensinar arte com arte é o caminho mais eficaz”.

Vários fatores são importantes para que as aulas sejam significativas para as crianças, como ter um ambiente estimulante e desafiador, acolher o que os alunos trazem e trabalhar com o cotidiano das crianças, ou seja, com o repertório oferecido pela comunidade. (PCN – Artes, 1997).

Incumbe ao professor de Artes estar sempre prevenido junto ao trabalho que está desenvolvendo com seus alunos, avaliar se está auxiliando a desenvolver mais sua percepção, buscando assim a construção de sua poética pessoal, pois:

“Valorizar o repertório pessoal de imagens, gestos, “falas”, sons, personagens, instigar para que os aprendizes persigam idéias, respeitar o ritmo de cada um no despertar de suas imagens internas são aspectos que não podem ser esquecidos pelo ensinante de arte. Essas atitudes poderão abrir espaço para o imaginário (MARTINS, PICOSQUE e GUERRA, 1998, p. 118)”

O educador como um mediador e incentivador do aluno busca e cria propostas de sensibilizar com os gestos, cores e sons. Temos aí uma boa oportunidade para o trabalho com diversos materiais para a produção artística

criativa. Assim, é função do professor incentivar, estimular e valorizar a imaginação dos alunos, ouvir e ver o que já sabem fazer, valorizando seus conhecimentos prévios.

“No contexto da educação escolar, a disciplina Arte compõe o currículo compartilhado com as demais disciplinas num projeto de envolvimento individual e coletivo. O professor de Arte, junto com os demais docentes e através de um trabalho formativo e informativo, tem a possibilidade de contribuir para a preparação de indivíduos que percebam melhor o mundo em que vivem, saibam compreendê-lo e nele possam atuar. (FERRAZ, 2001, p.24).

Por isso é que o professor deve promover reflexão pedagógica específica para o ensino das diferentes modalidades artísticas. Os PCNs não nos dão fórmulas prontas, porém fornecem subsídios importantes em suas orientações didáticas. Lembrando que os professores devem ser pesquisadores e por isso devem pesquisar meios, materiais e situações em que sejam possíveis essas produções por parte das crianças na sala de aula.

No entanto, as artes visuais proporcionam suas reais contribuições, e nesse momento é necessário que as atividades sejam reais, sejam espontâneas, ativando a criatividade e valorizando a auto-expressão. Dessa forma, um trabalho assim poderá integrar o pensamento, o sensibilidade, a imaginação, a percepção, a intuição e a cognição favorecendo o desenvolvimento da criatividade na criança, tornando-a protagonista, ou seja, autora de suas próprias produções, pensamentos e sentimentos.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Neste trabalho foi possível perceber a importância das artes e dos materiais diversificados tanto para as crianças quanto para os artistas do nosso tempo. É possível, para ambos, utilizarem esses meios para se desenvolverem e se expressarem, demonstrando suas particularidades, sentimentos, anseios e até mesmo senso crítico como vimos durante toda a escrita desse artigo.

A arte tem sua importância a partir do momento em que nos permite e facilita a expressão de nossas idéias com a possibilidade de se expandir e transformar em outras novas idéias e conseqüentemente em uma nova visão de mundo por quem faz a arte e também por quem a vê.

Ainda é possível afirmar que, tanto para os adultos quanto para as crianças, cada um dentro da sua subjetividade, a arte pode levar a experimentar diversas sensações, seja através das formas e cores, do comportamento dos padrões básicos e das forças características das pulsões internas e do que acontece do lado de fora de todos nós.

Diante disso, tanto as crianças quanto os adultos podem fazer arte, é óbvio que não da mesma maneira ou com as mesmas intenções. Mas a arte é valiosa por causa disso, pois ela nos ajuda a desenvolver e possibilitar novas ideias e pensamentos em todas as fases da vida.

A arte da criança é muito própria e singular, pois ela se expressa e coloca suas experiências nos seus trabalhos, por isso que vemos a arte para a criança como algo que é essencial para o seu desenvolvimento e se bem trabalhada pode ajudar muito no seu desenvolvimento global, inclusive em promover que essa criança seja protagonista.

A arte tem uma linguagem muito singular, pois ela tem a capacidade de juntar as dimensões humanas com muita sensibilidade, podemos considerar que ela completa a essência humana com seus fatores intrínsecos éticos, estéticos e sensíveis. Isso significa que sem a arte nosso entendimento do mundo e também de nós mesmos ficaria incompleto. A arte define nossa identidade e o grupo ao qual pertencemos, assim podemos além de perceber nossas próprias produções de cultura e também ter contato com outras produções de cultura, reforçando a subjetividade de cada protagonista, de cada artista, os saberes estéticos de cada grupo ou cultura, ampliando assim nossa visão de mundo a cerca das produções dos outros.

Com o uso dos materiais diversos também, deve ser dada a oportunidade de a criança transformar esses materiais em inúmeras possibilidades artísticas, para que expressem seus sentimentos e suas culturas.

Dessa forma, podemos concluir que cabe ao professor proporcionar à criança, em termos de sua produção artística, uma orientação quanto ao uso e emprego dos diversos materiais, bem como o que se espera que produzam e que tipo de materiais oferecer e adequando-se à faixa etária. Assim, cada uma das modalidades da arte, seja ela o teatro, a dança, a música, a literatura, e as artes-visuais possuem uma linguagem própria, e por isso podemos dizer que cada uma destas linguagens proporciona um tipo de experiência única, que pode ser apreciada e produzida não só pelos adultos, mas principalmente pelas crianças.

REFERÊNCIAS

ALENCAR, Valéria Peixoto de. Arte povera – Matérias inúteis produzem arte. <Disponível em: <http://educacao.uol.com.br/artes/arte-povera.jhtm>> Acessado em:25/02/2021.

BARBOSA, Ana Mae. Arte-educação: conflitos acertados. São Paulo: Max Limonad,1985.

BARBOSA, Ana Mae. Recorte e colagem: influência de John Dewey no ensino da arte no Brasil. São Paulo: Cortez,1982.

BARBOSA, Ana Mae. Arte-educação: leitura no subsolo. São Paulo: Cortez, 2008.

BARBOSA, Ana Mae. Arte-educação no Brasil. Editora Perspectiva. São Paulo. 2002

BARBOSA, Ana Mae. A imagem do ensino da arte: anos oitenta e novos tempos. São Paulo: Perspectiva, 1991

BRASIL. Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional n.º 5.692/71. Brasília, MEC, 1971.

_____. Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional nº 9.394/96. Brasília: Editora do Brasil, 1996.

_____. PARÂMETROS CURRICULARES NACIONAIS – Artes – Ensino de primeira à quarta série. 1997

DUARTE JR., João Francisco. Por que arte-educação? Papiros editora, 1953 2002.

FERRAZ, Maria Heloisa C. de T. e FUSARI, Maria F. de Rezende e. Metodologia do Ensino de Arte. Cortez Editora,1999.

FIUZA, Daniela. POP ARTE – História do Design II 2009-1. < Disponível em: <http://www.slideshare.net/danifiuza/pop-art-histria-do-design-fesurv> > Acessado em: 27/02/2021.

FUSARI, M. F. De R.; FERRAZ, M.H.C de T. A arte na educação escolar. São Paulo: Cortez, 2001

LOWENFELD, Viktor. A criança e sua arte. São Paulo: Mestre Jou,1977.



A IMPORTÂNCIA DO ENSINO DE ARTE NOS ANOS INICIAIS DO ENSINO FUNDAMENTAL

Rebeca Lopes da Silva

Licenciatura Plena em Educação Artística com ênfase em Artes Plásticas, pela Faculdade Paulista de Artes, concluída em dezembro de 2010, Pós Graduada em Gestão Educacional pela Universidade Cruzeiro do Sul (Unicsul), concluída em dezembro de 2015. Professora de Artes na Prefeitura de São Paulo desde março de 2013, lecionando desde essa data na EMEF Dona Jenny Gomes como professora de Artes na EJA (Educação de Jovens e Adultos), no Ensino Fundamental I e Ensino fundamental II.



RESUMO

Este artigo irá tratar como o ensino de artes é primordial nos anos iniciais do ensino fundamental quando se tem por objetivo que os alunos aprendam de forma autoral e desenvolvam suas potencialidades. Ainda, faremos um histórico da arte no Brasil e como é possível trabalhar as artes na sala de aula pensando na autonomia e protagonismo infantil nessa disciplina.

Palavras-chave: arte; educação e arte-educação.

ABSTRACT

This article will address how art education is essential in the early years of elementary school when the objective is for students to learn in an authorial way and develop their potential. Still, we will make a history of art in Brazil and how it is possible to work the arts in the classroom thinking about children's autonomy and protagonism in this discipline.

Keywords: art, education and protagonist.

INTRODUÇÃO

O presente artigo compreende a arte-educação nos anos iniciais do ensino fundamental I, pois na maioria das vezes quando falamos de artes no ambiente escolar, a primeira coisa que vem na mente da maioria das pessoas são as crianças fazendo ou pintando desenhos.

Mas será que a arte na escola só se remete a isso? Obviamente que não!

Além da infinita possibilidade de trabalharmos as artes plásticas no ambiente escolar, nós também podemos trabalhar a Arte-Educação em muitas outras situações, especialmente para o desenvolvimento global dos alunos, estimulando questões éticas, estéticas, criatividade, socialização, comunicação, entre muitas outras habilidades e conhecimentos, contribuindo assim para além da aprendizagem e propiciando assim, o protagonismo dos alunos.

A autora Ana Mae Barbosa (2002, p. 13) defende que os novos métodos de ensino de arte não são resultados simplesmente da junção da Arte e a Educação, muito menos da oposição entre elas, mas da sua interpenetração.

Dessa forma, podemos compreender que professor é o meio pelo qual as transformações no ensino de arte vão além daquela visão limitada de que “arte é somente desenhar ou pintar”, conforme citamos acima, mas sim que se o professor pode se tornar diferencial para compreender a arte educação como ferramenta que estimula as potencialidades dos alunos, salientando que o professor que trabalha com arte-educação é o colaborador para a eficácia do bom aproveitamento dos conteúdos de maneira natural e instigante para os alunos.

Contudo o ensino de artes é de grande importância para o desenvolvimento integral da criança, exploran-

do suas potencialidades e aguçando conhecimentos e seu protagonismo. Assim, esse ensino irá servir de alicerce para outras áreas do conhecimento, pois as crianças poderão desenvolver aptidões e paixões que com o “conhecimento só transmitido” ou só uma reprodução de um desenho não desenvolveria, limitando o protagonismo deles.

Diante de tudo isso, vamos observar as seguintes questões: um breve resumo de como a arte foi tratada durante a história, passando pela história da arte no Brasil, falaremos sobre o trabalho de artes e a importância da arte-educação para o desenvolvimento integral das crianças, pensando nas questões éticas, estéticas, cognitivas e afetivas também, lembrando que esses sejam protagonistas de suas próprias produções e não meros copistas/reprodutores de desenhos ou que saibam somente pintar um desenho impresso.

1. CONTEXTO HISTÓRICO DA ARTE

O intuito deste capítulo do artigo é fazer um breve histórico da Arte e de como ela aconteceu no Brasil, para efetivarmos assim, a grandeza dessa disciplina na aprendizagem dos alunos nos anos iniciais do Ensino fundamental, demonstrando sua importância na aprendizagem e como é possível que essa modalidade se integre a outras disciplinas, se transformando em ponte para desenvolver competências e habilidades em várias disciplinas, além de promover conceitos, valores éticos e estéticos nos alunos.

Quando falamos de Arte, estamos falando de uma expressão que foi utilizada em diversos momentos da história da humanidade, sendo usado para retratar tanto trabalhos de finalidade histórica como trabalhos de ofício também.

A arte para o homem sucessivamente foi algo importante, pois nos primórdios, ele usava o desenho como uma maneira dele se comunicar, e isso é comprovado ao observarmos a história dos homens das cavernas, no período pré-histórico. Este é considerado um dos tempos mais encantadores da história da arte, mesmo perante do fato de não ter nenhum registro dessa época, mas por ter ocorrido antes do surgimento da escrita, e tudo o que foi constatado se deu por meio de pesquisas científicas de historiadores, antropólogos e dos estudos da moderna ciência arqueológica.

Portanto, sendo o homem essencialmente um ser social, quando analisarmos a história deste homem, ou seja, da humanidade, podemos dizer que o homem, desde que surgiu sobre a terra, vem se utilizando do meio em que vive para assim poder facilitar e até mesmo criar sua subsistência.

Todavia, podemos dizer que o ser humano vem passando por processos de grandes transformações culturais e sociais, onde podemos notar seu desenvolvimento desde a era Pré-histórica, como já mencionado acima, até os dias de hoje. Por meio de registros descobertos por pesquisadores, sendo que a arte tem a desempenho fundamental de retratar e expressar cada momento histórico habitado pelo homem, pode ter acesso ao processo cultural que aconteceu durante a história. Desta maneira Proença (2000 p. 06) nos descreve que:

“Os antropólogos culturais sabem muito bem disso e são capazes de reconstruir a organização social de um grupo humano a partir dos objetos que se preservaram. Assim, observando potes, urnas mortuárias e instrumentos rudimentares para tecer, caçar ou pescar, pode-se ficar sabendo como os homens de antigamente viviam seu dia-a-dia. Podemos dizer também, que a arte tem uma expressão fundamental e podemos notar que em todos os momentos da existência humana, desde os primórdios, em tudo que sabemos acerca da humanidade a arte se faz presente, e com seus registros nos são transmitidos os saberes de outras épocas”.

Entretanto, compreendemos que a relação que o homem tem com o mundo é expressa através da arte, indo muito além das diversas formas do desenho. Observamos que é através dela que o homem demonstra sua interpretação sobre a plenitude da vida e seu cotidiano.

Podemos dizer que foi somente na escola tradicional, que valorizou-se principalmente as habilidades manuais, ou seja, os “dons” daqueles com aptidões artísticas. Neste sentido o ensino de Arte era direcionado basicamente para o domínio técnico para o trabalho, o que quer dizer que este que visava uma formação prática designada para o mercado de trabalho daquela época, isso para aquelas pessoas das classes sociais baixas, pois as pessoas que eram das classes domi-

nantes eram ensinadas para desenvolver o gosto para contemplar as obras de arte, além de sustentar a divisão das classes sociais. Neste sentido, a Arte tinha aspecto utilitário e visava a “preparação do estudante para a vida profissional e para as atividades que desenvolviam tanto em fábricas quanto em serviços artesanais” (Ferraz & Fusari, 1993, p. 30), e o principal conteúdo estudado era o desenho, devido ao caráter técnico deste para o mercado de trabalho nas fábricas e indústrias.

O período da Escola Nova, que surgiu na Europa e nos Estados Unidos no século XIX, e foi difundido no Brasil a partir de 1930, influenciou o ensino de Arte e também no qual as atividades voltam-se para o desenvolvimento natural da criança e para as práticas pedagógicas, redirecionando o processo ensino aprendizagem, que até então era centrado no professor, para o desenvolver o aluno. Isso impactou fortemente a “Pedagogia Tradicional” para a “Pedagogia Nova”, onde o aluno passou a ser responsável pela busca do seu próprio conhecimento através de experimentos e esse professor centralizador, deixou de ser o detentor do saber. O ideal da liberdade de expressão, difundida pelo movimento escolanovista, contribuiu assim para que o momento das aulas de Arte fosse visto como um espaço onde tudo era permitido e experienciado.

Um outro fato importantíssimo para o desenvolvimento das atividades artísticas no Brasil foi a “Semana de Arte Moderna de São Paulo” realizada em 1922, que serviu para a conceitualização do movimento modernista. Haja vista que até este momento, o trabalho com Arte ressaltava muito mais o ensino do desenho, como referido anteriormente, ignorando praticamente as demais modalidades artísticas.

Nos anos de 1960 e 1970 surge uma nova tendência pedagógica, que foi a Pedagogia Tecnicista, momento em que o Brasil viveu um grande conflito político por conta da ditadura militar. Neste momento, o ensino de Arte regride e passa a ser centrado exclusivamente no mercado de trabalho, priorizando aquele ensino de técnicas voltadas somente para a formação de mão de obra barata destinada a um mercado tecnológico em expansão, onde foram criadas até escolas nesse formato. Entretanto, foi partir da década de 80 que se percebeu uma mobilização profissional em torno do ensino de arte de forma institucionalizada no Brasil.

No final do século XX, surgem muitas propostas para o ensino de arte, mas a que mais se enfatizou foi a de Ana Mae Barbosa, que indica uma “Metodologia Triangular” para o ensino de Arte. Essa proposta tem embasamento no “fazer artístico” a “análise de obras artísticas” e a “história da arte”, e salienta a arte como fundamento que pode ser desenvolvido na escola, contradizendo o velho conceito de arte como espontaneísmo.

Fazendo todo esse resgate histórico das artes desde o tempo dos homens das cavernas, todas as transformações e tendências artísticas, até as mudanças pedagógicas aqui no Brasil, podemos dizer ainda que foi graças às contribuições de Ana Mae Barbosa, que é considerada precursora do Ensino de Artes no Brasil, depois de muitas construções e desconstruções de pensamentos e metodologias, é que foi possível ser reconhecido disciplina pertencente ao currículo e como parte importante além da grade curricular, mas para desenvolver conceitos éticos e estéticos, que desenvolvem habilidades nos alunos, aumentando suas potencialidades e desenvolvimento global deles, em especial nos anos iniciais do ensino fundamental I.

2. O ENSINO DE ARTES NA ESCOLA

A escola pode e deve trabalhar com uma proposta transformadora, aquela onde são levados em conta os conhecimentos prévios dos alunos e onde ele tem autonomia para escolher os matérias que deseja usar e o que vai fazer dentro das propostas do seu professor, num exercício de autoria, e isso vai muito além da simples delegação de tarefas ou transmissão cultural, pois considera o dia a dia dos alunos e sua bagagem de conhecimento, assim o cotidiano escolar passa a ter muito mais sentido para os educandos, dessa forma podemos levar o aluno ao protagonismo real.

Bondía (2002) assegura que esse tipo de vivência permite à pessoa apropriar-se de sua própria vida, pois a experiência é algo singular. Para o autor, não é possível separar o indivíduo do saber de sua experiência, pois ela não está fora dele, uma vez que isso só tem sentido pelo modo como desenha sua personalidade, sua sensibilidade e seu caráter. Podemos afirmar que é a singularidade do estar no mundo de cada um que é ética e estética. “Por isso, também o saber da experiência não pode beneficiar-se de qualquer alforria, quer dizer, ninguém pode aprender da experiência de outro,

a menos que essa experiência seja de algum modo revivida e tornada própria” (2002, p. 4).

Ao manifestar-se artisticamente, essa criança que está nas séries iniciais do Ensino Fundamental, ela deve ser protagonista, autora e produtora de cultura, onde a mesma constrói sua identidade e autoestima, trabalhando e liberando todos os seus sentimentos e tensões, pois assim ela aprimora suas percepções e concepções a cerca do que ela vivencia, fatores estes que influenciarão positivamente na aprendizagem significativa, na sua relação com o eu, com o outro e com o mundo que a cerca.

No cenário atual, é sabido que nós estamos inseridos em um universo em que ouvimos falar em reciclar, se faz necessário uma reciclagem utilitária, ou seja, fazer dos objetos algo de boa imagem e com utilidade, indo além. Contudo, as artes no ambiente escolar não se resumem somente ao desenho ou o trabalho com sucatas, vai muito além disso. Documentos oficiais como os “Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN’s)” é que vão dar norte às práticas, sendo esses, passos importantes dos educadores conscientes, que podem desenvolver atitudes, conceitos e saberes importantes em sala de aula com crianças do Ensino Fundamental I, levando-os ao protagonismo propriamente dito e não apenas no discurso.

3. A LEGISLAÇÃO DO ENSINO DE ARTES

A legislação do ensino de artes passou por muitas mudanças e regulamentações, começaremos falando do ano de 1946, que houve a criação de um estatuto que estabeleceria as Diretrizes e Bases da Educação Nacional. Para isso, formou-se uma comissão de educadores, onde esses deveriam criar um projeto para a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional. Porém, foi somente no ano de 1948 que ele chegou ao Congresso, ficando arquivado até 1949.

A disciplina de artes foi incluída no currículo escolar pela Lei 5692/71, inicialmente foi utilizada a denominação “Educação Artística” que propunha uma valorização da tecnicidade e profissionalismo, dentro de uma lei com concepções mais tecnicistas. Em oposição ao pensamento de um ensino voltado para a profissionalização, no final da década de 70 constituiu-se um movimento chamado “Arte-Educação”, fundamentado pelas ideais da “Escola Nova” e da Educação Através

da Arte, caracterizado pelo posicionamento idealista. (FUSARI; FERRAZ, 2001, p.19).

Contudo, somente no ano de 1961 é que foi instituída a primeira Lei de Diretrizes e Bases da Educação (LDB), que foi a Lei N° 4.024/61, que estabeleceu Nova estrutura para os currículos do ensino primário e médio, sobrevivendo 13 anos no Congresso.

Esta Lei N° 4.024/61 da Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional, fala da iniciação artística no Art. 38, inciso IV do capítulo I, Título VII. No artigo 38 é mencionada como “atividades complementares de iniciação artística”. No que diz respeito ao artigo, pode-se notar a pouca importância dada ao ensino da arte. Logo em seguida foi promulgada a nova LDBEN. Nas políticas do desenvolvimento, criou-se a Universidade de Brasília, com características do ensino humanista voltado para a arte e cultura.

A arte educação ocupou um lugar relevante na Universidade de Brasília. Tencionava-se começar a Escola de Educação a partir de um Departamento de Arte Educação. E, na realidade, a primeira entidade foi uma escola de arte para crianças e adolescentes. Sua organização envolveu durante quase um ano, o trabalho de diferentes especialistas (arte-educadora, arquitetos, psicólogos, artistas, educadores, químicos, etc.). Pretendia-se começar as pesquisas e estudos de educação através da arte- educação, refletindo uma abordagem fiel à ideia de educação através da arte. (BARBOSA, Ana Mae. Arte-educação no Brasil. 2002, p. 46).

Mesmo não sendo prioridade nas escolas, a arte se manifestava no cinema, na música, no teatro, na arquitetura e na literatura. Sendo tão importante em cursos superiores como esses, por que não no ambiente escolar?

No ano de 1971, foi promulgada a Lei N° 5.692/71, mas essa lei tinha apenas características tecnicistas. Em seu artigo 7º, a Educação Artística passa a fazer parte dos currículos escolares como atividade educativa, durando por 25 anos.

Art. 7º_ Será obrigatório a inclusão de Educação Moral e Cívica, Educação Física, Educação Artística e Programas de Saúde nos currículos dos

estabelecimentos de ensino de 1º e 2º grau, observando-se quanto à primeira o dispositivo no Decreto – Lei No 869, de 11 de setembro de 1969. (Lei No 5.692/71).

Entretanto, em 1969 os professores desta disciplina de artes passaram a se sentir despreparados e muito inseguros, e começaram a aplicar técnicas que julgavam novas, onde repetiam produção e pintura de desenhos padronizados, confecção de caixinhas, introduzindo conceitos vindos de fora do nosso país, com “coisas prontas” e os alunos apenas observam o conteúdo, deixando de desenvolver sua criatividade.

Ainda, existiram muitos momentos, principalmente nos anos 80, em que secretários e outras autoridades da educação pediam para a exclusão do ensino de artes/educação artística do currículo. O Conselho Federal de Educação, em novembro de 1986, aprovou a reformulação do núcleo comum para os currículos das escolas de 1º e 2º graus, determinando como matérias básicas somente português, estudos sociais, ciências e matemática. Eliminaram a área de comunicação e expressão, a qual educação artística pertencia.

Entretanto, anos depois, com a promulgação da Lei Nº 9.394/96 da LDB, foram produzidos os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCNs), a fim de dar um norte no que ensinar, ou seja, sistematização de todo o ensino no país. Entre os PCNs elaborados, encontram-se destinados a fornecer orientações didáticas, objetivos e critérios para seleção e avaliação de conteúdos para o ensino da arte.

No texto Parâmetros Curriculares, observa-se as orientações didáticas para o ensino da arte.

[...] referem-se ao modo de realizar as atividades e as intervenções educativas junto dos estudantes nos domínios do conhecimento artístico e estético. São ideias e práticas sobre os métodos e procedimentos para viabilizar o aperfeiçoamento dos saberes do aluno em arte [...] (PCN – Arte, 1997, p. 105).

Dessa forma, com essa nova reformulação das diretrizes, o ensino de Artes começou a ser utilizado como componente curricular obrigatório desde a Educação Infantil até o Ensino Médio e seu ensino e garantido

na Lei 9.394, de 20 de dezembro de 1996, conforme reza o artigo 26, § 2º: “O ensino da arte instituirá componente curricular obrigatório, em todos os níveis da educação básica, de forma a promover o desenvolvimento cultural dos alunos”. Ainda no artigo 26, a Lei torna obrigatório no ensino fundamental e médio o ensino sobre História e Cultura Afro-Brasileira (Incluído pela Lei Nº 10.639, de 2003) e será obrigatório em todo o currículo, incluindo em especial a disciplina de Artes.

No ano de 2008, foi publicada uma nova emenda sobre o ensino de Música no currículo escolar, que foi decretada e sancionada pelo Presidente Luiz Inácio Lula da Silva. E em seu artigo 26, passa então a vigorar acrescido do § 6º, regulamentando a música como sendo um conteúdo obrigatório, porém não exclusivo do componente curricular.

Dessa forma, essa alteração entrou em vigor na data de sua publicação, e exigiu que todos os sistemas de ensino se adaptassem no período de três anos letivos.

Diante da falta de preparo de muitos profissionais para o ensino da arte em toda a Educação Básica, até bem pouco tempo, o que mais víamos era a prática de desenhos mimeografados para colorir com cores impostas pelos professores, ou então quando se dava a oportunidade do aluno desenhar, era ditado o desenho que a criança deveria fazer e em muitas vezes era um desenho do professor como modelo, impedindo que os alunos criassem ou desenvolvessem seus desenhos como viviam ou como queriam, tinham também apresentação de peças teatrais ou danças que imitam a cultura que não lhe pertenciam. Nesses modelos o ensino da arte impede o aluno de poder criar, inovar, refletir, buscar uma criação própria com suas ideias, vivências, sentimentos para contribuir na construção da cultura do país.

4. A ARTE E NA SALA DE AULA

Falamos até aqui que neste artigo o quanto foi difícil a arte ser reconhecida como disciplina componente de currículo e também a desconstrução da visão de que a arte na escola é somente desenho, pintura de algo já pronto ou uma apresentação de dança e teatro em alguma data comemorativa. Ao longo dos anos muitas reflexões, estudos, teorias e leis demonstraram a necessidade da inclusão da arte na escola de forma mais efetiva e significativa para os alunos, em espe-

cial para os alunos das séries iniciais do Ensino fundamental. Mesmo com legislações colocando o ensino de artes no currículo escolar, mas muitas vezes de forma facultativa, Duarte Jr (1991) faz críticas à esse modelo de inclusão “facultativo”, colocando que: “a Educação Artística deve ter a mesma importância que as outras disciplinas dos currículos escolares, e, isso deve ser entendido pelos professores”. (2002, p. 23).

Todavia, nós enquanto educadores, sabemos que a arte nas escolas deve servir para formar cidadãos críticos, pensantes, ativos e sensíveis, com valores éticos e estéticos. Por isso é muito importante que os professores e educadores saibam estimular em seus alunos a criatividade e sua singularidade, levando em conta seus conhecimentos prévios, para assim fazer com que eles se desenvolvam e vejam que através do seu próprio fazer artístico é possível criar, ver e pensar, mostrando seus pensamentos aos demais através das suas próprias criações, sua autoria.

O professor de artes deverá ser um mediador de conhecimento e ações, onde o mesmo deve procurar formas com que suas aulas sejam criativas, , mas que seus alunos saibam ler o mundo, que sejam autores, agindo assim ele fará com que suas aulas sejam compreendidas e que os alunos entendam e participem ativamente das aulas, sendo co-produtores e produtores, deixando o estigma de que o professor é um mero “transmissor de conhecimento”, pois com a participação e o envolvimento dos alunos, os professores poderão fazer com que os estudantes consigam expressar melhor seus sentimentos e seus saberes.

Contudo, é preciso aceitar que o fazer artístico e a fruição estética contribuem para o desenvolvimento de crianças e de jovens, para que se tenha a certeza da capacidade que os educandos têm de ampliar o seu potencial cognitivo e assim conceber e olhar o mundo de modos diferentes, entrelaçando esses saberes de artes com outras disciplinas, principalmente quando trabalhados em conjuntos ou com projetos.

Todavia essa postura deve estar internalizada em nós educadores, a fim de que a teoria e prática pedagógica caminhem juntas, que estejam alinhadas, possibilitando à esse educando que consiga expor seus conhecimentos prévios e seu repertório cultural, que seja compartilhada suas vivências e saberes, e ainda que ele entre em contato com outras referências, sem que haja al-

gum tipo imposição de uma forma de conhecimento sobre outra, mas sempre de uma complementando a outra, ampliando assim seus saberes, conhecendo e respeitando outras culturas.

Esta maneira de trabalhar com o ensino da arte rompe barreiras de exclusão, haja visto que a prática educativa está embasada não no talento ou no dom, mas sim na capacidade de autoria desse aluno das séries iniciais do Ensino Fundamental, aliás, a começar por essa etapa, não findando no mesmo, mas ampliando para que esse aluno possa fazer e experienciar dentro de todas as formas artísticas, tais experiências, sejam elas em estudo da arte, da sua histórias, da criação, sejam também em desenhos, pinturas, música, teatro ou até dança, mas que tenham liberdade e autonomia, sendo esses alunos protagonistas de suas próprias produções.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Neste artigo, a ênfase dada foi em relação de como o ensino de artes era adotado nas séries iniciais do ensino fundamental e também da necessidade da arte ser considerada como importante no desenvolvimento de crianças nessa etapa da educação, pensando na autoria desses alunos, onde esses educandos possam aprimorar seus saberes e competências que estão muito além do hábito desenhar ou de pintar, sem intencionalidade.

A arte é uma ferramenta importantíssima para a aquisição do conhecimento e desenvolvimento de habilidades criativas, com sensibilidade e senso estético, favorecendo o protagonismo infantil, pois a inclusão do ensino de artes no ensino fundamental é muito relevante para o educando desde o início da sua vida escolar, como vimos ele foi incluído no currículo desde a fase da educação infantil.

Através das artes podemos pensar e repensar, ler, reler, escrever e reescrever o mundo. Essa leitura de mundo é muito mais que a alfabetização de conhecer signos, ela é muito importante para o desenvolvimento cognitivo, pois tem a ver com os sentimentos e impressões pessoais a cerca desse mundo.

Desde sempre a ideia de passar desenhos prontos para a criança, fez com que a sua criatividade fosse podada e que a maioria delas perdesse o interesse pe-

las artes, ou a resumisse ao mero ato de pintar algo pronto. Essa maneira tradicional e sem sentido, não faz com que os educandos sejam estimulados em sua criatividade, seu raciocínio e sua sensibilidade estética. Mas quando se tem um arte-educador que faz ao contrário do que muitos faziam e infelizmente dos que ainda fazem, exercitar o seu pensamento, sua criatividade e criticidade, faz com que a criança desenvolva a sua personalidade e todo seu protagonismo, o que a torna independente e autônoma, se percebendo como cidadã e sujeito de transformação.

Desta maneira, percebemos que o ensino de artes nas séries iniciais do ensino fundamental é extremamente importante para o desenvolvimento integral do educando, podendo servir de ponte entre muitas outras áreas do conhecimento, construindo momentos prazerosos de aprendizagem, onde os alunos serão autores e produtores de cultura e conhecimento.

REFERÊNCIAS

BARBOSA, Ana Mae. Arte-educação: conflitos acertos. São Paulo: Max Limonad,1985.

BARBOSA, Ana Mae. Arte-educação no Brasil. Editora Perspectiva. São Paulo. 2002

BONDÍA, J. L. Notas sobre a experiência e o saber de experiência. Revista Brasileira de Educação. Campinas, n.19, Jan/Fev/Mar/Abr 2002. Disponível em Acesso em: 26 abril. 2021.

BRASIL. Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional n.º 5.692/71. Brasília, MEC, 1971.

_____. Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional nº 9.394/96. Brasília: Editora do Brasil, 1996.

_____. PARÂMETROS CURRICULARES NACIONAIS – Artes – Ensino de primeira à quarta série. 1997

DUARTE JR., João Francisco. Por que arte-educação? Papiros editora, 1953 2002.

FERRAZ, Maria Heloisa C. de T. e FUSARI, Maria F. de Rezende e. Metodologia do Ensino de Arte. Cortez Editora,1999.

FUSARI, M. F. De R.; FERRAZ, M.H.C de T. A arte na educação escolar. São Paulo: Cortez, 2001

PROENÇA, Graça. História da Arte. São Paulo: Ed. Ática, 2000.



A MATEMÁTICA NO ENSINO INTEGRAL

Wânia Blabenute de Oliveira

Graduação em Licenciatura em Matemática pelo Instituto Federal de Educação, ciência e Tecnologia da São Paulo - Campus Guarulhos (2012); Professor de Ensino Fundamental II e Médio – Matemática na E.E Estela Borges Morato / EMEF Artur Neiva.



RESUMO

Por meio deste artigo, pretendeu-se conhecer como os as diversas formas que a matemática influencia na aprendizagem da educação. O ponto de partida deste estudo foi à delimitação da concepção de ensino, seguindo para a contextualização da Educação Integral através dos tempos até a contemporaneidade, de maneira que se pôde compreender melhor como a criança tem sido vista e como a concepção de educação passou por transformações até chegar à forma como a conhecemos hoje. Foi possível verificar que o jogo simbólico como elemento fundamental para o desenvolvimento do ser humano, seja no âmbito individual ou social, contribuindo significativamente para a aprendizagem da matemática.

Palavras-chave: Jogos Simbólicos; Desenvolvimento; Aprendizagem; Matemática.

ABSTRACT

Through this article, it was intended to know how the different ways that mathematics influences the learning of education. The starting point of this study was the delimitation of the teaching concept, proceeding to the contextualization of Integral Education through time to contemporaneity, so that it was possible to better understand how the child has been seen and how the concept of education has undergone transformations until reaching the way we know it today. It was possible to verify that the symbolic game as a fundamental element for the development of the human being, whether in the individual or social scope, significantly contributes to the learning of mathematics.

Keywords: Development; Symbolic Games; Learning; Math.

INTRODUÇÃO

O objetivo desta pesquisa é aprofundar as contribuições dos jogos simbólicos como instrumentos da formação lógica matemática da criança. Verificar como eles podem auxiliar na construção dos conceitos matemáticos para sua prática espontânea.

No processo de ensino-aprendizagem da matemática, muitas são as dificuldades encontradas, tanto pelos professores quanto pelos estudantes. Almeida (2003, p. 73), afirma que os termos mais utilizados nas escolas são: “dificuldades ou problemas de aprendizagens”. Como justificativa deste trabalho, propomos as seguintes perguntas a serem respondidas neste artigo sobre as possíveis dificuldades de aprendizagem da matemática:

- Quais os principais desafios no ensino da matemática?
- Quais ferramentas devem ser utilizadas para a melhoria do ensino da matemática?
- Como os professores podem avaliar seus alunos?

Com o resultado desse trabalho poderá se beneficiar o professor, pois terá oportunidade de fazer sua prática educacional com consciência de uma teoria orientada e articulada para o desenvolvimento dos conteúdos culturais trazidos pelos alunos, exigindo a mediação do educador de forma que ele desenvolva um discurso dialético que dê o suporte necessário para o aluno.

O ensino baseado em procedimentos mecânicos sem significado para o aluno precisa ser revisto e novas metodologias devem ser adotadas. O educador deve buscar novas maneiras de ensinar a matemática, alterando sua prática e explorando outros meios que pos-

sibilitem favorecer o aprendizado. Para que desperte o interesse no aluno em estudar a matemática e demais matérias, torna-se necessário que a escola promova recursos didáticos que venham favorecer a motivação em aprender. Segundo Rodrigues, (1976, p. 51): “É na escola, também, que o menino espera achar motivos para alimentar seu espírito de investigação e é nela que ele vai procurar a seiva necessária ao incremento de sua imaginação e poder criador”.

Compreender o modo como ocorre a influência do brincar na aprendizagem, possibilita ampliar noções de desenvolvimento, fazendo com que os educandos tenham outro método facilitador dos conhecimentos, carregando seus conhecimentos prévios para dentro da escola, e levando-os, aprimorados, para seu cotidiano.

Com os jogos simbólicos a criança traz consigo capacidade de reproduzir situações cotidianas da vida adulta em forma de brincadeira. Entende-se que essa reprodução pode ajudá-la na aprendizagem de matemática, uma disciplina considerada difícil por todos, pelo fato de envolver números, raciocínio lógico e problematização.

Na formação psicológica da criança, o jogo simbólico vem em forma de brincadeira, para o lado lúdico, sem o aspecto intencional da aprendizagem. Mas ele pode e deve ser usado como um instrumento que fornece a criança dados da vida adulta que as ajude no seu desenvolvimento e aprendizagem em diversas áreas.

A contextualização da temática deste artigo consiste em destacar a importância do uso da ludicidade no ensino da matemática e evidenciar que através de jogos e oficinas os alunos poderão se desenvolver em vários aspectos. Três desses aspectos são de grande importância: o caráter lúdico, a formação de relações sociais e o desenvolvimento do intelecto. Além do mais, através de atividades lúdicas em sala de aula, as crianças poderão romper a visão negativa acerca da aprendizagem da matemática.

A utilização de atividades lúdicas em sala de aula, desde que feita de forma planejada, contribui para a melhoria do raciocínio lógico-matemático dos alunos, auxiliando-os na resolução de diversas situações dentro e fora da escola. Por outro lado, propicia aos professores uma metodologia eficaz para o ensino da matemática.

Diante do exposto, vamos levantar propostas para verificar como e se a inserção de atividades lúdicas em salas de aulas para o ensino-aprendizagem da Matemática pode contribuir para o aprendizado do aluno, por estar presente na composição musical, na coreografia, na arte e nos esportes (BRASIL,1997).

É importante que a Matemática desempenhe seu papel na formação de capacidades intelectuais, na estruturação do pensamento, na agilização do raciocínio dedutivo, na sua aplicação a problemas, situações da vida cotidiana (BRASIL, 1998). Cabe à escola desenvolver e aplicar o conhecimento matemático de maneira abrangente e cautelosa para que os alunos possam assimilar seu conteúdo com clareza e interesse. Giardinetto (1999) cita que o cotidiano traz os conhecimentos e a escola deve favorecer esses novos conteúdos. Desse modo: “o caráter espontâneo, eficaz e natural próprio do conhecimento cotidiano, considerado como garantia do conhecimento verdadeiro” (GIARDINETTO, 1999, p. 118).

A criança assimila um conhecimento novo quando consegue aplicá-lo no seu cotidiano. A matemática poderá ser colocada em prática na resolução de problemas diários favorecendo a fixação do conteúdo aprendido e ainda dará ao estudante meio de aplicá-la na vida em sociedade. Sendo assim, destacamos Almeida:

Além de preocupar-se com o aprendizado da matemática em si e saber utilizá-la para resolução de problemas cotidianos, é necessário que a educação matemática proporcione ao aluno oportunidades de uma atitude crítica em relação à Matemática e suas aplicações no planejamento e a organização de fenômenos sociais (ALMEIDA 2003, p. 59).

A MATEMÁTICA E A SUA HISTÓRIA

A aprendizagem também não seguia um método adequado à infância. Este era um momento em que, como sinaliza Kramer (2003), os índices de mortalidade infantil eram alarmantes e a morte das crianças, especialmente ainda bebês, era considerada algo natural. Diante dessa apatia em relação à criança, as expectativas eram baixas, entretanto, “quando sobrevivia, ela entrava diretamente no mundo dos adultos” (KRAMER, 2003, p. 17).

Somente por volta do século XVIII a criança passou a ter reconhecidas suas próprias características, dei-

xando de ser pensada e considerada dentro de parâmetros próprios dos adultos. Foi então que houve um distanciamento dos dois universos, e começou a ser introduzida uma ideia de infância como momento de preparação para a vida adulta. Sobre isso, Kramer (2003) observa que:

Se, na sociedade feudal, a criança exercia um papel produtivo direto ('de adulto') assim que ultrapassava o período de alta mortalidade, na sociedade burguesa ela passa a ser alguém que precisa ser cuidada, escolarizada e preparada para uma atuação futura (KRAMER, 2003, p. 19).

Da antiguidade aos dias atuais, no seu cotidiano, o homem precisa do suporte da matemática para atender inúmeras das suas necessidades. Boyer (1906, p.1) enfatiza que a matemática surgiu da necessidade diária do homem. Ela é um sistema variado e muito extenso. Como ciência, orienta nas leis sociais, conhecimento do mundo e domínio da natureza.

Freitas (2010) cita que a partir do momento que a criança joga o jogo simbólico ou imita, ela cria seu próprio mundo onde pode não existir regras, normas que provêm do mundo adulto, possibilitando que ela transforme a realidade para que atenda suas necessidades e desejos. E segundo o autor (2010) afirma:

Oaklander (1980): em sua prática clínica com crianças, sob o enfoque gestáltico, ressalta a importância do brincar para elas, ao explicar que, por meio da brincadeira, as mesmas experimentam o seu mundo e aprendem mais sobre ele, o que representa fator essencial para o seu desenvolvimento sadio. Na visão da autora, a brincadeira é uma forma de autoterapia para a criança, por meio da qual confusões, ansiedades e conflitos são muitas vezes elaborados. Brincar serve como um meio de comunicação para a criança, pois para Oaklander (1980), um simbolismo pode substituir as palavras, uma vez que a criança experimenta na vida muita coisa que ainda é incapaz de expressar verbalmente e, desse modo, utiliza a brincadeira para formular e assimilar o que experimenta (FREITAS, 2010, p.148).

Ainda segundo a autora,

Piaget (2002) aponta que, ao longo do estágio pré-operatório, a criança transita entre duas formas extremas de pensamento: uma pertencente ao início desse estágio, é a do pensamento por pura assimilação, cujo

egocentrismo exclui toda objetividade; outra que é a do final do estágio, é a do pensamento adaptado aos outros e ao real, que prepara o pensamento lógico.

Piaget (2002) explica que, entre essas duas formas de pensamentos, encontra-se a grande maioria dos atos da criança, a qual oscila entre estas duas direções opostas (FREITAS, 2010, p.148).

De acordo com Lungarzo (1990, p. 65) "A matemática, em seus primórdios, consistiu numa técnica para contar objetos e medir terra. Porém, graças à capacidade humana de abstração, ela foi transformada em ciências pelos gregos e desenvolvida por seus sucessores." Os sistemas de escrita numérica mais antiga que se tem conhecimento são os dos egípcios e dos babilônios, que datam aproximadamente do ano 3500 a.C.

O conhecimento matemático é um produto cultural, portanto, histórico e social, que vem se acumulando através do vir a ser da humanidade. Na nossa sociedade, o conhecimento matemático está presente em toda vida e da complexidade atingida socialmente, a matemática é cada vez mais exigida para o próprio cotidiano (GIARDINETTO, 1999, p. 109).

De acordo com Giardinetto (1999), a matemática está presente diariamente em nossa vida, surgindo assim à necessidade de compreendê-la. Como enfatiza o autor:

A matemática comporta um amplo campo de relações, regularidades e coerências que despertam a curiosidade e instigam a capacidade de generalizar, projetar, prever e abstrair, favorecendo a estruturação do pensamento e o desenvolvimento do raciocínio lógico. Faz parte da vida de todas as pessoas nas experiências mais simples como contar, comparar e operar sobre quantidades. Nos cálculos relativos a salários, pagamentos e consumo, na organização de atividades como agricultura e pesca a Matemática se apresenta como um conhecimento de muita aplicabilidade. Também é um instrumento importante para diferentes áreas do conhecimento, por ser utilizados em estudos tanto ligados às ciências da natureza como às ciências.

MATEMÁTICA PARA OS ESTUDANTES COM DEFICIÊNCIA

A história da matemática é dita como uma fonte rica de recursos, pois ela nos permite verificar como os diversos

conhecimentos matemáticos foram evoluindo. Desde os tempos passados o homem utiliza a matemática para facilitar a vida na sociedade. Com isso, a matemática passa a ser compreendida como uma construção humana em que os conceitos foram desenvolvidos para resolver problemas relacionados às necessidades de diferentes estudantes em seus diferentes momentos históricos.

Na escola de hoje, ensinar Matemática, parece uma necessidade fora de questionamentos, pois a matemática faz parte do cotidiano das pessoas e é considerada um componente curricular indispensável para a realização de várias atividades. Para que o ensino da Matemática se torne consistente e significativo faz-se necessário adotar meios de visualização, como gráficos, figuras geométricas, jogos e outros.

Como o professor da classe comum do ensino regular pode ensinar Matemática para um estudante com deficiência visual, visto que muitas vezes não possui formação específica para trabalhar com essa especificidade?

Desse modo, o professor de classe comum não deverá alterar o desenvolvimento dos conteúdos estabelecidos pela escola, nem precisará alterar fundamentalmente seus procedimentos pelo fato de ter um aluno com deficiência visual entre os demais. É evidente que um ensino da Matemática calcado apenas em exposições teóricas, sem experiência concreta e significativa, em que falte a participação direta do aluno por insuficiência de recursos didáticos adequados, tenderá a desenvolver em qualquer educando uma atitude desfavorável à assimilação e compreensão do conteúdo desenvolvido (COSTA e BECHARA, 1982. p.45).

O professor não precisa mudar seus procedimentos quando tem um estudante com deficiência visual em sua sala de aula, mas apenas intensificar o uso de materiais concretos, para ajudar a abstração dos conceitos. Ao criar recursos especiais para o aprendizado de alunos com necessidades especiais, acaba beneficiando toda a classe, facilitando para toda a compreensão do que está sendo transmitido (FERRONATO, 2002. p.45).

A APRENDIZAGEM DE MATEMÁTICA NA EDUCAÇÃO INFANTIL

A causa da criança despertava o interesse das autoridades oficiais e consolidava iniciativas particulares. Num contexto de reforço ao patriotismo e por ques-

tões de conciliações políticas foram tomadas medidas burocráticas que influenciaram a conjuntura administrativa e os programas de atendimento à infância (KRAMER, 2003, p. 57).

O autor acrescenta que no período pré- -escolar, o jogo simbólico é a maneira mais fácil de atuar com a criança, ensinando-lhes os conteúdos que precisam aprender, trocando significados do mundo adulto e aprendendo conceitos.

O jogo infantil tem por características, a substituição do sentido; o prazer e a alegria trazendo inúmeros efeitos positivos para os aspectos corporais, moral e social; a flexibilidade na ausência de pressão criando clima propício para a investigação e solução problemas buscando alternativas de ação; a prioridade do brincar, que volta a sua atenção para a atividade em si e não nos resultados, diferentemente do jogo educativo, que desvirtua o conceito ao dar prioridade ao produto; a livre escolha de modo espontâneo pela criança; e o controle interno determinando o desenvolvimento dos acontecimentos.

O jogo infantil inclui as características: simbolismo: representa a realidade e atitudes; significação: permite relacionar ou expressar experiências; atividade: a criança faz coisas; voluntário ou intrinsecamente motivado: incorporar motivos e interesses; regrado: sujeito a regras implícitas ou explícitas; e episódico: metas desenvolvidas espontaneamente (FROMBERG apud KISHIMOTO, 2011, p. 30).

Conduzir a criança à busca, ao domínio de um conhecimento mais abstrato misturando habilmente uma parcela de trabalho (esforço) com uma boa dose de brincadeira transformaria o trabalho, o aprendizado, num jogo bem-sucedido, momento este em que a criança pode mergulhar plenamente sem se dar conta disso (ALMEIDA, 2003, p. 60).

A autora cita que essas interações proporcionadas pelo jogo, é garantido o respeito entre mediador e criança, onde ela tem oportunidade de construir seu conhecimento físico, social e cognitivo, assim, estruturando sua interação e inteligência com o meio ambiente.

Nos jogos de faz de conta, a criança escolhe papéis a serem desempenhados e define as regras. Dessa ma-

neira a criança brinca tendo prazer em brincar. Nesses jogos, a criança, organizar ações, toma iniciativas, planeja e substitui o significado dos objetos com o objetivo de reproduzir relações e fenômenos observados por ela.

Para a autora, no desenvolvimento da criança, vemos a transição de uma forma para outra, através do jogo, que é a imaginação em ação. A criança tendo tempo e espaço, ela trabalha a construção do real para a fantasia. A imaginação é um processo psicológico novo para a criança, uma atividade consciente que não está na consciência das crianças pequenas. Januário e Tinto (2008) sinalizam que:

Para que o jogo possa mediar o ensino e a aprendizagem, atingindo os objetivos esperados, é necessário um estudo pelo docente antes de sua aplicação. Esse estudo permitirá que o professor questione-se sobre qual a finalidade de utilizar determinado jogo, como utilizá-lo e quais as situações-problema poderão ser trabalhadas para que haja uma aprendizagem matemática (JANUÁRIO; TINTO, 2008, p. 4).

A seriação é construída sobre o processo de comparação. Para que as crianças realizem a seriação, os jogos devem ter objetos que variem o atributo: jogos de matérias que se encaixam; jogos que trabalhem com o corpo da criança; jogos com matérias relacionados a diferentes atributos como, tonalidade de cor, distância, consistência, tamanho, peso, comprimento, largura, espessura, e altura (IDE, 2011).

Selva e Brandão (1998) apresentam diferentes representações na resolução de problemas de subtração por crianças observando o uso espontâneo do cálculo mental parece não fazer parte do trabalho com a matemática na pré-escola:

O papel e o lápis são utilizados apenas para realização dos exercícios do livro, em que se exige a escrita convencional dos números e operações. As situações de sala de aula são bem diretivas sobre como o aluno deve agir e fazer os cálculos, não se estimulando o uso de diferentes recursos, bem como a elaboração de estratégias por parte das crianças (SELVA & BRANDÃO, 1998, p. 58).

Apresentamos a subtração que, normalmente é trabalhada de forma geral na Escola pelo algoritmo ou pe-

los fatos numéricos, ou seja, no cotidiano escolar, do uso da escrita convencional dos números pela criança o professor é desafiado a demonstrar como se ensina a criança a realizar a operação de subtração, ou seja, se coloca de cara o foco no procedimento, partindo do pressuposto que essa criança não sabe efetuar essa operação de subtração e, portanto, o professor precisa ensiná-la.

O reflexo disso se desdobra na ação do professor ensinar a conta, no termo correto seria no algoritmo convencional – que seria o conjunto de passos que diz como é possível executar a operação de subtração, ou seja, a conta armada.

Segundo Duval (2009) a criança deve construir, matemático que se utilize registros para representar os objetos matemáticos e assim conseguir interagir com as outras crianças envolvidas no processo de ensino e aprendizagem. O autor acrescenta que “não é possível estudar os fenômenos relativos ao conhecimento sem se recorrer à noção de representação” (DUVAL, 2009, p. 29).

Para o autor (2009):

Um tratamento é uma transformação que se efetua no interior de um mesmo registro, aquele onde as regras de funcionamento são utilizadas; um tratamento mobiliza, então, apenas um registro de representação. A conversão é, ao contrário, uma transformação que faz passar de um registro a outro. Ela requer então a coordenação dos registros no sujeito que a efetua (DUVAL, 2009, p. 39).

O brincar, o brinquedo e o jogo, frequentemente, despertam sentimentos de alegria, prazer, entusiasmo e espontaneidade, que, juntos, contribuem para o desenvolvimento harmonioso e equilibrado, ou seja, transportam consigo inúmeras vantagens tanto em nível do desenvolvimento cognitivo como a nível emocional, sócio afetivo e motor da criança:

O primeiro paradoxo contido no brinquedo é que a criança opera com um significado alienado numa situação real. O segundo é que, no brinquedo, a criança segue o caminho do menor esforço – ela faz o que mais gosta de fazer, porque o brinquedo está unido ao prazer – e ao mesmo tempo, aprende a seguir os caminhos mais difíceis, subordinando-se a regras e, por

consequente, renunciando ao que ela quer, uma vez que a sujeição a regras e a renúncia à ação impulsiva constitui o caminho para o prazer do brinquedo (RO-LIM, GUERRA, & TASSIGNY, 2008).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Através das pesquisas realizadas para desenvolver esse trabalho, foi evidenciado a grande importância de desenvolver um ensino de qualidade para as crianças, utilizando recursos didáticos que possibilitem aumentar a motivação para a aprendizagem e ao mesmo tempo favorecer o raciocínio e a autoconfiança do estudante.

O ensino matemático deve ser realizado com o comprometimento de aquisição de um conhecimento espontâneo, sistematizado que permita ao professor verificar o raciocínio lógico-matemático dos alunos de forma criativa, crítica, reflexiva enriquecendo a bagagem dos alunos.

É por meio dos jogos, brinquedos e das brincadeiras que a criança entra em contato de forma espontânea com as primeiras noções matemáticas. A contagem e o sentido de número estão entre as primeiras noções aprendidas, sendo assim, cabe a escola se basear nesse conhecimento prévio para desenvolver atividades em um ambiente formal de aprendizagem de modo que as experiências trazidas e adquiridas pré-escola tenham uma validade na aquisição dos novos conhecimentos.

Especificamente, no caso da matemática, atividades lúdicas, nas quais estão inclusos os jogos e oficinas, possibilitam também que os alunos gostem de aprender a disciplina, estimulando a socialização e interação com os colegas. A matemática está presente em quase todos os aspectos de nossas vidas; vem daí a necessidade de compreendê-la como um meio importante de desenvolvimento do raciocínio lógico-dedutivo e como elemento gerador de habilidades no indivíduo.

Como a aprendizagem é um processo em construção, torna-se relevante preocupar-se com a forma utilizada para se chegar ao melhor aproveitamento do ensino. O educador deve recorrer a novas maneiras de ensinar a matemática com a introdução de jogos e brincadeiras dirigidas, tornando a sala de aula num espaço gerador de conhecimentos. Aprender matemática pode ser prazeroso e de fácil compreensão se forem utilizados

métodos lúdicos, através de jogos e brincadeiras. As atividades lúdicas, desde que sejam bem planejadas e acompanhadas pelos educadores, mostram-se como excelente ferramenta para o aprendizado da matemática.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, L. M. W.; BRITO, D. S. Modelagem Matemática Na Sala De Aula: Algumas Implicações Para O Ensino E Aprendizagem Da Matemática. Paraná. Uel, 2003.

AMORA, A.S. Minidicionário Soares e Amora da língua portuguesa. 19. ed. São Paulo: Saraiva, 2009.

ARCE, A. Brinquedos criados para aprender. Revista Nova Escola. Edição Especial vol.2, n. 10, agosto de 2006, p. 38.

AZEVEDO, A.C.P. de. Brincar na brinquedoteca: crianças em situação de risco. p. 143-58. In: BOMTEMPO, E.; ANTUNHA, E.G.; OLIVEIRA, V.B. de (Orgs.). Brincando na escola, no hospital, na rua Rio de Janeiro: Wak, 2006.

BRITO, M. R. F. (Org.). Psicologia da educação matemática: teoria e pesquisa. Florianópolis: Insular, 2001.

BORIN, Júlian. Jogos e resolução de problemas: uma estratégia para as aulas de matemática. 6. ed. São Paulo: IME-USP, 1996.

BRASIL. Referencial curricular nacional para a educação infantil. Ministério da educação e do Desporto, Secretaria de Educação Fundamental. – Brasília: MEC/SEF, 1998.

CUNHA, N. H. S. Brincar, pensar e conhecer: brinquedos, jogos e atividades. 3. ed. São Paulo: Tempo, 1999.

KISHIMOTO, T.M. O brincar e suas teorias. São Paulo: Pioneira Thomson Learning, 2002.

LEONTIEV, A. N. Os princípios psicológicos da brincadeira pré-escolar. In: VIGOTSKY, L.S. et al. Linguagem, desenvolvimento e aprendizagem. São Paulo: Ícone, 1998.

LUNGARZO, C. O que é matemática. São Paulo: Brasiliense. 1990. (Coleção primeiros 231 passos). MACEDO.

L. Jogar para viver e conhecer. Nova Escola. Edição especial Hora de brincar. São Paulo: Abril, setembro 2010.

OLIVEIRA, V.B. de. Jogos de regras e a resolução de problemas. 2. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2007. OLIVEIRA, J.A.J, MOTA R.J.M. A modelagem matemática, o ensino e a aprendizagem: reflexão do processo. V Colóquio Internacional “ Educação e Contemporaneidade ” São Cristovão – SE, 2011. PIAGET, J. A formação do símbolo na criança: imitação, jogo e sonho, imagem e representação. 3 ed. Rio de Janeiro: LTC, 1990, p. 217-65.

PILETTI, N. Psicologia Educacional: motivação da aprendizagem. 2 ed. São Paulo: Ática, 1985 RABIOGLIO, M.B. Jogar: um jeito de aprender. Análise do rega-varetas e da relação jogo-escola. São Paulo, 1995. [Dissertação] Mestrado em Educação. São Paulo:UNESP, 1995.

RIBEIRO, F. D. Jogos e Modelagem na Educação Matemática. 1. Ed. São Paulo: Saraiva, 2009.

RODRIGUES, M. Psicologia Educacional: uma crônica do desenvolvimento humano. São Paulo: McGraw-Hill do Brasil, 1976.



ARTES NO ENSINO FUNDAMENTAL

Edna dos Santos Silva Benatti

Graduada em Matemática pela UNICASTELO- Universidade Camilo Castelo Branco em 1995; Professora de Ensino Médio (Matemática) na E.E Prof Zilda Braconi Amador e Professora de Ensino Fundamental na EMEF Prof Chico Falconi.



RESUMO

O artigo descreve sobre o ensino da arte no ensino fundamental e sua importância para o desenvolvimento do aluno. Veremos que ela contribui muito a cultura, história e o conhecimento de diversidades, trabalha no aluno seu lado criativo por meio de técnicas e interpretações em sala de aula, desenvolve seu lado cognitivo estimulando sua imaginação. Procuramos por meios de bases bibliográficas mostrar que o ensino da arte contribui firmemente em diversos pontos, assim gerando benefícios que incluam o aluno na sociedade e que contribua para sua vida e formação.

Palavras-chave: Arte; Ensino fundamental; Método de ensino.

ABSTRACT

The article describes the teaching of art in elementary school and its importance for the development of the student. We will see that it contributes a lot to culture, history and the knowledge of diversities, works on the student's creative side through techniques and interpretations in the classroom, develops his cognitive side stimulating his imagination. We seek by means of bibliographic bases to show that the teaching of art contributes strongly in several points, thus generating benefits that include the student in society and that contributes to their life and formation.

Keywords: Art. Elementary school. Teaching methods.

INTRODUÇÃO

A arte está presente nas mais antigas formas de cul-

tura, e seguindo este método, pode-se articular que é uma das maiores fontes de conhecimento, onde é utilizado como um método do ser humano se apresentar ao mundo. criando, desenvolvendo e estabelecendo formas que representam sua passagem no mundo pelas épocas e civilizações, o seu modo de mostrar seus sentimentos, idéias, sensações, sendo uma forma de comunicação.

Desde que surgiu como forma de comunicação nos primeiros dias da humanidade, se mostrou em sua variedade de ações, muitas vezes através de seu trabalho, uma condição primordial para sua sobrevivência, no qual o homem utiliza-se de muito transformando a natureza. Uma das primeiras formas que se tem visto e a muito se estuda é a pinturas rupestres, também caracterizada essa a primeira forma de se expressar e indicar como conseguir em meio aos seus sobreviver, indicando que o homem da caverna, há tempos, demonstrava interesse em se expressar de formas diferentes.

As várias formas de arte existem para fazer com que as pessoas vejam que o mundo se desenvolve. Ao fazer com que se seja notado em seu meio, criando cultura e modificando as várias formas de arte ao longo da história. Desenvolver idéias, desejos e expressar sentimentos, é uma das grandes formas de exibições de um sistema de mostras.

Sendo dentre seus conceitos variados um deles diz “ a arte é uma experiência humana de conhecimento estético que transmite e expressa idéias e emoções”, logo, para a melhor apreciação da arte é primordial aprender a observar, analisar e refletir, criar um senso crítico a emitir suas várias opiniões sobre estilo, gosto,

material, modo de fazer e mostrar suas diferentes formas de fazer arte (AZEVEDO JÚNIOR, 2007, p 88)

As variadas épocas e civilização que por aqui passaram demonstraram suas diferentes maneiras de fazer arte, cada uma com seu valor artístico, moral e religioso, cada território tem sua influência cultural, no qual ela se mostra por meio de danças, artesanatos e suas variadas formas.

A busca do conhecimento de arte na escola propicia ao aluno uma maior visão do mundo, o contato com períodos, tempos, lugares e diversidade, enriquece seu conhecimento e o coloca em posição de ter consciência, criticidade e crescimento pessoal. A arte é capaz de criar cultura e cada lugar tem sua influência pessoal, cada influenciador que ao passar do tempo se manifestou ou pode contribuir fez com que a sua arte fosse vista, ouvida ou sentida.

O conhecimento da arte não fica evidente as pessoas, não se faz do nada por livre expressão, ele é preciso ser ensinado, cabe a escola ensinar, porém não somente ela, mas deve ser nutrido por outros meios.

O ensino da arte nas escolas se faz um ótimo meio, no qual faz com que os alunos cresçam e se abram para o mundo assim criando um melhor conceito de vida, tendo em base que na sociedade existem diversas culturas que devem ser respeitadas e também ouvidas, pois todo tipo de arte é uma forma de expressão e nela a um jeito de levar a sociedade sua grande diversidade e apreciação.

1. A ARTE DENTRO DO ENSINO FUNDAMENTAL

O ensino fundamental tem em sua base central passar aos alunos o conhecimento por meio de estudos no qual eles vivenciam a arte, sendo ela vivenciada eles podem melhor compreender os aspectos criativos, técnicos e simbólicos. Suas linguagens mais estudadas e passadas em sala são a dança, a música e o teatro no ensino de artes visuais.

Esses componentes instituem no aluno uma visão aberta entendendo a complexidade externa da arte, além de construir um diálogo intercultural de respeito as diferenças, muito importante para o exercício da cidadania.

As Diretrizes Curriculares Nacionais para a educação fundamental faz se esclarecer que a proposta curricular do ensino devem garantir experiências que procurem o conhecimento de si próprio e do mundo por meio de experiências que estimulem o uso corporal, sensorial e expressivo, respeitando o ritmo de cada criança, para que possa permitir brincadeiras que farão o aprofundamento nas diferentes linguagens, como a verbal, a artística, a musical e a dramática. Dessa maneira, as instituições de educação Infantil devem elaborar propostas que integrem essas vivências (BRASIL, 2010).

O ensino de artes visuais é importante para expressar, representar e criar cultura. Desde o início os humanos se expressam por meio de arte em rituais, pinturas, dança e música. Usado para desenvolver parte do cérebro e evoluir para um ser pensante.

O ensino da arte na escola é utilizado para ampliar, desenvolver, criar imaginação, dar criatividade e criticidade para o aluno. Fazer com que o aluno tenha por si só uma opinião para poder junto a sociedade fazer escolhas e saber apreciar pontos diferentes de cultura.

A arte pode ser procurada e reconhecida de diferentes formatos de acordo com a visão de homem e cada cultura, estando relacionada com conhecimentos específicos, por isso, são várias às diferentes linguagens artísticas.

O contato com as diferentes formas de artes oportuniza aos alunos: exploração, conhecimento e brincadeira, com tudo desenvolvendo uma visão transformadora beneficiando um vínculo com a realidade, contribuindo para analisar a compreensão do aluno e do mundo a qual vivência, favorecendo a ligação entre a fantasia e a realidade (ALMEIDA, 2001, p 68).

Os processos de criação precisam ser compreendidos tão quanto os eventuais produtos e o compartilhamento das ações artísticas produzidas pelos alunos, em diálogo com seus professores, podem acontecer não apenas em eventos específicos, mas ao longo do ano, sendo parte de um trabalho em processo (ALMEIDA, 2001, p 71).

A arte assim criada exige algumas maneiras de interação com elementos artísticos na qual o olhar do aluno deve entender e estabelecer os significados que foi exposto pelo artista através de suas participações.

Todas as atividades que facilitem um trânsito criativo, fluido e desfragmentado entre as linguagens artísticas podem construir uma rede de interlocução, inclusive, com outros componentes curriculares. Nesse sentido faz-se necessário educar os indivíduos para que possam constituir um diálogo entre vivências, experiências estéticas e os objetos artísticos, para isso os saberes e fazeres da arte devem ser abordados em todos os níveis da educação formal no sentido da formação do leitor-apreciador da arte (PIRES, 2009, p 93).

A arte no mundo é repleta de imagens, utilizadas em diferentes conjunturas com a mais diversa finalidade e sentidos. São questões, assuntos ou habilidades afins de diversos componentes poderem compor projetos nos quais os conhecimentos se integrem, gerando experiências de aprendizagem extensas e complexas. O que caracteriza a arte é sua qualidade de criação utilizando toda a sua vasta visão e composição.

Conhecer o artista definindo a arte enquanto percepção das composições, mas que não dispensa a vivacidade das sensações é um ver afetado pelo pensar. Onde considera as formas e cores da natureza e as remaneja para uma nova inteligência do verdadeiro. Portanto, o observar é um combinar, um transformar, um repensar os dados da experiência afetiva, sendo reconhecido como a própria Arte.

O invento e a criação devem ser vistos em sala de aula como um processo de busca de solução para um problema muitas vezes não muito claro, mas que pode se materializar, nas cores e formas de um pintor e, também nas fórmulas de um cientista (MARIN, 1976, p 76).

O conhecimento artístico deve ser observado como um fim em si, um saber carregado de especificidades, com conteúdos próprios e objetivos, fundamentado num entendimento estético, indo além da adequada disciplina escolar, onde envolve diversidade de linguagens, símbolo e beleza, podendo ser estimado como uma maneira de sensibilização para o ensino de artes.

O aprendizado artístico possibilita o compartilhamento de saberes e entre alunos por meio de eventos artísticos culturais, concertos, recitais, intervenções, exposições, saraus, espetáculos, performances e outras apresentações, na escola ou em outros locais. É possível passar por esses elementos artísticos sem se deter em seus significados, porém, compreender sua

essência é o ideal para se compreender o mundo em que vivemos.

O desenvolvimento da arte na escola promove o relacionamento do homem com o mundo. E numa sociedade que não compreende o sujeito em sua totalidade, fragmentando-o, surge a necessidade de integrar as partes que compõem esse sujeito, desenvolver a intuição e a razão por meio das percepções, sensações, emoções, elaborações e racionalizações, com o objetivo de propiciar ao aluno uma melhor maneira de relacionar-se consigo mesmo e com o outro (ALBINATTI, 2008, p 55).

Todos devemos adotar a importância da arte no método educativo como elemento formativo, ferramenta de diálogo com a realidade e transformação do cotidiano. Por isso é preciso adotar a importância social da Arte na educação quando esta se movimenta no sentido de contribuir para o conhecimento com a comunidade da escola e com o desenvolvimento social e educativo dos alunos.

2. MODELOS DE ARTES NO ENSINO

A arte no ensino precisa ser trabalhada em vários níveis, o ensino dela deve ser representada, ouvida, curtida, experienciada e apreciada. Um aluno se sente bem sempre que aprende algo novo e consegue compreendê-lo, o professor procura por meios fazer com que o aluno aprenda de melhor maneira o conteúdo.

Variadas são as formas de ensino que podem ser trabalhadas em sala, no ensino fundamental se utilizam de arte, música, teatro e dança que fazem o aluno por meio destes desenvolver a imaginação, a criação e o conhecimento específico das artes (ALBINATTI, 2008, p 72).

A música e dança são métodos que estimulam o aluno na concentração e desenvolvem suas habilidades motora e cognitivas, ajudando-o em diferentes linguagens difundir a sociabilidade, estimulando o corpo a aumentar o potencial de expressão do indivíduo, dá ao aluno referência cultural diversa. Ao juntar as duas eles trabalham o conjunto de sincronia de movimentos dos alunos e quando usada em grupos criam um momento de sincronia onde eles podem interagir se sentindo parte de um grupo e melhorando o relacionamento com a turma.

No ensino fundamental a música e a dança quando tra-

balhados os acervos documentais e os materiais como estratégia, servem para afirmar a identidade cultural e tem o intuito de construir o conhecimento, o entretenimento e a cidadania nos alunos, ela sempre foi uma manifestação de uma emoção impulsionada pelas sensações musculares e articulações do corpo integrando-se sempre no trabalho, nas religiões e nos momentos de prazer.

Como vemos no ensinamento fundamental, a dança e a música fazem parte de um trabalho educacional no qual o aluno precisa lutar contra timidez, ter confiança para se entregar em passos em grupo, criar uma menor resistência às provações e enfrentar as dificuldades para tentar coisas novas. Esse tipo de arte tem se tornado um estilo diferenciado nas práticas educacionais, por orientar o movimento corporal de cada aluno de forma a explorar sua capacidade de criação, estimulando o autoconhecimento e favorecendo para aprendizagem.

O aluno pode ter uma importante função na educação quando relaciona no processo da interpretação e criação de dança em conjunto com um ritmo regional, transformando o modo como ele conhece a sociedade ao seu redor, pode de forma harmoniosa e prazerosa criar nele um vínculo no qual ele pode admirar e compreender culturas nacionais assim valorizando o que temos de importante.

A prática da dança no ensino fundamental leva o indivíduo a uma melhor interação social, desenvolvimento rítmico de sequenciação, percepção de tempo, espaço, reconhecimento das produções artísticas em todas as sociedades. As proporções de movimentos corporais desenvolvem a imaginação, sensibilidade, enfim, a dança contribui aos que a praticam de forma intelectual, física e espiritual.

A mistura de música e dança na escola se impõe como atividade educativa que comunica a cultura dos povos, o movimento aparece como um dos principais meios de relação entre o homem e o mundo a sua volta, melhorando a concentração, a disciplina, a coordenação motora, o respeito ao próximo e a prática cidadã (FREIRE, 2011).

As variadas modalidades de dança desenvolvem no aluno um gestual aprimorado, performando e disciplinando-o para demonstrar os movimentos do corpo e sua cênica de acordo com a leveza ou a robustez do movimento que o ritmo requer. Danças folclóricas anunciam um ritual local por meio de tipos, ritmos e encena-

ções que abrangem linguagens expressivas das diferentes culturas desde as ações mais simples até o conjunto de ações simbólicas e complexas que integram a dança.

O ensino teatral deve ser dinâmico, no qual precisam ser considerados diferentes tipos de artes, como as tradicionais e também as contemporâneas que vieram com os avanços tecnológicos, pode-se utilizar diversos suportes como folhas, cartolinas, cartões, telas, materiais recicláveis, tecidos, enfim, há uma gama de suportes para a arte, basta o professor usar de sua criatividade e com certeza abrirá um leque de situações artísticas para seus alunos (BUORO, 2001, p 82).

O estudo do teatro na aula de artes e sua relação com o desenvolvimento do aluno, tem seu contexto sócio-histórico, isso possibilita estruturar um planejamento ainda mais elaborado, incumbido de apontar os principais conceitos teóricos e as principais sugestões de intervenção prática a fim de que se recuperem e melhorem, as possíveis falhas do cotidiano do aluno que podem fazê-lo ser melhor e melhorar sua memória e performance escolar.

No teatro arte se mostra por funções distintas e conceitos próprios na vida dos humanos a qual pertence. Devido aos nossos mais variados modos de vida estamos acostumados a classificar o mundo em categorias, o que acaba influenciando nosso modo de pensar. Embora as formas artísticas sejam bastante distintas entre si, todas elas são frutos da criação e ação humana e estão geralmente ligadas.

Como a arte tem a capacidade de transmitir sensações estéticas carregadas de vivências pessoais e sentimentos que exprime a realidade, e estas são representadas e interpretadas através de sons, movimentos, imagens visuais e dramatização, que chamamos de objeto artístico. Pois ela reflete seu tempo. Ao pensarmos nas manifestações artísticas de povos diferentes, entendemos que cada um tem seu jeito, sua maneira de desenvolvê-las e pensá-las (BUORO, 2001, p 96).

É importante que os educadores tenham claro que o método para o fundamental, no confronto entre contextos sócio-históricos, é a distinção temporal entre as experiências do passado e as experiências do presente. Tal distinção é realizada por meio dos conceitos e saberes que estruturam historicamente as disciplinas, ou seja, os conteúdos estruturantes.

Na escola as artes teatrais podem colaborar no ensino para que os alunos possam melhor se relacionar, tanto com os colegas quanto com o meio onde vivem, eles aprendem a construir o seu conhecimento brincando e descobrindo seus espaços, eles se tornam mais participativos e responsáveis nas atividades em sala, projetos e dinâmicas, atua formando um indivíduo mais crítico e atuante em sua própria realidade.

O trabalho do teatro na sala de aula deve consistir em fazer com que o aluno saiba como resolver conflitos relacionados ao ambiente escolar e ao social melhorando sua postura em meio as pessoas a sua volta fazendo com que se sinta mais a vontade para falar, fazer e ser ouvido.

Tudo que trabalha com o lúdico ou fantasioso é importante para as descobertas do aluno em desenvolvimento, o teatro é um grande aliado na relação de aprendizagem, contribuindo para que no futuro esses alunos se tornem adultos mais independentes e determinados.

3. DESENVOLVIMENTO DA ARTE EM SALA

O aprendizado nas escolas segue uma base nacional, seguindo etapas no qual o professor tem que lidar com várias diversidades de alunos, uns com capacidade de aprendizado mais rápidas que outros, ele deve demonstrar e por melhores meios tentar nivelar e manter todos no mesmo ritmo para melhor conduzir o ensino.

O professor deve criar um plano de transformação, no qual prepara o aluno para que conheça e vivencie aspectos técnicos, inventivos, representacionais e expressivos em música, artes visuais, desenho, teatro, dança, artes audiovisuais. Este preparo deve ser adequado à vida do aluno procurando incluir a comunidade e o meio social ao qual está inserido, assim dando percepção do mundo, como espaço de reflexão e de possibilidade de transformação do cotidiano (MEIRA, 2011).

As variedades do conceito de arte não devem ser transmitidas de formato mecânico, por meio de memorizações e repetições, mas exige que o professor dê ao aluno a possibilidade de adquiri-los de formas diversificadas para apreender, o aluno necessita de uma intensa atividade dinâmica e mental. A disciplina de arte, a metodologia das aulas, possibilita a interlocução do ensino de um pensamento sistematizado, em especial a literatura, ao necessitar que se faça uma reflexão acerca de sua contextualização histórico-cultural e sua dimensão artística.

O trabalho do professor é de observação em sala de aula, no sentido que deve dar às atividades aplicadas a matéria em sala de aula e ele deve desenvolver as atividades, assim contribuindo com a organização intelectual do aluno em outras áreas do saber. É importante que a sala de aula seja considerado um espaço flexível, aberto a novas formas de arte, que possa trabalhar das mais diversificadas maneiras, um local onde o aluno se sinta aberto para se expressar, com múltiplas possibilidades de organização, resultando numa aula prazerosa e produtiva, deve-se oferecer uma aprendizagem na qual o aluno como integrante do processo educativo, intervindo de forma crítica, consciente e analítica.

O aluno quando desenvolve capacidade de interpretar quer dar significados as imagens que fazem parte do seu mundo, nesse momento o professor auxilia o mesmo para que possa por meio de estudo aprofundar-se podendo desta forma, comentar, argumentar e participar de maneira crítica frente às manifestações artísticas que a ele começam a chamar a atenção (MEIRA, 2011, p 32).

O professor de maneira educativa se torna um grande influenciador em sala que pode criar no aluno um olhar sonhador, vendo que o aprendizado de movimentos passados de arte podem afetar aprendizagens futuras, tendo em relação que o mesmo tem caráter construtivista e se torna responsável por criar ou modificar comportamentos.

O desenvolvimento em sala de aula atua de várias maneiras no ensino, no qual o professor precisa achar modos de estimular o aluno a gostar da matéria, auxiliando para que ela seja absorvida de melhor forma, levar o aluno a usar os seus sentidos para com que ele a interprete e aprenda de maneira completa, sentindo as informações ele tem melhor percepção e memorização do assunto.

O ensino da arte promove de maneira significativa o desenvolvimento humano, pois apresenta um grande papel na aprendizagem, o aluno que tem contato com artes no ensino fundamental consegue dimensionar seus sonhos, melhorar seu lado comunicativo, criar e melhorar seu lado afetivo, dar valor a cores e formas, criar interesse pelas variadas formas de arte do mundo.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O ensino de artes no nível fundamental se faz importante por ter impacto direto na vida do aluno, ela tem uma grande dimensão para o ensino por mostrar dife-

rentes sistemas culturais e de história, por ser uma disciplina que abrange muitos temas, facilmente pode ser relacionada a outras disciplinas, assim enriquecendo o aprendizado. A aprendizagem de um modo geral na escola é um exercício de criatividade, no qual faz com que o aluno seja obrigado a pensar, se faz capaz de agregar várias mudanças positivas no seu trajeto se mostra muito benéfica, o seu uso na vida é capaz de causar diminuição de ansiedade e baixar o estresse ao mesmo tempo melhorar a autoestima e a auto percepção.

Um bom direcionamento de ensino, quando bem trabalhado e aproveitado pelo aluno proporciona amadurecimento, cria valores, melhora sua inteligência e constrói personalidade no indivíduo. Quanto mais o aluno veja, ouça, experimente, aprenda e assimile, melhores elementos do ensino ele absorve e experiências mais consideráveis e produtivas ela terá para usar no futuro.

É preciso que ambas as partes aluno, professor e escola tenham ciência de sua importância e saibam o seu lugar para conseguir fazer bom uso do aprendizado, a matéria é rica de conhecimento e contribui grandemente para todos a partir do momento que bem aproveitada. A sociedade deve muito aos benefícios que ela traz a partir do momento que enriquece e divulga a diversidade, o respeito e a cultura para todas as gerações que passam pelo ensino.

REFERÊNCIAS

ALBINATTI, Maria Eugênia Castelo Branco. Artes visuais. Artes II. Belo Horizonte. 2008.

ALMEIDA, C.M.C. Concepções e Práticas Artísticas na Escola. In: FERREIRA, S. (Org.). O ensino das artes: construindo caminhos. Campinas-SP: Papirus, 2001.

AZEVEDO JUNIOR, José Garcia de. Apostila de Arte – Artes Visuais. São Luís: Imagética Comunicação e Design, 2007.

BARBOSA, Ana Mae. Arte Educação no Brasil: do modernismo ao pós-modernismo. São Paulo, 2003.

BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Básica. Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Infantil. Brasília: MEC, SEB, 2010

BUORO, Anamélia Bueno. O Olhar em Construção:

uma experiência de ensino e aprendizagem da arte na escola. São Paulo: Cortez, 2001.

CAIXETA, Sandra Maria Bianchini. Educação hoje. Goiânia: Kelips, 1992.

CAMAROTTI, Marco. A linguagem no teatro infantil. 2ª ed. Recife: Universidade Federal de Pernambuco, 2002.

FERREIRA, A. Arte, escola e inclusão: atividades artísticas para trabalhar com diferentes grupos. Petrópolis: Vozes, 2010.

FISCHER, Ernst. A Necessidade da Arte. Rio de Janeiro: Zahar, 1983.

FREIRE, Paulo. Pedagogia da Autonomia: saberes necessários à prática educativa. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

FREIRE, I. M. Ação política e afirmativa: dança e corpo no discurso educacional sul-africano pós-apartheid. Revista O Teatro Transcende, Blumenau(2011).

HOWARD, W. A música e a criança. São Paulo: Summus, 1984.

LAVELBERG, Rosa. Para gostar de Aprender Arte: Sala de Aula e Formação de Professores. Porto Alegre, Artmed, 2003.

LOWENFELD, V; BRITAIN, W. L. Desenvolvimento da capacidade criadora. São Paulo, Mestre Jou, 1977.

MARIN, Alda Junqueira. Educação arte e criatividade. São Paulo: Pioneira, 1976.

MEIRA, Marly Ribeiro, página 101. 7. Educação estética, arte e cultura do cotidiano. A Educação do Olhar no Ensino das Artes. Editora Mediação, 6ª Edição. Porto Alegre 2011.

PIRES, E. Proposta Curricular da Educação Infantil. Campinas: Prefeitura Municipal de Campinas, 2009.

RICHTER, Ivone Mendes. Interculturalidade e estética do cotidiano no ensino das artes visuais. São Paulo: Mercado de Letras, 2003.

TAVARES, I. M. Educação Corpo e Arte. Curitiba: IESDE, 2004.



AS POSSIBILIDADES DO ENSINO DE ARTES NA EDUCACAO INFANTIL

Rebeca Lopes da Silva



Licenciatura Plena em Educação Artística com ênfase em Artes Plásticas, pela Faculdade Paulista de Artes, concluída em dezembro de 2010, Pós Graduada em Gestão Educacional pela Universidade Cruzeiro do Sul (Unicsul), concluída em dezembro de 2015. Professora de Artes na Prefeitura de São Paulo desde março de 2013, lecionando desde essa data na EMEF Dona Jenny Gomes como professora de Artes na EJA (Educação de Jovens e Adultos), no Ensino Fundamental I e Ensino fundamental II.

RESUMO

Este artigo irá abordar o trabalho com Artes na educação infantil, mostrando as diversas possibilidades de aguçar a criatividade das crianças nas suas criações, reproduções, leituras e apreciação da arte, isso em um ambiente que para muitos é somente um lugar onde as crianças pequenas brincam. É possível observar como as crianças produzem arte, fazendo com que as práticas artísticas tenham sentido para elas, experienciando assim as diversas linguagens artísticas.

Palavras-chave: arte, educação infantil e linguagens artísticas.

ABSTRACT

This article will address the work with Arts in early childhood education, showing the various possibilities to sharpen children's creativity in their creations, reproductions, readings and appreciation of art, in an environment that for many is just a place where young children play . It is possible to observe how children produce art, making artistic practices make sense for them, thus experiencing different artistic languages.

Keywords: art, early childhood education and artistic languages.

INTRODUÇÃO

O presente artigo tem como objetivo discutir as várias possibilidades de trabalhar as artes na educação infantil, um universo onde os pequenos ainda estão ainda em processo de desenvolvimento, formando seus

conceitos e impressões individuais a cerca do que eles que aprendem nessa etapa da vida.

A arte está presente na vida das crianças desde muito cedo, não necessariamente no fazer artístico, mas convívio, nas experiências, e na apreciação das linguagens artísticas.

Dentro das diversas linguagens da educação infantil, nas artes, ou mesmo nas imagens que se apresentam às crianças em diversas experiências vivenciadas, elas as interiorizam, e assim, apreciam e gravam formas, cores, linhas e traços de situações e elementos que compõem suas primeiras impressões e produções.

Todavia, quando se considera as potencialidades de produção e criação das crianças no universo da educação infantil, se faz necessário refletir acerca dos espaços que podem ser favoráveis no que diz respeito a proporcionar e ampliar as habilidades das crianças, e a escolas de educação infantil pode ser um deles. Mesmo com crianças de 0 a 5 anos de vida, idade que hoje é a de responsabilidade da Educação Infantil, essa criança esta aberta a diversas descobertas e experiências por meio de figuras, livros, brinquedos e materiais da linguagem artística. As crianças em suas múltiplas potencialidades e habilidades aprendem ao sentir, tocar, conduzir, ou seja, ela se desenvolve e aprende através da observação e experimentação, com manuseio de objetos e materiais como tinta, pincéis, lápis, giz de cera, tecidos, folhas de papel e texturas diversas.

Diante disso, aqui ainda falaremos sobre o desenvolvimento da criança, sobre as artes nessa modalidade de ensino e sobre as potencialidades que podem ser

desenvolvidas no ensino de artes, pois as interações que as crianças tem com essas linguagens artísticas se justificam pela sua afinidade com a ludicidade, com a fantasia, com a criação e a imaginação. Assim, é possível ver que quando a criança, observa imagens, quando ela desenha ou pinta, essa criança é produtora de cultura e de conhecimento, e nas aulas com interações em artes, ela estará expondo todo o seu potencial criativo, expressando sensações, sentimentos, cores e sabores.

1. A CRIANÇA E SEU DESENVOLVIMENTO

Todavia, é sabido que a criança passa por várias etapas de desenvolvimento, e são nessas etapas que ela percebe o que é o certo o que é o errado, aprende a pensar, a agir e a se portar em vários tipos de situações e ocasiões.

Para Piaget, trata-se de uma questão de método, e não de uma questão referente às técnicas que se devem usar para estudar o desenvolvimento mental da criança. O seu método consiste em atribuir tarefas que não apenas são complementares à atividade escolar, mas que excluem também toda a possibilidade de a criança ser capaz de dar a resposta exata. Um exemplo típico que ilustra os aspectos positivos e negativos deste método são as perguntas utilizadas por Piaget nas entrevistas clínicas com as crianças. Quando se pergunta a uma criança de cinco anos porque não cai o sol, não só evidente que não pode conhecer a resposta certa, ou seria um gênio, mas também não poderia imaginar uma resposta que se aproximasse da correta. Na realidade, a finalidade de perguntas tão inacessíveis é precisamente excluir a possibilidade de recorrer às experiências ou conhecimentos precedentes, ou seja, a de obrigar o espírito da criança a trabalhar sobre problemas completamente novos inacessíveis, para poder estudar as tendências do seu pensamento de uma forma pura, absolutamente independente dos seus conhecimentos, da sua experiência e da sua cultura. (VYGOTSKY, L.S, Aprendizagem e Desenvolvimento Intelectual na Idade Escolar, p. 2).

A partir dessa referência, podemos perceber que a criança necessita vivenciar experiências para que ela consiga se desenvolver, levando em consideração que não importa se ela erre, o que realmente importa é que

ela experiencie e tenha as vivências necessárias para que elas se desenvolvam integralmente e aprendam da melhor maneira possível no universo infantil.

Piaget nos diz, que a criança aprende segundo as experiências que tem em seu dia e de acordo com sua idade. Quanto mais experiências ela tiver mais coisas ela saberá.

Já Vygotsky, ele nos diz que a criança se desenvolve conforme ela se comunica com os outros e com o seu meio.

O desenvolvimento da linguagem serve como paradigma de todo o problema examinado. A linguagem origina-se em primeiro lugar como meio de comunicação entre a criança e as pessoas que a rodeiam. Só depois, convertido em linguagem interna, se transforma em função mental interna que fornece os meios fundamentais ao pensamento da criança. As investigações de Bolduina, Rignano e Piaget demonstraram que a necessidade de verificar o pensamento nasce pela primeira vez quando há uma discussão entre criança, e só depois disso o pensamento se apresenta na criança como atividade interna, cuja característica é o fato de a criança começar a conhecer os fundamentos do seu próprio pensamento. [...] (VYGOTSKY, L. S, Aprendizagem e Desenvolvimento Intelectual na Idade Escolar, p. 7).

A arte é sentida e observada de modos diferentes por crianças e adultos. Para a criança, a arte é uma maneira de se expressar, pois “a natureza da criança é lidar com o mundo de modo lúdico, fazer o que lhe dá prazer e satisfação. Por isso gosta tanto de brincar e desenhar” (SANS, 1995, p. 21). Já para o adulto está ligada ao belo, às exposições, a museus, à estética.

As crianças desenvolvem o gosto pelas artes, em especial pelo desenho desde muito cedo, seja através da observação do desenho ou figura, seja pela produção ou reprodução do mesmo, pois nesse período elas estão abertas a experienciar situações e sensações.

Seu pensamento se dá na ação, na sensação, na percepção, sempre regado pelo sentimento. Convive, sente, reconhece e repete os símbolos do seu entorno, mas não é, ainda, um criador intencional de símbolos. Sua criação focaliza a

própria ação, o exercício, a repetição. (MARTINS, PICOSQUE e GUERRA, 1998, p. 96).

Quando a criança pequena inicia suas primeiras produções, ou seja, suas garatujas, significa que ela está manifestando de forma gráfica, sensorial, sonora ou corporal, tudo aquilo que ela está sentindo e o que conseguiu observar no ambiente que estava.

Contudo a criança valoriza mais o material que está utilizando, o processo, do que o resultado final. Ao se expressar por meio do desenho ou da pintura, por exemplo, ela faz vários rabiscos livremente, para os adultos esses rabiscos não possuem significado algum, porém, esse processo deve ser estimulado, para despertar a sua criatividade e imaginação. A criança deve ser encorajada a garatujar, pois esses traços são o início de sua expressão gráfica e, posteriormente, a levam até a escrita.

Como vemos em Lowenfeld e Brittain (1970, p. 115) “a arte pode contribuir imensamente para esse desenvolvimento, pois é na interação entre a criança e seu meio que se inicia a aprendizagem”. A influência mútua é importante, pois a criança gosta de copiar o que o adulto faz, ela ressalta suas ações e gestos e tenta reproduzir, ela se interessa pela ação e não pelo que o adulto está fazendo. Por isso é essencial o incentivo, tanto da família como da escola, oferecendo-lhe repertório suficiente para que possa ampliar suas ações e seus conhecimentos.

Os responsáveis pelas crianças, no caso os educadores, devem ficar sempre atentos para deixar que essa criança se expresse livremente, entretanto evitar quaisquer comentários que sejam negativos ou constrangedores, comentários que podem podar toda criatividade e diminuir a auto estima das crianças. Ainda é de suma importância não apressá-las para saírem da fase das garatujas, pois essas manifestações por essa fase, são importantíssimas para o seu desenvolvimento e ações futuras. Quando a criança é reprimida pode passar a ter medo de se arriscar e, conseqüentemente, de se expressar livremente, de expor seu talento e expressar sentimentos.

2. AS ARTES NA EDUCAÇÃO INFANTIL

Já ressaltamos que desde muito cedo a arte está presente na vida das crianças, muitas vezes de maneira

intencional, e a medida em que a criança vai avançando etapas no seu desenvolvendo, ela acaba trazendo experiências constituídas desde o seu nascimento, nas quais são até mesmo imagens que são abrigadas em sua mente, de acordo com o ambiente em que vive e sua cultura. Todos os efeitos, formas, cores, traçados e linhas vão dando sentido às imagens que posteriormente podem ser contexto para alguma produção artística, muitas vezes iniciada de maneira espontânea com o desenho. Contudo, é no contexto escolar que temos subsídios e referenciais direcionados para essa etapa da Educação que é chamada de Educação Infantil.

Os RCNEI's: Referencial Curricular Nacional para a Educação Infantil (1998), que é um documento que surgiu para nortear a prática pedagógica e ações pedagógicas em Centros de Educação Infantil, os “Ceis” que atendem crianças de 0 a 3 anos e as “Pré-Escolas/ EMEI”, que atendem crianças de 4 e 5 anos. Além dos RCNEI's existem muitos outros documentos, mas esse que falaremos aqui é um documento dividido em eixos de trabalho, que são orientados conforme os conteúdos a serem ministrados nesta faixa etária de 0 a 6 anos.

Dentre estes eixos, destaca-se a área de conhecimento de Artes Visuais:

As Artes Visuais expressam, comunicam e atribuem sentido a sensações, sentimentos, pensamentos e realidade por meio da organização de linhas, formas, pontos, tanto bidimensional como tridimensional, além de volume, espaço, cor e luz na pintura, no desenho, na escultura, na arquitetura, nos brinquedos, bordados, entalhes, etc. (Referencial Curricular Nacional para Educação Infantil, vol. 3, p.85)

Como as linguagens artísticas são promotoras de expressões e sensações, as crianças se identificam muito com elas, dando significado às mais variadas práticas artísticas trabalhadas durante a primeira infância. Quando nas produções artísticas a criança se expressa pelo desenho, ela utiliza tinta, pincéis e muitos outros materiais que lhe permitam explorar e desenvolver todo seu potencial de sua imaginação no processo de criação, além de expressar assim sensações, sentimentos, pensamentos através desse fazer.

3. POSSIBILIDADES DO ENSINO DE ARTES NAS ESCOLAS DE EDUCAÇÃO INFANTIL

Quando pensamos no trabalho com artes na educação infantil, é possível também pensar nas possibilidades de desenvolver as linguagens artísticas obedecendo ao currículo que rege essa fase na infância escolar. Neste caso, o Referencial Curricular Nacional para a Educação Infantil, quando aborda os conteúdos a serem trabalhados nesta etapa da educação, afirma a importância da observação das crianças a cerca da arte, do fazer artístico e também do contato com objetos que podem produzir arte. O documento ainda diz que o percurso de criação e construção singular da criança tem resultados significativos quando é enriquecido por uma prática educativa intencional. Segundo o mesmo documento (BRASIL, MEC/SEF, 1998, p.91, vol. 3):

O trabalho com as Artes Visuais na educação infantil requer profunda atenção no que se refere ao respeito das peculiaridades e esquemas de conhecimentos próprios à cada faixa etária e nível de desenvolvimento. Isso significa que o pensamento, a sensibilidade, a imaginação, a percepção, a intuição e a cognição da criança devem ser trabalhadas de forma integrada, visando a favorecer o desenvolvimento das capacidades criativas das crianças.

No entanto, devemos considerar que o professor deve ser um mediador do processo de aprendizagem em arte, entretanto, a inspiração artística da criança necessita ser uma conquista individual, pois:

É no fazer artístico e no contato com os objetos de arte que parte significativa do conhecimento em Artes Visuais acontece. No decorrer desse processo, o prazer e o domínio do gesto e da visualidade evoluem para o prazer e o domínio do próprio fazer artístico, da simbolização e da leitura de imagens. (BRASIL, MEC/SEF, 1998, p.91, vol. 3)

De acordo com o Referencial Curricular (1998, p.89), as Artes Visuais devem ser aprendidas como uma linguagem composta por estruturas e características próprias e para isso devem ser considerados os seguintes aspectos: o fazer artístico, a apreciação e a reflexão. De acordo com Araújo (2014, p. 23):

O fazer artístico diz respeito à produção de trabalhos de arte, que propiciam o desenvolvimento da criação pessoal. Com a apreciação estimula-se a observação e a contemplação prazerosa e desenvolve-se a construção de sentido, o reconhecimento, a leitura, a identificação e a análise de obras de arte e de seus autores. A reflexão é o pensar sobre os objetos artísticos, partilhando indagações e afirmações no contato com as produções artísticas próprias ou de artistas, consagrados ou não.

Assim, é preciso ir além da produção de arte. A grande arte-educadora Barbosa (2012, p.36) propõe um currículo que interligue os três aspectos que compõe a Proposta Triangular:

Um currículo que interligasse o fazer artístico, a análise da obra de arte e a contextualização estaria se organizando de maneira que a criança, suas necessidades, seus interesses e seu desenvolvimento estariam sendo respeitados e, ao mesmo tempo, estaria sendo respeitada a matéria a ser aprendida, seus valores, sua estrutura e sua contribuição específica para a cultura.

Contudo, cabe destacar que neste processo que a criança assume o papel de fruidor, sendo capaz de perceber, contemplar e interagir com a produção artística. Ela observa, produz e reproduz. Como afirma o Referencial Curricular:

Fruição é um conceito bem importante para a aprendizagem em Artes Visuais. Refere-se à reflexão, conhecimento, emoção, sensação e ao prazer advindo da ação que a criança realiza ao se apropriar dos sentidos e emoções gerados no contato com as produções artísticas. (BRASIL, MEC/SEF, 1998, p.89, vol. 3)

Dessa forma cabe ao professor de educação infantil mediar, estimular e proporcionar situações em que a criança possa colocar em prática sua condição de fruidor, isso quando se trabalha com a apreciação das obras artísticas com crianças maiores. Ainda segundo Ana Mae Barbosa, o professor e o aluno devem escolher a melhor metodologia de análise da obra: “o importante é que obras de arte sejam analisadas para que se aprenda a ler a imagem e avaliá-la, esta leitura é enriquecida pela informação acerca do contexto histórico, social, antropológico, etc.” (BARBOSA, 2012, p.39)

Além disso, podemos salientar como a posição desse educador, mediador de conhecimento, pode subsidiar que suas aulas mesmo na educação infantil, favoreça possibilidades do trabalho com artes mesmo com bebês, observando e experienciando situações de aprendizagem e criatividade com tintas, objetos de sucata, brinquedos não estruturados ou materiais de largo alcance, elementos da natureza, podendo todos esses materiais aguçar os sentidos das crianças com suas texturas e cores por meio do fazer das linguagens artísticas.

Mediante isso, o ensino de artes nas escolas deve ter como objetivo a formação de cidadãos críticos, mais sensíveis, criativos, produtores e reprodutores de cultura, sendo protagonistas desde a educação infantil e por isso, muitas ações estão além dos documentos e currículos de educação, mas sim no fazer pedagógico, na vontade desse professor da primeira infância de proporcionar isso aos seus alunos.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Neste trabalho foi possível perceber a importância das artes e as diversas possibilidades dela na educação infantil, um fazer artístico que é possível realizar até mesmo com bebês, ele não precisa ser um profissional formado em artes, um especialista, mas sim um professor pesquisador que esteja disposto a criar e reinventar arte com as crianças pequenas, baseando-se nos documentos oficiais e nos referências para educação infantil.

É fundamental que o professor de Educação Infantil pesquise, se debruce em estudos onde essas metodologias e estratégias do ensino de arte para os pequenos, metodologias que estão além dos documentos que regem a política de educação, mas pesquisando e ampliando sua visão no que diz respeito as possibilidades de trabalhar com essas crianças pequenas. Para que este educador, não caia naquela visão de trabalho sem significado, com atividades prontas e mecânicas, onde a criança não vivencia novas aprendizagens e nem potencializa sua criatividade.

Dessa forma, podemos concluir que cabe ao professor proporcionar ser um investigador de práticas que poderão desenvolver integralmente seus alunos, isso em qualquer etapa da educação, onde este é responsável por criar momentos de interação com o fazer ar-

tístico, explorando, espaços e materiais que poderão levar seu aluno à conhecimentos, práticas e experiências de vida marcantes para a formação de sujeitos críticos, participativos, produtores e reprodutores de cultura, enfim, protagonistas de sua própria história e saber.

REFERÊNCIAS

BARBOSA, Ana Mae. Arte-educação: leitura no subsolo. São Paulo: Cortez, 2008.

BARBOSA, Ana Mae. Arte-educação no Brasil. Editora Perspectiva. São Paulo. 2002

BARBOSA, Ana Mae. A imagem do ensino da arte: anos oitenta e novos tempos. São Paulo: Perspectiva, 1991

BRASIL. Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional n.º 5.692/71. Brasília, MEC, 1971.

_____. Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional nº 9.394/96 Brasília: Editora do Brasil, 1996.

BRASIL. Lei no 9394, de 20 de dezembro de 1996. Estabelece as diretrizes e bases da educação nacional. Brasília, Ministério da Educação e Cultura

BRASIL, MEC/ SEB. Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Infantil. Brasília: MEC/SEB, 2010.

BRASIL, MEC/SEF. Referencial Curricular Nacional para a Educação Infantil. Brasília: MEC/SEF, 1998.

CAVALCANTI, Zélia (coord.). Arte na sala de aula. Porto Alegre: Artes Médicas, 1995.

MARTINS, Mirian Celeste; PICOSQUE, Gisa; GUERRA, M. Terezinha Telles. Didática do ensino de arte- A língua do mundo: Poetizar, fruir e conhecer arte. São Paulo: FTD, 1998.



CRIANDO UM PLANO DE GESTÃO E ORGANIZAÇÃO DA SALA DE AULA

Wânia Blabenute de Oliveira

Graduação em Licenciatura em Matemática pelo Instituto Federal de Educação, ciência e Tecnologia da São Paulo - Campus Guarulhos (2012); Professor de Ensino Fundamental II e Médio – Matemática na E.E Estela Borges Morato / EMEF Artur Neiva.



RESUMO

Esse artigo tem objetivo de oferecer aos leitores uma visão geral sobre gestão e organização da sala de aula. Discutiremos a importância de se ter um plano de gestão e organização na sala de aula. Bem como regras, normas e procedimentos são necessários para o bom funcionamento do ambiente escolar e uma aprendizagem significativa.

Palavras-chave: Gestão e organização da sala de aula; contrato didático; normas e procedimentos

ABSTRACT

This article aims to provide readers with an overview of classroom management and organization. We will discuss the importance of having a management and organization plan in the classroom. As well as rules, standards and procedures are provided for the proper functioning of the school environment and adequate learning.

Keywords: Classroom management and organization; didactic contract; standards and procedures

INTRODUÇÃO

A Educação tem o papel de transformar as pessoas, proporciona novas oportunidades para o conhecimento, permite novas e diferentes formas de pensamento, proporciona a troca de experiências e interação entre pessoas heterogêneas. A Educação busca a formação completa do indivíduo.

A Educação engloba também o ensino, estando o

ensino relacionado aos componentes curriculares, ou seja, quais conteúdos de cada disciplina devem ser ensinados. O ensino possui conexão direta e profunda com o conhecimento científico.

Contudo, é fundamental para a Educação e para o ensino uma educação que está ligada aos valores familiares, humanos e sociais, conhecimentos próprios de cada indivíduo, os quais são indispensáveis para o desenvolvimento pleno de todos os seres humanos.

É evidente que as perspectivas teóricas influenciam e transformam minhas ideias a respeito da organização e gestão da sala de aula. Posterior a novos estudos a respeito deste tema comecei a atribuir a devida importância a tópicos como a organização da sala de aula, arranjo, gestão do tempo, planejamento das atividades entre outros, pontos que antes eu não direcionava a atenção necessária.

O Plano de Gestão busca salientar aspectos básicos na procura de um ensino efetivo, como a importância da participação da família no ambiente escolar (interagindo de maneira contínua na formação do estudante), a gestão e organização da sala de aula (gerir o tempo, planejar, organizar e criar regras), o uso de novas estratégias para o ensino (buscando um ambiente colaborativo, acolhedor e eficaz) e a utilização de técnicas para auxiliar a diminuição de atitudes desafiadoras por parte dos alunos.

A falta de planejamento pode fazer com que uma gestão institucional, ou a gestão de uma sala de aula, desenvolva-se de maneira “desgovernada”. Sem o planejamento adequado, a condução dos rumos acontece

geralmente pela força das circunstâncias, resultando em ações improvisadas, muitas vezes desprovidas de qualquer tipo de avaliação ou análise.

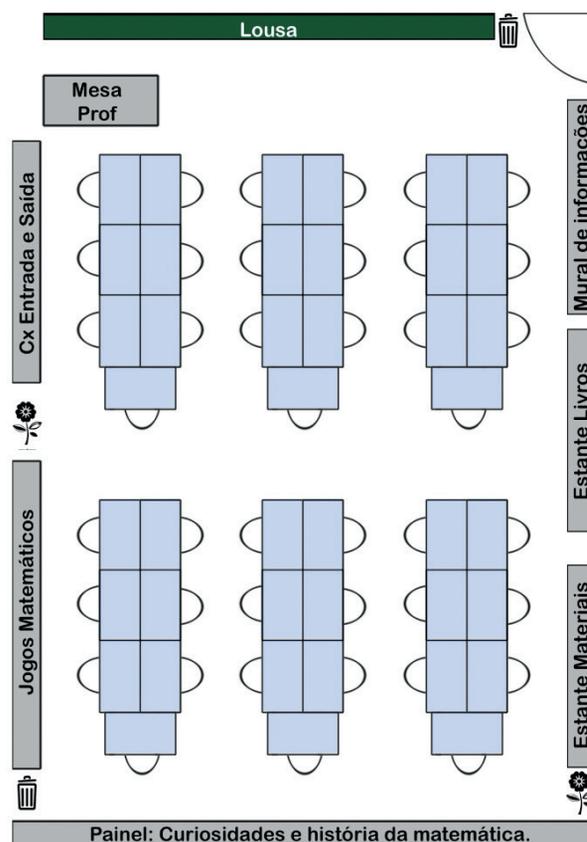
1. COMO CRIAR UM AMBIENTE EFICAZ DE ENSINO E CONSTRUIR UMA COMUNIDADE DE APRENDIZAGEM

Uma sala de aula que seja uma comunidade de aprendizagem eficaz, acolhedora e equitativa precisa ter um ambiente limpo, agradável, organizado, com quantidade adequada de aluno por sala, que possua condições de segurança, materiais pedagógicos, professores que saibam administrar os conflitos, um ambiente onde exista a troca de experiências e informações entre os membros da comunidade, a comunidade de aprendizagem deverá ser formada por professores, alunos, funcionários da unidades escolar e familiares dos alunos (a participação da família é de extrema importância em todo o processo educativo), os professores devem proporcionar formas diferenciadas de ensino sempre observando e considerando as diferenças, com o objetivo de alcançar uma aprendizagem significativa.

O espaço físico influencia no desenvolvimento das atividades e na criação de uma comunidade, “tendemos a pensar no ambiente de sala de aula como um cenário sem importância para a interação”, porém “o ambiente físico pode influenciar o modo como os professores e os estudantes se sentem, pensam e se comportam” (Weinstein, 2015, P. 23). Um tópico que destaco na gestão do espaço físico é o arranjo a ser adotado, pois ele deve ser estudado e analisado para ser o mais eficiente de acordo com os objetivos de aula, em um momento que seja necessário realizar uma avaliação individual ou uma aula expositiva o mais adequado talvez seja o arranjo em fileiras, para realizar exercícios em sala de aula e promover a interação entre a comunidade de aprendizagem eu prefiro a organização em duplas ou grupos, acredito que desta forma um aluno se torna ferramenta para o outro, esse arranjo também facilita para que o professor atenda melhor todos os alunos. Por mais que eu ainda não tenha uma sala ambiente, procuro adaptar o que possuo moldando da melhor forma possível para atingir meus objetivos pedagógicos.

Pensando em uma sala ambiente de matemática prefiro a organização em grupos de até 7 alunos (observe o diagrama a seguir), grupos definidos pelo professor

de forma heterogênea, as atividades serão planejadas visando o diálogo, troca de experiências, investigação, interação e trabalho em grupo, segundo Weinstein (2015) a disposição espacial apoia o plano de ensino do professor. Em momentos de avaliações individuais o arranjo será alterado.



É evidente que conhecimento, diversidade nas formas de exposição do conteúdo, organização, gestão da sala de aula, planejamento, a busca de atividades que proporcionem a participação das famílias são itens fundamentais para um ambiente eficaz para a aprendizagem, tudo isso é potencializado quando é proporcionado aos alunos a comunicação e a troca de conhecimento. Finalizo essa seção com uma reflexão de um trecho do capítulo 1 de Weinstein & Novodvorrsky que explica que a gestão da sala de aula não esta apenas em ordenar o ambiente físico, mas esta também em estimular o crescimento emocional e social dos alunos.

2 EXPECTATIVAS, REGRAS E ROTINAS

Para alcançar uma sala de aula produtiva penso que sejam necessárias algumas expectativas relacionadas ao comportamento, tais como: respeito ao próximo, educação, cooperação, interação, organização, mo-

tivação, realização das atividades, comprometimento entre outras. Como subsídio para alcançar uma aula produtiva a escola estabelece regras e normas gerais que devem se aplicar em todo o ambiente escolar. O Regimento Escolar pode ser lido na primeira reunião de pais e trabalhado na primeira semana de aula com todos os alunos, além das regras escolares criadas pelos próprios professores, um “Contrato Didático”, que é uma lista de normas e regras específicas para as aulas de uma determinada componente curricular, Segundo (Weinstein, 2015) para que os seus alunos tenha noções gerais sobre qual é o comportamento adequado na escola.

A respeito da participação e conscientização das famílias sobre as normas escolares Weinstein (2015, P. 139), no capítulo 6, diz: “Eles precisam saber o que você está tentando alcançar e como você espera que os alunos se comportem em suas aulas. Familiarizar os pais com o currículo, as rotinas e as políticas minimiza confusões e conflitos. Por essa razão, no início do curso é importante, que os pais assinem um termo de ciência, indicando que leram e compreenderam o “jornal” com os objetivos, as políticas os procedimentos do curso enviado para a casa dos alunos.”

Os tópicos do nosso Contrato Didático são expostos e discutidos com a classe, explicando o motivo de existir a regra e as consequências - Rogers (2008), no capítulo 5, fala da diferença na percepção da criança entre os termos punição e consequência - caso ela seja quebrada, deixo espaço para os alunos sugerirem alterações, inclusão ou exclusão de normas. Sempre deixando claro que as regras são criadas para estabelecer um ambiente acolhedor e de aprendizagem efetiva.

Dentro do Regimento Escolar e reforçada no Contrato Didático existe a regra: “A saída dos alunos de sala de aula só será permitida mediante a autorização (com o cartão fornecido pela escola), sendo autorizada a saída de um aluno por vez”. Esta regra raramente é desobedecida, os alunos compreendem a importância da autoridade do professor em sala de aula. A norma tem por objetivo manter a organização nos corredores da escola, preservar a segurança dos alunos e inibir atitudes desafiadoras de grau muito grave (deprecação do patrimônio público, tumulto, uso de drogas entre outros). Como consequência, quando o aluno sai de sala sem a permissão do professor o mesmo deve ser encaminhado para a direção da escola, poderá ocor-

rer uma consequência desde advertência verbal e uma suspensão com a convocação dos responsáveis de acordo com a gravidade do ato.

Uma regra específica da aula de matemática que gera um pouco de resistência inicialmente é: “Atividades não são aceitas após a data de entrega, exceto quando o aluno possua atestado médico”. Exijo o cumprimento por todos os alunos (sem exceções), em caso de descumprimento como consequência eu não aceitarei a atividade. Quando converso com os estudantes explico que esta norma não é negociável (Rogers, 2008), falo sobre a importância da execução das atividades no prazo estipulado, que aceitar uma atividade após o prazo não é uma atitude justa com o aluno que fez a tarefa no tempo proposto e que em muitas situações da nossa vida cotidiana esse prazo extra não é tolerado (por exemplo, quando um funcionário não realiza uma atividade que foi solicitada por seu chefe). É uma forma de incentivar a responsabilidade nos alunos.

Após o recesso escolar retomo a discussão do Contrato Didático para reforçar as normas nas aulas de matemática, além deste momento sempre que percebermos o descumprimento de alguma regra de forma repetitiva devemos parar a aula para explicar novamente a importância daquela regra e as consequências, caso o fato seja isolado reforço a regra de forma direta e separada para o aluno envolvido.

Além de regras explícitas, existem outras rotinas que são realizadas de forma implícita, por exemplo para gerir o tempo com objetivo de otimizá-lo, entro na sala de aula cumprimento os alunos, solicito que todos retornem aos seus lugares, chamo a atenção dos alunos para a chamada, antes de iniciar a aula explico para os alunos o que será passado, qual a sua ligação com o conteúdo anterior, explico o conteúdo e estabeleço o prazo para a entrega da atividade. Crio uma rotina, nem sempre é possível aplicá-la, tentando usar o tempo disponível para a aula da melhor forma possível. Dentro destas rotinas dou muita importância em explicar para o aluno qual é o objetivo de cada aula, acredito que seja uma forma do estudante perceber que o professor se preocupou e programou aquela aula.

3 PROCEDIMENTOS EM SALA DE AULA

Todas as regras da escola e das aulas de matemática são estabelecidas com o intuito de proporcionar aulas

de matemática efetivas e um ambiente acolhedor e seguro, porém mesmo reforçando e trabalhando as normas diversas vezes no ano ainda nos deparamos com situações desafiadoras.

Quando um aluno não está prestando a atenção na aula para tentar solucionar este problema, podemos usar a Técnica Padrão 100% (Lemov, 2016, p.187), explicando que todos devem olhar para a lousa e parar de escrever e só prosseguir a explicação quando alcançar a atenção de todos os estudantes.

A Técnica de Surpresa (Técnica 22, Lemov, 2016 p. 129) pode ser utilizada para tentar motivar a participação de todos os alunos na resolução dos exercícios, sempre reforçando que terão auxílio para a resolução do exercício caso seja necessário e que resolver exercícios a lousa não é punição e sim uma forma de incentivo para que todos estejam preparados.

Muitas vezes quando um aluno estava em pé, conversando e atrapalhando o desenvolvimento da aula eu simplesmente falava: “Fique quieto”, mas para o aluno a ordem pode não ter sido clara, a Técnica O Que Fazer junto com a Técnica Voz de Comando (ambas Lemov, 2016 p. 198 e p. 202) me ajudaram a perceber que as orientações devem ser precisas, claras e bem explicadas.

Comecei a perceber a importância de resolver os problemas primários e não se deixar perder nos problemas secundários, utilizar linguagem corporal, manter o tom de voz (não gritar), dar a opção de escolha ao aluno (assumir as consequências), ter um discurso positivo, ser cordial e rigorosa e também como é valioso para o aluno o encorajamento de atitudes positivas, cada vez devemos pontuar para os alunos quando notamos qualquer nível de melhora, seja no comportamento ou na realização das atividades, percebo como resposta a satisfação em ver que atitudes boas são vistas e valorizadas pelo professor.

Quando a situação desafiadora já deixou algum dos envolvidos alterado e nervoso, talvez o melhor seja esperar para conseguir resolver o problema em um outro momento, numa conversa individual, porém não deixar de resolvê-lo.

Existem comportamentos desafiadores de nível leve, grave ou muito grave, porém não existe uma fórmula mágica que sempre funcione, de acordo com o que foi

estudado e com as experiências de outros professores buscamos resolver os problemas da melhor maneira possível.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A falta de planejamento pode fazer com que uma gestão institucional, desenvolva-se de maneira “desgovernada”. Sem o planejamento adequado, a direção dos rumos acontece geralmente pela força das circunstâncias, resultando em ações improvisadas, muitas vezes desprovidas de qualquer tipo de avaliação ou análise.

Em relação aos meus planos de organização e gestão da sala de aula estou bem confiante, pois alguns itens como as regras e normas eu já realizava com meus alunos, porém com este estudo aprendi que muito ainda pode ser melhorado, por exemplo, a importância de reforçar as normas e o uso de consequências ao invés de punição. Outros pontos que eu destaco são o trabalho em grupo, -comecei a aplicar e tive uma ótima receptividade e retorno por parte dos alunos - e a aplicação de algumas técnicas no Lemov (2016), no início existiu uma resistência dos alunos, mas quando eles percebem que existe uma ordem e regras para o trabalho em grupo essa resistência é quebrada.

A gestão do tempo ainda é algo que nos gera incerteza, no capítulo 7 Weinstein (2015) fala que o uso acertado do momento irá maximizar as oportunidades de aprendizado e minimizar as oportunidades de indisciplina e este deve ser o nosso objetivo, por mais que eu sejamos muito organizados na preparação e na realização das aulas ainda devemos refletir e se avaliar se utilizamos bem todo o tempo disponível, acredito que podemos otimizá-lo ainda mais. Para melhorar esse aspecto podemos tentar atribuir a cada etapa da aula um tempo específico para a sua execução (chamada, explicação do conteúdo, realização das atividades e etc.), e assim conseguir verificar se todo o tempo de aula é bem gerido.

Existe também a insegurança em como lidar com situações desafiadoras, em muitos momentos nos deixamos nos envolver pela emoção e nem sempre tomamos a atitude mais sensata e adequada. Ponderar em qual momento é mais eficiente uma advertência não verbal, verbal e a retirada do aluno de sala de aula. Analisando esta deficiência devemos procurar, em momentos

de estresse elevado, aguardar a melhor oportunidade para resolver o conflito, talvez esperar um tempo para me acalmar seja o fundamental.

A participação da família é fundamental em relação a escola e as aulas de qualquer componente curricular, os únicos momentos que temos com os pais e responsáveis são nas reuniões ou convocações. Nestas ocasiões devemos buscar destacar aspectos positivos dos estudantes, porém ainda acho insuficiente esse tempo de contato com as famílias.

Acredito que os meios virtuais possam aproximar a escola da família do estudante, isso pode se dar por meio da atualização das páginas virtuais da escola, é importante que os professores informem aos pais os programas escolares e o desempenho dos alunos por meio da internet, e interações face a face” (Weinstein, 2015) e projetos que tragam as famílias para dentro da escola em atividades agradáveis.

Um Plano de Gestão está sempre em adaptação e sempre devemos rever e repensar para buscar melhorias, como acima citado estes devem ser foco dos nossos próximos passos gerir melhor o tempo, os conflitos em sala de aula e a relação com as famílias dos meus alunos. Além de reforçar e melhorar o que já foi implementado e funcionou, por exemplo, trabalho em grupo, motivação do alunos e a utilização de algumas técnicas do Lemov (2016).

Esse artigo, que pressupõe a prática da elaboração conjunta dos planos e projetos escolares, demanda discussões coletivas, não se restringindo, assim, a uma decisão individual e centralizada. Além disso, o planejamento precisa ser baseado em evidências e informações que subsidiem a tomada de decisões dos atores educacionais. Nesse sentido, os resultados das avaliações são evidências importantes a serem consideradas na consolidação do (re)planejamento.

No âmbito escolar, o exercício do planejamento pressupõe uma ação reflexiva, viva e contínua, que tem como subprodutos formais os planos de ensino e os projetos escolares, os quais precisam considerar o cenário e as características da escola e o currículo, assim como o conjunto de atividades possíveis e necessárias

A atividade de planejar exige uma intencionalidade educativa, que se traduz nos objetivos, valores, conte-

údos e modos de agir dos educadores que atuam na instituição.

A gestão do currículo pode ser entendida como o conjunto de estratégias que visam garantir a efetiva consolidação do planejamento curricular nas propostas pedagógicas dos professores e a realização, em sala de aula, do que foi planejado.

“É a organização das ações dos diretores, supervisores, professores coordenadores e assistentes técnico-pedagógicos, envolvendo a gestão do tempo, dos espaços e recursos humanos da escola, a fim de favorecer o sucesso do trabalho dos professores na sala de aula” (EFAPE, s/d).

REFERÊNCIAS

- FREIRE, Paulo. *Pedagogia da Autonomia: saberes necessários à prática educativa*. São Paulo: Paz e Terra, 1996.
- KOHN, Alfie. *Beyond discipline: from compliance to community*. Alexandria, VA: ASCD, 1996.
- LEMOV, Doug. *Aula nota 10*. Porto Alegre: Penso, 2016
- LEPAGE, P.; DARLING-HAMMOND, L.; AKAR, H.; GUTIERREZ, C.; JENKINS-GUNN, E.;
- ROGERS, Bill. *Gestão de relacionamento e comportamento em sala de aula*. Trad. Gisele Klein. Porto Alegre: Artmed, 2015.
- WEINSTEIN, C.; NOVODVORSKY, I. *Gestão da sala de aula: lições da pesquisa e da prática para trabalhar com adolescentes*. Porto Alegre: AMGH Editora, 2015.



IMPORTANCIA DAS ARTES VISUAIS NO ENSINO

Edna dos Santos Silva Benatti

Graduada em Matemática pela UNICASTELO- Universidade Camilo Castelo Branco em 1995; Professora de Ensino Médio (Matemática) na E.E Prof Zilda Braconi Amador e Professora de Ensino Fundamental na EMEF Prof Chico Falconi.



RESUMO

Este artigo trata-se da importância das artes visuais ao longo ensino, trabalhamos encima de uma reflexão sobre o processo de ensino e de seus entendimentos e concepções do ensino de Artes na escola como um todo. Procuramos de melhor maneira expressar a importância do ensino de artes para a utilização na vida do aluno, no contexto escolar e também no cotidiano do aluno fora dela, apresentamos a importância dela no papel que cada cidadão exerce na sociedade. Procuramos, também, mostrar que o ensino de artes auxilia a contribuir para o desenvolvimento do aluno como um ser crítico ajudando na aprendizagem de outras matérias que percorrem um caminho similar.

Palavras-chave: Aprendizagem; Artes; Educação.

ABSTRACT

This article deals with the importance of visual arts throughout teaching, we work on a reflection on the teaching process and their understandings and conceptions of teaching arts in school as a whole. We seek to better express the importance of teaching arts for use in the student's life, in the school context and also in the student's daily life outside it, we present its importance in the role that each citizen plays in society. We also seek to show that the teaching of arts helps to contribute to the development of the student as a critical being, helping to learn other subjects that follow a similar path.

Keywords: Learning; Arts; Education.

INTRODUÇÃO

A arte e a educação em geral fazem parte da nossa vida cotidiana, ela anda com a gente no nosso dia a dia. Desde os primeiros passos quando aprendemos a manipular os objetos, a criança em seus primeiros anos de vida aprende a desenhar e começa aos poucos entender e admirar sua pequena arte. Mesmo que para os pais sejam simples linhas e rabiscos, essa primeira forma de se expressar na infância, mesmo que inconscientemente ela esteja fazendo, é uma descoberta imensa na mentalidade dela (AZEVEDO, 2007, p 42).

A partir do primeiro momento em que a criança começa a aprender e ter um pouco mais de consciência do que ela faz, ela começa a mostrar interesse em se expressar de maneira diferente e nesse momento ele já está entrando numa fase que deve ser estimulada (AZEVEDO, 2007, p 66).

Ao entrar na escola para educação infantil ela começa a desenvolver e fazer coisas de nível maior, ela começa a poder exercer algumas atividades por meio de desenho, pintura, música, dança, teatro, entre outras linguagens. Nesse momento ela começa a aprender e compreender e a apreciar melhor as artes na sua essência, num período que a arte visual se torna muito ativa na vida delas, pois é nessa fase que ela mais aprende vendo as coisas (BARBOSA, 1991, p 88).

Trabalhar o ensino das artes visuais na escola produzem no aluno o desenvolver da sua percepção e da sua imaginação, o que contribui e melhora a aprendizagem e ajuda na compreensão de outras áreas do conhecimento, o que é fundamental que conecta seus aspectos

tos sensíveis, cognitivos e culturais na vida desse aluno (FISCHER, 1983 p, 103).

Sendo dentre seus conceitos variados um deles diz “a arte é uma experiência humana de conhecimento estético que transmite e expressa ideias e emoções”, imediatamente, para melhor apreciação da arte é primordial aprender a observar, analisar e refletir, criar um senso crítico a emitir suas várias opiniões sobre estilo, gosto, material, modo de fazer e mostrar suas diferentes formas de fazer arte (FISCHER, 1983, p 118).

Então se faz necessário que se trabalhe diversos métodos de ensino para auxiliar os alunos nos desafios que precisarão enfrentar durante a vida, até que se tornem cidadãos de respeito promovendo a boa conduta por uma sociedade melhor (BARBOSA, 1991, p 128).

Nesse contexto, foi feito este artigo pretendendo mostrar a importância das artes visuais para a educação e reforçar o quanto deve ser estimulada para o desenvolvimento do aluno (FISCHER, 1983, p 98).

1. ARTE VISUAIS NA EDUCAÇÃO

“A arte é uma das manifestações essenciais do ser humano, e através dela é possível expressar sentimentos e emoções, dentre elas a arte visual é uma das que bastante contribui para o desenvolvimento dos alunos” (ALBINATTI, 2008, p 28).

A definição de arte visual é um componente de uma categoria da área artística que fundamenta as várias configurações de expressões visuais. As formas e as cores são os principais elementos de conceito das suas manifestações. Ela tem um conceito bem abrangente, envolvendo várias áreas como o teatro, cinema, fotografia, pintura, dança, colagens, escultura, gravura, arquitetura, decoração, moda, paisagismo etc.

Ela pode ser criada através de inúmeros instrumentos ou ferramentas, como a argila, gesso, madeira, pedra, programas de computadores, aplicativos, imagens feitas por filmadoras ou celulares, papel etc. As tecnologias ao passar dos anos se modificou e foi sendo melhorado, o que também têm transformado o conceito de artes visuais em várias áreas, ocasionando um grande impacto na atual sociedade.

As diversas maneiras de expressões visuais são

os elementos primordiais das artes visuais. Em cada expressão artística visual existe um significado em que o artista visa despertar a sensibilidade dos espectadores (BARBOSA, 1991, p 31).

A sua designação pode ser dada como um conjunto de artes que representam o mundo real ou imaginário e que tem a visão como principal forma de avaliação e apreensão. Uma obra feita com base na arte visual está relacionada com a beleza estética e com a criatividade, capaz de criar manifestações ou obras agradáveis aos olhos (LAVELBERG, 2003, p 78).

Os alunos exploram, sentem, agem, refletem e elaboram sentidos de suas experiências (LAVELBERG, 2003, p 95).

As artes visuais na educação é uma ferramenta muito importante, os alunos trabalham a sua imaginação e criatividade, e assim alcançam adquirir novas formas de olhar o mundo com novas habilidades, representando um estímulo essencial nas muitas etapas do desenvolvimento dele.

Os especialistas afirmam que um dos principais objetivos não é que os alunos valorizem a parte estética, mas que compreendam e faça-se entender que materiais diferentes podem ser modificados e utilizados várias vezes na criação de novos elementos, e assim desenvolvam senso estético e crítico de modo a se desenvolver melhor (LAVELBERG, 2003, p 53).

Conviver com essas manifestações artísticas contribuem para que o aluno se aproprie e amplie seu repertório em sua vivência artística. A importância das artes visuais na educação manifesta uma conscientização e uma valorização do aluno, para desenvolver um ser humano melhor fazendo com que ele tenha uma visão diferenciada de mundo, valorizando sua existência e colocando ao seu alcance os vários tipos de materiais para manipulação fazendo ele ter melhor coordenação.

Com esse movimento voltado para o âmbito escolar e sendo bem direcionado, se mostra muito benéfico para o ensino na escola, vemos claramente que se manipulada durante as aulas, tendo trabalhado a imaginação e fazendo o aluno colocar em prática, mostrou como as artes visuais são essenciais na interação social do aluno e como o docente pode desfrutar deste recurso para facilitar seu dia a dia para lecionar aos alunos a matéria.

O professor precisa apresentar ao aluno de que maneira essa linguagem contribui para a aprendizagem, identificar as possíveis metodologias facilitadoras que podem ser trabalhadas e relacionar a interação do aluno com o mundo que a cerca (LAVELBERG, 2003, p 61).

Desse jeito enriquecendo suas experiências para que nessa fase sejam despertadas habilidades artísticas, o que traz muitas oportunidades para o seu desenvolvimento (LAVELBERG, 2003, p 63).

2. ARTE VISUAIS NO ENSINO FUNDAMENTAL

Iniciar o aluno no contato com seus sentimentos trabalhando o seu lado racional do indivíduo, a arte é a linguagem universal indicando não apenas união com a educação, mas como valor essencial ao aprimoramento humano, onde articula a vida emocional do ser humano, envolvendo a capacidade de percepção, interpretação e inteligência racional. E ainda ajuda a contribuir para o crescimento cognitivo, perceptivo e emocional.

A compreensão dos alunos a aula de arte é vista como um lazer no meio das outras matérias curriculares, mas é que compõe as demais disciplinas, se for trabalhado e usado de maneira que desperte a criatividade e o interesse dos alunos. O teatro, dança, música tem grande escassez dentro da área escolar por isso pouco são notadas principalmente como arte e deve ser valorizada. O melhor modo de relacionar-se com o mundo e expressar seus sentimentos é por meio da arte (BARBOSA, 1991, p 83).

Ao trazermos o estudo para as escolas, refletimos de fato, no ambiente encontrará diversidade cultural, de etnias e classes. É de uma alta importância de chances aos alunos a ter experiência com o maior número de formatos de artes em sua diversidade, com o uso de diferentes matérias e modalidades artísticas integrando o aluno, ensinando a respeitar e aprender a ter convívio e tolerância com o próximo, diversificando arte e culturas.

3. ARTES VISUAIS NO ENSINO MEDIO

No ensino médio o ensino de artes visuais deve desenvolver nos alunos uma visão diferenciada de mundo, compassivo para formas e gêneros, crítico para saber o que atrai melhor e promover espaço para ma-

nifestações espontâneas da arte, através de atividades nos mais variados campos. Trazer a educação dela no ensino médio é promover e ajudar a escolher as várias probabilidades para a aceitação do aluno no conjunto contemporâneo de produção e criação visual.

Se for trabalhado esse entrosamento, acontecerá com o aluno o pensamento crítico ligado ao pensamento artístico. É eficaz o conhecimento dos muitos instrumentos de produção artística, e não se necessita ser um fim em si mesmo, mas um meio para que se consiga visualizar, constituir e produzir arte visual (MARTINS, 1998, p 43).

Na atual perspectiva o professor procura instigar o conhecimento sobre a importância de estudar artes visuais no ensino fundamental, fazendo-se imprescindível o envolvimento com o aluno nos processos deste ensino de forma interativa e dialógica, considerando o universo das artes visuais e das figuras, criando amplas possibilidades de uma integração para o desenvolvimento da reflexão, sensibilidade, percepção, compondo a matriz curricular das unidades educacionais, proporcionando vivências integradoras das modalidades artísticas.

As artes visuais conduzem os alunos a conhecerem suas limitações, dificuldades e possibilidades de desenvolver, explorar e conhecer suas potencialidades, capacidades e habilidades, colaborando assim, no crescimento nos diferentes campos do saber (OSTROWER, 1983, p 89).

Das formas modelares onde incluem outros modalidades e métodos que são modificações estéticas do século XX e resultados dos avanços tecnológicos, no início do século XXI, vendo a possibilidade de aperfeiçoar no saber de cada uma das modalidades de artes e de uma nova maneira das possibilidades de se relacionar.

A arte contemporânea é a arte de nosso tempo e o que predomina é seu conceito, pois ela pode estar presente em qualquer espaço, museus, galerias, espaços públicos, na mídia, na cidade, por toda parte.

Marcada pela quebra de padrões, pela liberdade total de criar e representar, propor situações, pesquisas e o uso de novas tecnologias, a arte contemporânea se aproxima da vida, nela tudo pode ser incorporado, o

espectador é provocado e convidado às mais variadas reflexões sobre a arte e a vida (OSTROWER, 1983, p 93).

As escolas de ensino médio, portanto, devem abrir espaço para que educandos, entendam o processo artístico e sua história, constituam novos saberes artísticos e estéticos e, com a mediação dos professores, desenvolvam e vivenciem a Arte tanto na prática como na teoria, adquirindo condições para analisar diferentes produtos culturais, compará-los e ampliar seu raciocínio crítico (FUSARI, 1993, p 82).

Não se pode imaginar uma escola que mantenha propostas educativas em que o mundo cultural do aluno fique fora da sala de aula, por outro, não se pode permitir uma escola que proporcione ao aluno o acesso às formas mais intrincadas de arte (OSTROWER, 1983, p 108).

A escola deve ter propostas de orientação para os educandos que ampliem seu conhecimento e os auxiliem a posicionar-se criticamente em sua vida social e artística, criando semelhanças que geram valores, gostos variados, conceitos sobre o ser humano, diversos grupos sociais e conceitos de mundo.

4. DESENVOLVIMENTO DA ARTE EM SALA

O professor é um agente muito importante para a aprendizagem e precisa ser bem capacitado na área artística. O professor de arte, em especial, precisa trabalhar em conjunto com os diversos outros profissionais de disciplinas diferentes que ajudam a complementar o currículo escolar.

Ele contribui bastante para a formação humana de seus alunos, abordando métodos incentivando manifestações expressivas em projetos e estes demonstram interesse pelo que praticam.

O que permite a participação da família nesse processo e traz resultados satisfatórios. De fato, a eficiência do ensino de arte depende da integração da tríade professor- criança- família e da criatividade desse profissional (CAIXETA, 1992, p 28).

Por entender a arte como uma dimensão de conhecimento humano que não pode ser negado no âmbito escolar, é relevante entender como a aprendizagem e

ensino se processa no trabalho docente quanto às escolhas metodológicas utilizadas e em que concepções elas se fundamentam (CAIXETA, 1992, p 48).

É possível desempenhar esses trabalhos interdisciplinares a fim de fornecer uma organização imponderada em um espaço cultural para o educando. Ao analisar esse quesito, as atividades utilizadas pelo educador de artes envolvem aprendizados de todos os tipos.

Vários outros fatores importantes no campo das artes visuais permitem ao professor maior flexibilidade, uma vez que pode se analisar e refletir as atividades trabalhadas durante a aula e modificá-las quando necessário para melhor fazê-la ser entendida (BARBOSA, 1991, p 45).

Através da utilização de formas, ritmos, linguagens e diversos elementos, a arte se torna um veículo da expressão do pensar, do sentir. Todo desenho, rabisco e obra artística elaborado pela criança têm sua importância devido à significação e a importância que ela dá (BARBOSA, 1991, P 106).

Quando o aluno desenha ou canta, por exemplo, ela representa algo que lhe chamou a atenção ou canta uma música de que gosta cujo texto lhe diz algo ou significa alguma coisa importante para ela (PROSSER, 2003, p 78).

O professor deve analisar e estabelecer atividades diferentes para cada idade fazendo como que se subam níveis, porque com o passar do tempo o aluno se interessa por diferentes áreas. Assim, a preocupação e a atenção voltada ao aluno despertarão o interesse do indivíduo e as artes continuarão como componente curricular (BARBOSA, 1991, p 91).

O papel do professor em artes está centralizado na valorização das diversas maneiras de aprender, acreditamos que cada aluno tem sua própria forma de interação com pessoas e mundo, assim como diferenciadas necessidades nos processos e etapas de aprendizagem. Nesse ponto, o aluno é compreendido com capacidade de organizar seu conhecimento próprio.

A formação de professores no ensino das artes requer processos fundamentais que seriam para desenvolver o intelectual de maneira inventiva e perceptiva

ao se fazer arte, ser capaz de ler imagens, como rótulos de produtos, com o objetivo de entender o sentido e a essência dessas imagens, e localizar o contexto que essas imagens podem ser inseridas, apropriando-se de atividades com outras disciplinas e assim fazendo o aluno interliga-los (PILLOTTO; MAGNOL, 2007, p 45).

Deve-se incentivar a imaginação dos alunos, para que façam mudanças significativas em nossa sociedade, porque uma criança sem imaginação é um futuro adulto de limitada capacidade de atuação (PILLOTTO; MAGNOL, 2007, p 49).

O educador deve optar por métodos e procedimentos que fazendo com que seus alunos consigam se expressar com liberdade, desenvolvendo a capacidade de ter uma imaginação fértil e melhorar seu intelecto, variações no método de ensino como ensinar em quadras e espaços abertos fazendo com que o aluno tenha outra visão e não só aquela aula engessada.

A arte visual é lembrada e também muito usada, quando necessária, para o fechamento de alguma festividade ou ciclo como encerramento de projeto escolar da escola em que o aluno é exigido para demonstrar suas habilidades tanto na confecção de adereços e cartazes como também na criação de performances para danças, poesia e músicas sem ter desenvolvido ou amadurecido com o tema no decorrer do semestre (WOLLEIM, 1993, p 119).

Aliadas a essas atividades que não permitem ao aluno construir uma significativa concepção da Arte mais abrangente, as professoras tendem a utilizar-se apenas dos poucos recursos disponíveis no seu trabalho (WOLLEIM, 1993, p 112).

Diversos estudos oferecem propostas para formação de professores o qual é capaz de auxiliá-los em suas aulas e melhor capacitar para lecionar a disciplina de artes. Oferecer aos professores subsídios necessários para analisar, refletir e formular propostas para resolver e determinar problemas existentes no ensino das artes visuais.

É preciso contextualizar o entendimento da arte como área do conhecimento e sistema comunicativo. Entender a arte como representação cultural e iniciar um processo teórico-prático do professor nas linguagens artísticas.

A partir desse ponto, temos como objetivo mostrar que o professor tem que observar a realidade de maneira crítica e com isso criar outras formas de produzir e conhecer a arte (PROSSER, 2003, p 78).

Se faz preciso que os professores sejam mais qualificados e mais auxiliados pela escola, eles devem ser contratados para entrar na imaginação do aluno, para contribuir no desenvolvimento de habilidades físicas, psicológicas, intelectuais e sociais.

Um belo trabalho que requer envolver mais que só um passar conteúdo, mas sim um se envolver em toda a sua trajetória curricular.

A arte visual precisa ser trabalhada de melhor maneira mais lúdica e afetiva com o aluno individual e coletivo, fazer com que se integre num todo as disciplinas, alunos, professores e família, procurar fazer com que se torne uma forma melhor elaborada para trazer ao aluno a arte que vive em seu meio social.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O ensino de artes na escola se faz de um grande instrumento no desenvolvimento do aluno, pois percorre em toda a trajetória escolar do aluno fazendo com que ele crie um sentimento que valoriza a cultura, despertando a sensibilidade estética e estimulando a criatividade. Por outro lado ela prioriza uma reflexão a partir de outro tipo de linguagem, “a linguagem visual”, agregando valor à linguagem escrita.

Ao importância das artes visuais, de acordo com o estudo de área, fugiremos do comodismo que é trabalhar apenas métodos comuns, e muitas vezes cansativos, devemos inovar e mostrar aos alunos coisas novas e que possam ser usadas na atualidade para entrarmos no mundo deles, em suas emoções, pensamentos e sentimentos e para que eles evoluam.

Devemos desenvolver o aluno através da arte e da integração dos seus pontos sensíveis, estéticos, intuitivos e cognitivos, promovendo a interação entre a sua maneira de se integrar com a sociedade e com o mundo, destes a construção de solidariedade, a valorização da vida, diálogo, justiça, a procura da paz, cuidados com o meio ambiente e o respeito com o próximo, é um dos objetivos centrais e principais na educação de artes no ensino.

O professor precisa estar atualizado e valorizar as artes visuais e a utiliza como método de ensino que pode acrescentar e muito nas aulas, o trabalho que eles passarão e melhor memorizarão é uma das mais principais ferramentas de aprendizagem, da infância até a vida adulta.

Tanto o aluno, os pais e professores, apesar de distintos pontos de vista, necessitam buscar novas opções de aprendizagem para agregar cultura e enriquecer o vínculo com as artes, valorizando assim mais o diálogo do educador fortalecendo e favorecendo os vínculos afetivos, elemento fundamental no processo educacional dos alunos.

Para que o professor exerça o seu papel de educador é preciso que pais e familiares em conjunto busquem auxiliá-los em suas relações interpessoais para melhor desenvolver seus filhos.

Os professores têm um papel muito importante nesse trajeto, pois devem valorizar os materiais criados por seus alunos e fazer com que eles também aprendam a valorizar suas próprias criações e as de seus colegas, desenvolvendo a solidariedade, o caráter crítico, a sensibilidade, a reflexão e a capacidade de observação sobre aquilo que vê.

Nesse entendimento, apenas o professor capacitado na área pode aproximar o aluno com prioridade as artes visuais fazendo-o despertar o interesse, para que assim o ensino dela se torne um atrativo na visão do aluno.

O melhor caminho para levar o aluno a situações de conflito no qual ele deve fazer a reflexão e ao mesmo tempo trabalhar o seu intelecto, tomando o próprio rumo para o aprendizado, subindo gradativamente para ser o maior privilegiado, assim crescendo e evoluindo, seguindo um ritmo que possa influenciar em sua vida e criando novas possibilidades de atuação profissional.

REFERÊNCIAS

ALBINATTI, Maria Eugênia Castelo Branco. Artes visuais. Artes II. Belo Horizonte. 2008

AZEVEDO JUNIOR, José Garcia de. Apostila de Arte – Artes Visuais. São Luís: Imagética Comunicação e De-

sign, 2007.

BARBOSA, A. M. A Imagem no Ensino da Arte: Anos oitenta e Novos Tempos. São Paulo: Perspectiva: Porto Alegre: Fundação IOCHDE, 1991.

BOSI, Alfredo. Reflexões sobre a arte. 7. ed. São Paulo: Ática, 2000.

CAIXETA, Sandra Maria Bianchini. Educação hoje. Goiânia: Kelips, 1992.

FERRAZ, Maria Heloisa C. e FUSARI, Maria F. de R. Metodologia do Ensino da Arte. 2ª edição. São Paulo: Cortez, 1999.

FISCHER, Ernst. A Necessidade da Arte. Rio de Janeiro: Zahar, 1983.

FUSARI, Maria F. de R. e FERRAZ, Maria Heloisa C. Arte na Educação Escolar. São Paulo: Cortez, 1993.

LAVELBERG, Rosa. Para gostar de Aprender Arte: Sala de Aula e Formação de Professores. Porto Alegre, Artmed, 2003.

MARTINS, Miriam Celeste Ferreira Dias. Didática do Ensino da Arte: a língua do mundo: poetizar, fluir e conhecer a arte. São Paulo: FTD, 1998.

MONGOL, Letícia Coneglian; PILLOTO, Silvia Sell Duarte. A arte no contexto de Educação Infantil. In: OLIVEIRA, Marilda Oliveira de. Arte, Educação e Cultura. Santa Catarina: Ed. da UFSM, 2007.

OSTROWER, F. Universos da Arte. Rio de Janeiro: Campos Ltda, 1983.

PANOFSKY, Erwin. Significado nas artes visuais. Lisboa: Editorial Presença, 1989.

PROSSER, Elisabeth Seraphim. Ensino de Artes. Curitiba: IESDE Brasil S.A., 2003.

WOLLEIM, Richard. A arte e seus objetos. Trad: Marcelo Brandão Cipolla, São Paulo: Martins Fontes, 1993.



MATEMÁTICA FUNDAMENTAL NO ENSINO

Edna dos Santos Silva Benatti

Graduada em Matemática pela UNICASTELO- Universidade Camilo Castelo Branco em 1995; Professora de Ensino Médio (Matemática) na E.E Prof Zilda Braconi Amador e Professora de Ensino Fundamental na EMEF Prof Chico Falconi.



RESUMO

Este artigo trata-se do ensino de matemática no ensino fundamental e tem como objetivo auxiliar e mostrar aos interessados no ensino da matemática para entender e saber lidar com as dificuldades encontradas na prática dessa matéria e principalmente na transmissão e transparência dos seus conteúdos matemáticos aos mais variados tipos de alunos. As aplicações do ensino estão se desenvolvendo ao aprendizado pedagógico do educando está sendo modificada e o ensino dessa disciplina está tendo avanços expressivos para adquirir conhecimento, fazendo com que o aluno seja mais reflexivo, receptivo e interativo nesta matéria.

Palavras-Chave: Matemática; Educação; Metodologias.

ABSTRACT

This article deals with the teaching of mathematics in elementary school and aims to help and show those interested in teaching mathematics to understand and know how to deal with the difficulties encountered in the practice of this subject and especially in the transmission and transparency of its mathematical contents to the most different types of students. The applications of teaching are being developed to the pedagogical learning of the student is being modified and the teaching of this discipline is having significant advances to acquire knowledge, making the student more reflective, receptive and interactive in this matter.

Keywords: Mathematics; Education; Methodologies.

INTRODUÇÃO

A matemática no ensino fundamental tem uma ampla importância para a vida do aluno, pois contribuem como base para as demais séries do fundamental. O ensino faz com que ele se desenvolva principalmente quanto aos conceitos lógicos de analogias em matemática, onde serão utilizadas posteriormente, ao longo de sua vida.

Quando uma criança inicia sua trajetória na escola, precisa se respeitar o desenvolvimento dela anterior a escola, tendo em vista que ela traz toda uma vivência antes de ingressar na escola, desenvolvendo por meio de suas experiências do dia-dia, muitas destas experiências vem do envolvimento com o meio que vive com os familiares e de brincadeiras.

O aluno quando no início das séries escolares devem ser envolvidos em atividades matemáticas que auxiliem a construção da aprendizagem de forma considerável, e esse aprendizado deve ser mediado pelo educador que por isso precisa estar atento e aberto para novas metodologias de ensino, fazer o uso dos mais variados recursos didáticos e pedagógicos e também trabalhar com conteúdo e conceitos matemáticos.

O professor em sua função precisa compreender o aluno como um todo, observar suas dificuldades e suas formas de adquirir aprendizagem, observar seu meio no qual onde leciona e repensar o currículo escolar que ele vive, construir significações juntos aos pares e assim estar em constante formação para atender o seu meio e se tornar melhor, facilitando o seu trabalho para com o ensino.

O aprendizado escolar depende de vários fatores para se tornar satisfatório para o aluno nos anos iniciais, como o espaço de sala de aula, o tempo, os materiais disponíveis e a preparação do professor em trabalhar com diferentes metodologias, além do fundamental, o domínio sobre o conteúdo trabalhado. Assim, se espera dos primeiros anos de escola que os alunos sejam capazes de desenvolver habilidades, das quais impulsionam a aprendizagem de matemática futura para o seu desenvolvimento. (ALMEIDA, 1995, p 45)

1. MATEMÁTICA NO ENSINO FUNDAMENTAL

A aprendizagem de matemática no ensino se dá pela razão do seu uso cotidiano, por estar na vida das pessoas desde os seus primeiros anos de vida, logo se torna imprescindível seu uso e ensino da matemática nas escolas e a conseqüente necessidade de sua aprendizagem deve-se ao fato de esta ser extremamente presente no dia a dia da sociedade.

Vale lembrar que os estudos e conceitos matemáticos que conhecemos estão sendo acumulado a cerca de 3000 a. C., pois uma pessoa que se considera estudado deve essencialmente conhecer alguns desses fatos de destaque.

Um dos fatores que vale ser lembrado, é que pessoas que visam ter altos cargos em variadas profissões, de maior destaque, normalmente necessitam conhecimento matemático, ou seja, se uma pessoa visa ter um futuro com um melhor status social proporcionado por essas profissões, é necessário ser bom em matemática (AZEVEDO, 2007, p 95).

Com o crescente e progressivo avanço da ciência e tecnologia, a aprendizagem se faz um processo que exige que cada vez mais novas maneiras de construir os conhecimentos e se transforma numa exigência da sociedade atual, sendo indispensável para o crescimento pessoal, profissional e, conseqüentemente o econômico das pessoas.

Os estudiosos mostram que os conhecimentos matemáticos não ficam isentos das constantes mudanças e efeitos de todo esse desenvolvimento que o mundo sofre constantemente. Atualmente, para diversos autores e matemáticos, a matemática pode ser adotada tanto como ciência básica formal como extremamente

rigorosa, um conjunto de habilidades práticas indispensáveis á sobrevivência humana.

O conjunto de ideias assim em meio a esses estudos reflete que os alunos devem pôr em pratica e se fazer entender e acreditar, contudo que a matemática na atualidade é necessária para sua sobrevivência, ela facilita e melhora o raciocínio lógico.

As bases de estudos e métodos para ensinar os alunos na escola em específicos para a matemática, fornecem primeiramente os argumentos para a necessidade de se aprender matemática nos primeiros anos do aluno no ensino. A matemática é uma das melhores ferramentas que servem para a vida cotidiana dos alunos e também para muitas outras tarefas específicas em quase todas as atividades e áreas da vida.

De acordo com nossas linhas de raciocínio, vejamos que podemos exemplificar como a matemática se faz presente em quase tudo em nossa vida, por exemplo, imaginemos uma simples ida ao mercado para fazer uma compra com N itens e um valor X, pode-se perceber a aplicabilidade dessa ciência durante todo o momento de sua estadia nesse simples local do nosso cotidiano.

A matemática contribui para o desenvolvimento de processos de pensamento e a aquisição de atitudes, cuja utilidade e alcance ultrapassam a própria matemática, podendo desencadear no aluno a capacidade de resolver problemas, criando hábitos de investigação, proporcionando confiança e desprendimento para analisar e enfrentar situações novas. Assim de acordo com o entendimento vemos que também auxilia na formação de uma visão ampla e científica da realidade, a percepção da beleza e da harmonia, o desenvolvimento da criatividade e de outras capacidades pessoais. (MIORIM; FIORENTINI, 2008, p 138).

Diante do estudado conseguimos ver que quando se avalia as recomendações contidas no material é ainda maior a responsabilidade do ensino da matemática, e também se constata que cada vez mais existem recomendações, metas e sugestões a serem cumpridas, entretanto pouco acontece de fato realmente em sala de aula e tudo permanece apenas no papel.

É necessário muito mais além do que só explicar, informar, repetir e/ou aplicar os conteúdos em atividades

aos alunos, para dar vida e ilustrar à aprendizagem de matemática, de maneira que o aluno efetue uma melhor aprendizagem significativa do material ensinado.

Uma outra forma dos alunos se sentirem desafiados a pesquisar e saber mais do conteúdo matemático, é recomendar atividades extraclasse a eles, uma visita no entorno do bairro onde a escola se localiza, há necessidade de mobilização entre as partes aluno, pais e escola, que é aquela proveniente de eles trabalham em conjunto para auxiliar no desenvolvimento do aluno, para uma aprendizagem significativa o aluno, de maneira automática, precisa demonstrar-se motivado à aprender, a matemática que é avaliada por muitos a grande vilã das reprovadas escolares.

2. METODOS ATUAIS DE ENSINO

Nos dias atuais nas escolas de ensino fundamental, se fala muito sobre a precisão de revisão dos métodos atuais de ensino praticado pelos professores em sala de aula, há muita diferença no o que é lecionado e a real aprendizagem dos alunos, ficando bem abaixo das perspectivas.

O ensino matemático desenvolvido dentro das escolas ao ser observado, nota-se que o aprender da matemática se tornou um algo que causa pânico ou medo nos alunos, o que dificulta o ensino na escola e faz com que o aprender em sala se torne mais complicado.

O professor de matemática precisa levar ao conhecimento do aluno situações novas, implementar uma didática baseada em livros e bem direcionada além dos muros da escola, utilizando situações práticas e de vivência (MIORIM, 2008, p 66).

Nesse sentido, várias vezes o que foi pautado nos nossos parâmetros de ensino como um assunto para proporcionar o contato com a lógica, com o desenvolvimento do pensamento e processo de raciocínio acaba ocasionando problemas associados ao processo aprendizagem do aluno.

O aluno do ensino fundamental precisa de estímulo para estudos, devemos expor situações em seu cotidiano que envolva aplicações matemáticas, o professor deve introduzir em seu planejamento, isso mostra ao aluno que os conteúdos estudados em sala possui uma grande importância para as várias classes da sociedade.

O cotidiano está impregnado dos saberes e fazeres próprios da cultura. A todo instante, os indivíduos estão comparando, classificando, quantificando, medindo, explicando, generalizando, inferindo e, de algum modo, avaliando, usando os instrumentos materiais e intelectuais que são próprios à sua cultura (MACHADO, 1990, p 93).

Nos dias de hoje as aulas comuns de matemática acontecem por meio de exposição teórica do conteúdo por livros e apostilas, cópia do quadro e repetição de exercícios, o que muitas das vezes dificulta um processo de ensino e aprendizagem significativo para o aluno, pois várias tecnologias estão podendo ser usadas e assim facilitar o aprendizado.

Nesse modo de ensino atual de como se aprende matemática nas escolas, se faz necessário de uma revisão destes métodos pelos educadores para informatizar e trazer para os dias atuais para melhor se adequar ao ensino.

Uma das melhores maneiras de auxiliar no exercitar dessa consciência de trabalhar a matemática no cotidiano é através das tarefas para casa, que devem ser vistas pelos alunos e pelos pais não como uma punição e sim como um período de treinar aquilo que foi ensinado, praticar o que aprenderam em sala de aula ou até mesmo um momento de constatar se realmente compreenderam o que foi passado pelo professor.

Existem vários exemplos da utilização da matemática no cotidiano que são importantes para o professor aplicar em sala de aula, pois ao transmitirem seus conhecimentos, repassam aos alunos situações diárias comparando com a realidade mais próxima, refletindo num melhor aprendizado e ao mesmo tempo estimulando o raciocínio lógico. (BARBOSA, 1991, p 132).

O trabalho de ensinar com situações de exercícios de raciocínio lógico indicando características de cada dia possuindo características próprias, onde a elucidação de algumas atividades por parte dos alunos visando à consolidação da confiança e da auto-estima em si para conseguir interligar o seu estudo com algo comum de sua vida. Um aluno confiante e estimulado no ensino pode ter seu desenvolvimento e suas habilidades aprimoradas com maior facilidade.

A matemática nos dias atuais tem um caráter mais direcionado para o lado construtivista, valorizando a participação do aluno na constituição do seu próprio conhecimento e é à partir dos erros do estudo cometidos pelos alunos que poderemos compreender as interpretações por eles realizadas e assim, reavaliar sua prática e melhor conduzi-los para o acerto.

3. RECURSOS DIDÁTICOS NO ENSINO DA MATEMÁTICA

A muito tempo se discute sobre a utilização ou não de recursos didáticos externos a sala de aula nas escolas para facilitar a introdução do conteúdo, e nas discussões que ela causa para melhoria do ensino, porém ela ainda não é muito bem vista pelo ensino, pois acham ainda que esse tipo de ação nas escolas podem atrapalhar na transmissão do conteúdo e em sua conclusão.

As ferramentas mais usuais nas escolas que são o quadro negro, livros didáticos e apostilas são importantes instrumentos para a divulgação conteúdo do ensino matemático no ensino, porém nos dias atuais se faz necessário o uso de mais recursos, pois o aluno precisa encontrar e relacionar com a matemática no seu dia-a-dia.

Entre os recursos didáticos que pode ser utilizados na educação de conteúdos matemáticos como em revistas, literatura, as artes, DVD, computador, internet, aplicativos, jogos, jornais, entre outros, um exemplo disso é nas revistas e jornais que podemos retirar algumas notícias que fazem relações com os conteúdos de matemática, propondo aos alunos com base na notícia escolhida a produção de situações problemas.

Na internet e em bibliotecas podemos encontrar conteúdos pedagógicos como filmes, desenhos que simplificam conteúdos matemáticos e por assim fazerem parte de um conteúdo programado para crianças ou de fácil entendimento, facilitam a introdução de matéria e faz com que aprendam o conteúdo mais rapidamente.

Essa diversidade de recursos didáticos que temos ao alcance do professor para facilitar e enriquecer a aula de matemática nas escolas fazem com que o conteúdo se torne mais interessante, estimulando os alunos em seu desenvolvimento para pesquisa e o raciocínio lógico.

4. ESTRATÉGIAS DE ENSINO

O ensino fundamental no seu trajeto escolar deve procurar trabalhar o aprendizado da matemática e ter como um dos principais objetivos contribuir para a formação básica da cidadania do aluno na escola. O seu desenvolvimento está bastante associado em conjunto com o seu meio entre a inserção do aluno na matemática escolar e com o ambiente com o qual vive fora da escola.

Os alunos podem adquirir e desenvolver algumas habilidades nesse período do ensino, que o uso e o exercício de conteúdos matemáticos em sala podem proporcionar como a criatividade, iniciativa, técnica para abordar e trabalhar os problemas, o trabalho em grupo, diálogo entre outros.

Para que o aluno entenda e faça uma melhor relação entre a matemática e o mundo, assimilando o seu conhecimento com o ambiente ao qual ele vai estar inserido na sociedade, ele precisa compreender as informações dadas a ele, a matemática contribui grandemente na compreensão dessas informações, pois a sua aprendizagem vai além de contar e calcular, ela nos permite analisar as informações, medir e interpretar os dados estatísticos, ler, analisar e criar gráficos e ampliar cálculos de probabilidade, auxiliando em outras áreas do conhecimento.

Nas escolhas das suas profissões em que os alunos podem fazer ao longo da vida, os conhecimentos matemáticos podem facilitar no aprendizado de várias outras ciências e conteúdos aplicados as áreas de interesse, como: economia, engenharia, física, química, biologia, psicologia, composição musical, coreografia, arte, esporte e etc (BORIN, 2004 p 78).

Para que todo esse conhecimento matemático seja bem trabalhado e compreendido pelo aluno é necessário que os pais e o professor trabalhem em conjunto e utilizando algumas técnicas onde facilita a compreensão matemática.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A importância do ensino fundamental em um mundo no qual as suas necessidades sociais, culturais e profissionais adquirem contornos novos a todo momento,

todas as áreas requerem de alguma forma competência em matemática para facilitar o serviço.

Por esse motivo se faz necessário que o ensino de matemática nas escolas proporcionem muitas alternativas que transmitam e levem os alunos não somente o conceitos matemático, mas que também os levem a desenvolver um pensamento crítico e ao mesmo tempo relacionando se com sua criatividade, proporcionando lhes a capacidade de fazer descobertas e assim conseguindo compreender o mundo em todos os seus aspectos.

A matemática está conectada à compreensão de grande parte das coisas e também a vida do aluno, isto é, construir com significado um ser pensante que assim pode aprender o significado de um componente ou acontecimento, aprender a praticar relações entre eles para assim viver melhor.

As mais variadas necessidades diárias de cada aluno ajudam eles a desenvolver uma inteligência mais prática, onde permite buscar e selecionar informações, reconhecer problemas fazendo-os tomar decisões importantes e, portanto, desenvolver uma ampla capacidade para lidar com a atividade matemática. Quando essa capacidade é trabalhada na escola ela é potencializada e uma melhor aprendizagem ela apresenta tendo assim um melhor resultado do ensino.

Se faz de grande importância ao trabalhar com o ensino matemático, que estes sejam explicados e exemplificados de forma clara e que se tenha o domínio sobre o que se está falando para os alunos, pois serão conceitos que servirão de base para toda matemática escolar, desta forma o professor deve sempre manter-se em constante estudo sobre o que irá ensinar em sala, se aprimorando para assim ter o total controle e domínio do conteúdo.

O lúdico deve ser valorizado e mais utilizado no ensino de matemática, por trazerem uma variedade de formas de ensino e facilitar no ensino do conteúdo. Os jogos é um bom exemplo disso, pois podem ser utilizados em sala de aula para desenvolver o conhecimento matemático e também associado a linguagem, pois o aluno em algumas situações deve se estabelecer criticamente sobre o momento do jogo. Tendo em vista que várias atividades desta natureza auxiliam no desenvolvimento da criança, fazem elas interagirem, tro-

carem experiências e criarem suas aprendizagens através destas trocas se mostram muito produtivas.

O lecionador deve procurar estar sempre a frente dos conteúdos e as tendências tecnológicas em seu meio para ser um dos principais incentivadores da aprendizagem para o aluno, o professor deve estimular o aluno a uma melhor forma de uma aprendizagem, que se dá a partir da realização de atividades em sala de aula que imitem a realidade vivenciada por esse aluno no seu cotidiano, desta forma criando uma aprendizagem mais duradoura e significativa na vida desse estudante.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Paulo Nunes de. Educação lúdica: técnicas e jogos pedagógicos. São Paulo: Loyola, 1995.

ALMEIDA, S. C. Dificuldades de aprendizagem em Matemática e a percepção dos professores em relação a fatores associados ao insucesso nesta área. Brasília: UCB, 2006.

AZEVEDO JUNIOR, José Garcia de. Apostila de Arte – Artes Visuais. São Luís: Imagética Comunicação e Design, 2007.

BARBOSA, A. M. A Imagem no Ensino da Arte: Anos oitenta e Novos Tempos. São Paulo: Perspectiva: Porto Alegre: Fundação IOCHDE, 1991.

BARRETO, M.G.B. A formação continuada de matemática dos professores dos anos iniciais do ensino fundamental e seu impacto na prática de sala de aula. 2011.

BORCHARDT. T.T. A Sociedade Educativa e a Subjetivação de Professores que Ensinam Matemática nos Anos Iniciais da Educação Básica. 2015.

BORIN, Júlia. Jogos e resolução de problemas: uma estratégia para as aulas de matemática. 5ª. ed. São Paulo: CAEM / IME-USP, 2004, 100p.

BRASIL. Pacto Nacional pela Alfabetização na Idade Certa: Apresentação. Ministério da Educação, Secretaria de Educação Básica, Diretoria de Apoio à Gestão Educacional. Brasília: MEC, SEB, 2014.

CARVALHO, Dione Lucchesi de. Metodologia do ensino de matemática/ Dione Lucchesi de Carvalho. – São

Paulo: Cortez, 1991.

CRISTOVÃO, Eliane Matesco. Pelos Caminhos de uma nova experiência no ensino de Geometria. In: FIORENTINE, Dario; MIORIM, Maria Ângela: Por trás da porta, que matemática acontece? Campinas, SP: Editora Graf. FE/ Unicamp – Cempem, 2001.

D'AMBROSIO. Ubiratan Da realidade à ação: reflexões sobre educação e matemática/ Ubiratan D' Ambrosio- São Paulo: Summus: Campinas: Ed. Da Universidade Estadual de Campinas, 1986.

D'AMBROSIO, U. Educação Matemática: da teoria à prática. Campinas, Papyrus, 2001 (Coleção Perspectiva em Educação Matemática).

EBERHARDT, I. F. N.; COUTINHO, C. V. S. Dificuldades de Aprendizagem em Matemática nas Séries Iniciais: diagnóstico e intervenções. Vivências. Erechim, RS, v. 7, n. 13, p. 62-70, out., 2011.

FELICETTI, Vera Lúcia. Linguagem na construção matemática. Revista Educação Por Escrito, v. 1, n. 1, Porto Alegre: PUC-RS, junho de 2010.

FIORENTINI, Dario. Alguns modos de ver e conceber o ensino da matemática no Brasil. Revista Zetetiké, Campinas, ano 3, n. 4, 1995.

FIORENTINI, D. . Rumos da Educação Matemática: O professor e as mudanças didáticas e curriculares. In: II Seminário de Avaliação das Feiras Catarinenses de BRUSQUE, R.. Rumos da Educação Matemática: O professor e as mudanças didáticas e curriculares, 2001.

FIORENTINI, Dario.; LORENZATO, Sergio. Investigação em Educação Matemática: percursos teóricos e metodológicos. Campinas, SP: Autores Associados, 2006.

MACHADO, Nilson José. Matemática e língua materna. São Paulo: Cortez, 1990.

MACHADO, Nilson José. Interdisciplinaridade e Matemática. Pro-Posições, v. 4, n. 1, p. 24-35, março de 1993.

MIORIM, Maria Angela; FIORENTINI, Dario. Uma reflexão sobre o uso de materiais concretos e jogos no ensino de Matemática. Boletim SBEM-SP, São Paulo, v.

7, p. 5- 10, 1 ago. 1990. Disponível em: <http://www.matematicahoje.com.br>; acesso em: 13 jul. 2008.

SANTOS, J. A.; FRANÇA, K. V; BRUM dos SANTOS, L. S. Dificuldades na Aprendizagem de Matemática. 2007. 41 f. Trabalho de Conclusão de Curso. – Graduação em Licenciatura em Matemática do Centro Universitário Adventista de São Paulo, São Paulo, 2007.



NOVA GERAÇÃO
Assessoria Educacional

EDUCAR E EVOLUIR